

FOLHETIM 12

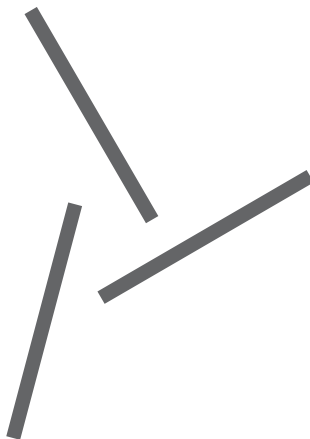
FOLHETIM 12

Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro

ISSN 1982-5986

O amor, signo de que trocamos de discurso

ANO XIV · NÚMERO 12 · JUNHO 2016



FOLHETIM
Ano XIV – Número 12
Junho 2016
ISSN 1982-5986

Editor Responsável
Vera Pollo

Editor Executivo
Bela Malvina Szajdenfis

Comissão Executiva
Felipe Grillo
Julie Travassos
Leonardo Pimentel
Luciene Costa
Maria Luísa Rodrigue

Abreviaturas utilizadas nesta Revista
A.E.: analista da Escola
A.M.E.: analista membro da Escola
IF-EPFCL: Internacional dos Fóruns da Escola de
Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano
FCL: Fórum do Campo Lacaniano

Conselho Editorial

Antonio Quinet
(UVA-RJ / EPFCL-Brasil)
Andréa Franco Milagres
(PUC-Minas Gerais / EPFCL-Brasil)
David Bernard
(Université de Rennes 2 / EPFCL-França)
Florencia Faria
(Universidad de Buenos Aires /
EPFCL – Argentina)
Gloria Patricia Peláez Jaramillo
(Universidad de Antioquia /
EPFCL-Colômbia)
Luis Achilles Rodrigues Furtado
(UFC-Campus de Sobral / EPFCL-Brasil)
Luiz Werneck Viana
(PUC-Rio de Janeiro-Brasil)
Raul Albino Pacheco Filho
(PUC-SP / EPFCL-Brasil)
Sonia Alberti
(UERJ-RJ / EPFCL-Brasil)
Tania Cristina Rivera
(UFF-RJ / Corpo Freudiano do Rio de Janeiro)

Ficha catalográfica

FOLHETIM / Fórum do Campo Lacaniano
do Rio de Janeiro. – Ano III, n. o (2001). –
Rio de Janeiro, FCL-RJ, 2001.

Semestral
ISSN 1982-5986

1. Psicanálise – periódicos. I. Fórum do
Campo Lacaniano do Rio de Janeiro

CDD 150.195

Catálogo: Luciene Costa – Bibliotecária CRB/7 – 6044

FÓRUM DO CAMPO LACANIANO – RIO DE JANEIRO

Internacional dos Fóruns – Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL)
Rua Goethe, 66/2º andar – Cep 22281-020 – Botafogo – Rio de Janeiro – Brasil
Tel/Fax: (21) 2527-6624 – Site: <http://www.campolacanianorj.com.br> – E-mail: fcl-rio@fclrio.org.br
E-grupos: fcl-rio@yahoogrupos.com.br (grupo restrito aos membros do Fórum do Rio de Janeiro)
secretaria@fclrio.org.br / biblioteca@fclrio.org.br

Sumário

Editorial 9
Vera Pollo

O AMOR, SIGNO DE QUE TROCAMOS DE DISCURSO

Os estados do amor 17
Sidi Askofaré

(Des)enlace analítico: outro desejo, novos laços 29
Marcia de Assis

O paradoxo da necessidade de amar 41
Ricardo de Barros Cabral

*Eu matei minha mãe: sobre o paraíso
e o purgatório entre mãe e filho* 51
Felipe A. Garcia Grillo

Transferência: o outro nome do amor 63
Sandra Mara Nunes Dourado

Orgulho e preconceito... gay 71
Leonardo Pimentel

O amor no sentido genital
na fantasia “bate-se em uma criança” 83
Luciana Piza

OUTROS TEMAS

Sobre o fim 95
Rosane Braga de Melo

Figuras de deidades soberanas
das margens e do estrangeiro 103
Matías Buttini

Demanda no ar 115
Jorge Chapuis

RESENHA

Da fantasia de infância
ao infantil na fantasia 131
Bela Malvina Szajdenfisz

Contents

Editorial	9
<i>Vera Pollo</i>	

LOVE, SIGN THAT WE CHANGE THE DISCOURSE

The states of love	17
<i>Sidi Askofaré</i>	

Psychoanalytic (un)linking: another desire, new bonds	29
<i>Marcia de Assis</i>	

The paradox of the necessity to love	41
<i>Ricardo de Barros Cabral</i>	

<i>I Killed my Mother</i> : about the paradise and the purgatory between mother and son	51
<i>Felipe A. Garcia Grillo</i>	

Transference: the other name of love	63
<i>Sandra Mara Nunes Dourado</i>	

Gay... pride and prejudice	71
<i>Leonardo Pimentel</i>	

Love in the genital meaning in the fantasy “a child is being beaten”	83
<i>Luciana Piza</i>	

OTHER THEMES

About the end 95

Rosane Braga de Melo

The figures of sovereign deities
from the edges and alien places 103

Matías Buttini

Demand in the air 115

Jorge Chapuis

REVIEW

From the fantasy of childhood
to the childness in the fantasy 131

Bela Malvina Szajdenfisz

“O amor é signo de que trocamos de discurso”, a frase que extraímos de *O Seminário, livro 20*, de Lacan, nos parece o melhor resumo da série de textos que compõem a seção temática deste *Folhetim 12*. Inscrevem-se, em sua maior parte, no tema que estivemos debatendo em Medellín, em julho deste ano, por ocasião do IX Encontro da Internacional dos Fóruns (IF) e V Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), *Enlaces e desenlaces segundo a clínica psicanalítica*.

O texto de Sidi Askofaré, membro do Fórum de Toulouse, é a conferência de abertura deste número, assim como foi a abertura dos trabalhos do Fórum do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2016. Sidi o intitulou *Os estados do amor*, como ele próprio nos relatou, ao se deixar inspirar pela obra de Zygmunt Bauman sobre a fragilidade dos laços entre os homens. Bauman forjou o sintagma “amor líquido”, hoje bem conhecido, para nomear o laço amoroso na contemporaneidade. Sidi se põe a indagar, logo de saída, o que separa os laços com fim dos laços que parecem não ter fim. Seu texto nos conduz passo a passo ao encontro da especificidade do laço analítico, única forma de laço que visa à perda do poder do agente. Duas passagens destacam-se em seu texto  uma, ele nos recomenda enfaticamente a leitura da correspondência de Freud com o pastor Pfister e com Jung; na outra, ele conclui que a ética da psicanálise, tal como Lacan a concebe, deriva de princípios que se podem isolar a partir das reservas e críticas de Freud à educação, à religião e à medicina.

O trabalho de Márcia de Assis, do Fórum do Campo Lacaniano de Niterói, apresentado em um Seminário de Escola do

Fórum Rio, consiste em uma pesquisa sobre o ponto de finitude de uma análise e o que se apresenta no percurso analítico, com ênfase no sintoma e na sequência dos afetos. Segundo Márcia, os afetos se estendem dos amores com a verdade à “depressão de fim”, termo que ela toma emprestado de Luis Izcovitch  que se define, não como um afeto-signo, mas, como “índice de uma travessia”. Ela se refere também ao entusiasmo como “o afeto que está ao lado da satisfação de fim”, e considera pertinente que o cartel do passe indague se houve ou não mudança no campo amoroso do sujeito no decorrer da análise.

O texto de Ricardo Cabral, do Fórum Rio, parte da afirmação de seu interesse pelo que é nomeado como “invariantes da psicanálise e sua clínica”. Ele discorre sobre a tríade lacanian na necessidade, demanda e desejo e propõe, em uma forma ao mesmo tempo simples e aforística, que “não há outro fim para a psicanálise, senão refazer laços de amor”. Jogando com a distinção por vezes tênue entre os verbos necessitar e precisar, e com a ambiguidade do termo “preciso”, Ricardo declara que uma análise pode refazer os laços de amor, porque, embora o amor não seja necessário, ele não é “preciso”. É pelo menos o que diz a letra da música que ele cita: “As coisas não precisam de você, quem disse que eu tinha que precisar?”

Em *Transferência: o outro nome do amor*, Sandra Mara, do Fórum de Fortaleza, desdobra a relação entre o amor e o saber, ressaltando que não está se referindo a qualquer saber, mas ao “saber insabido” que é posto em jogo no decorrer de uma análise, ou seja, um saber que se inventa para semidizer a verdade. Já Felipe Grillo decide indagar o amor filial de Hubert, personagem do filme *Eu matei minha mãe*, de Xavier Dolan. Trata-se de um amor a tal ponto conturbado, que o jovem sujeito sente-se totalmente incapaz. Hubert já não sabe se ama ou não, pois o fato é que ele “ama odiar e odeia amar sua mãe.” Para esclarecer a posição deveras enigmática desta personagem, Felipe recorre às elaborações de Colette Soler sobre a função materna, assim como à poesia de

Viviane Mosé e a mais alguns autores. Próximo ao fim, ele comenta a função mais-de-gozar do objeto *a*.

Leonardo Pimentel demonstra em um texto contundente, intitulado *Orgulho e preconceito... gay*, que, embora as homossexualidades não constituam um conceito psicanalítico, mas “uma forma nominalista de tratamento do discurso social”, nada impede que a homossexualidade “manifesta” seja violentamente atacada. Ela o é, explica-nos o autor, justamente por dar-a-ver o estranho-familiar que habita em cada um de nós e desperta angústia, já que estamos submetidos à lógica da heteronormatividade: macho <> fêmea-filhos. O ataque de que o homossexual é vítima seria então a consequência privilegiada da instigação de “uma afronta ao imaginário da relação sexual enquanto algo que existiria”, pois, “enquanto o amor insiste em unir dois corpos, o sexo demonstra a solidão do gozo.”

Em seu texto, Luciana Piza desenvolve com clareza os três tempos da fantasia “bate-se em uma criança”, e responde à pergunta que ela própria levanta no início: “O que Freud quer precisar com a expressão ‘amor no sentido genital’?” Ela nos recorda que a visão ampliada que a psicanálise tem do amor não é propriamente uma inovação histórica, mas débito de Freud com Platão. Em seguida, afirma, com Lacan, que a transformação que faz do espancamento não um representante da falta de amor, mas, ao contrário, um símbolo do amor resulta de um desmentido da existência do rival, simultâneo à afirmação da existência do sujeito. Em certo momento de seu texto, Luciana abre um parêntese para indagar se esta mesma mensagem de negar o rival e afirmar a existência do sujeito não estaria subjacente ao gesto do papa Francisco de beijar os pés dos imigrantes refugiados.

A seção *Outros temas* nos traz primeiramente um trabalho de Rosane Melo sobre sua experiência de passadora e de passante. Ela assinala para nós que funcionar como passadora, permitiu-lhe verificar *in vivo* como a pluralidade de línguas se efetiva em nossa comunidade e no trabalho analítico de decifração. Sua experiência

como passante lhe permite afirmar que “o desejo do analista, dito inédito, decidido e advertido, impele ao ato”. E, como a experiência do passe faculta um certo acréscimo de saber, o passante se torna, “*ipso facto*, responsável pelo progresso da Escola.”

Em seguida, podemos ler duas importantes contribuições de colegas de Fóruns de outros países. Matías Buttini, do Fórum do Rio de la Plata, na Argentina, apresenta-nos um trabalho que é, ao mesmo tempo, a discussão do lugar do analista na condução do tratamento de um sujeito paranoico e uma “leitura particular” de antigas figuras gregas condensadas no mito de Perseu. O paciente, um sujeito paranoico, indaga-lhe sem meandros desde o primeiro momento: “De quê você me servirá?”

De acordo com o texto de Buttini, é possível sustentar que a clínica psicanalítica cotidiana se amplia e enriquece com saberes advindos de outras fontes; em seu caso, com o estudo da Antiguidade e dos mitos gregos. Entre suas citações, destaca-se para nós a frase de Giorgio Agamben sobre a estrutura topológica de umbral, que é também a topologia do estado de exceção. É possível “estar-fora e, contudo, pertencer” a essa estrutura, afirmação que muito nos lembra esta passagem de Lacan: “o desejo do analista é o lugar de onde se está fora sem pensar nele, mas no qual encontrar-se é ter saído para valer” (Lacan, 1967/2003, p.270).

Já o trabalho de Jorge Chapuis, membro fundador do Centro de Investigaciones Psicoanálisis y Sociedad, de Barcelona, tem um título curioso: *Demanda no ar*. Em seus termos, ela seria uma demanda bem particular, que não visa a um trabalho analítico senso estrito, mas apenas a uma intervenção bem delimitada, em que, todavia, o analista aposta na perspectiva de que possa vir “a amadurecer uma transferência analítica”. O autor declara ter certa afinidade com a ferramenta topológica, por isso é levado a comentar borromeamente a encruzilhada de seu paciente. Apresenta-nos em seu texto as duas formas de se fazer um Nó bo4: pelo sinthoma, como amarração do simbólico, ou pela “realidade psíquica”, que fixa o imaginário. Mas Chapuis observa também

que Michel Bousseyroux propõe um enodamento de cinco aros correspondente à “nominação do real do pai pela angústia.” E encerra seu texto com uma série de perguntas.

Folhetim 12 traz ainda a resenha do livro de Ana Laura Prates Pacheco *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia*, escrita por Bela Malvina Szajdenfisz. O livro de Ana Laura foi objeto de uma apresentação e de debate no Fórum Rio, na atividade intitulada *Conversa com os escritores*. Bela destaca primeiramente que os dois “belíssimos prefácios”, escritos respectivamente por Antonio Quiñet e Pablo Peusner, anunciam a posição de ensinante da autora do livro e ressaltam, sobretudo, como Ana Laura soube habitar “a fronteira móvel da conquista analítica”. Bela comenta paulatinamente cada um dos cinco capítulos do livro, e adverte para o fato de que um analista desavisado, deixando-se embarçar com a fantasia de infância que povoa o seu próprio imaginário, poderia vir a ocupar a posição de mestre, pois, como afirma Ana Laura, é preciso nos darmos conta de que, “a despeito das teorias sobre a maturação e a cognição, há algo que não desenvolve”.

Aquilo que não desenvolve, mas cabe nas palavras, cabe então nos versos poéticos de Viviane Mosé:

Sua presença me presença em mim
 Presença em mim
 Presença
 Ausência me devolve
 No meu deserto a palavra cabe

Vera Pollo

Referência bibliográfica

LACAN, Jacques. (1967) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 265–287.

O AMOR, SIGNO DE QUE
TROCAMOS DE DISCURSO 

Os estados do amor¹

Sidi Askofaré

Quando Maria Vitória Bittencourt me convidou para participar da abertura dos trabalhos no Fórum do Rio de Janeiro no início deste ano, não tinha a menor ideia, naquele momento, do que se poderia dizer sobre o tema proposto *Laços amorosos*, pois estava trabalhando em outras intervenções na França e na Itália. No entanto, sabendo das restrições que pesam sobre os organizadores desse tipo de evento, aceitei com prazer o convite e sugeri o título *Os estados do amor*. Isso por uma simples razão: refletir sobre o tema no âmbito do nosso tema internacional, *Enlaces e desenlaces na clínica psicanalítica*, sobre o papel do amor e das formas de amor no mundo contemporâneo. Tinha, além disso, em mente, o título de uma obra muito estimulante do grande sociólogo de origem polonesa, Zygmunt Bauman, *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços entre os homens*. Este título fazia a mínima referência, por associação metonímica, à ideia de um amor sólido e de um amor gasoso.

O tema do Encontro Internacional do Campo Lacaniano em Medellín, *Enlaces e desenlaces na clínica psicanalítica*, é uma variação em torno da questão do laço e dos laços que não cessaram de aparecer no ensino de Lacan, e que ele, em função do estado de sua própria teorização, abordou em termos de relação, de *rappport*, de laço ou de nó, do que faz laço e do devir de seus laços na clínica analítica, ou ainda, no laço social, nos laços sociais.

Então, em vez dos estados do amor, lhes falarei do que eu chamei recentemente de “laço(s) com fim e laço(s) sem fim”.

1 Conferência de abertura dos trabalhos realizados no Fórum do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro em 29 de fevereiro de 2016.

Trata-se evidentemente de uma alusão, e essa alusão se refere ao grande texto de Freud sobre a finitude da análise, texto inicialmente traduzido como *Análise terminável, análise interminável*, ao passo que os tradutores franceses mais recentes preferem *Análise com fim e análise sem fim*.

Para se saltar bem, seja um salto em altura ou à distância, seja um salto triplo, em geral é preciso tomar um pouco de distância, partir de longe. E o mais longe do qual posso partir, no momento, é do laço. Apenas porque, para determinar isso que faz laço, é necessário definir o que é um laço e o que isso enlaça. Mais simplesmente, diria que um laço é, a princípio e antes de tudo, isso que liga pelo menos duas coisas, um sujeito e uma coisa (no sentido amplo: um objeto, uma imagem, uma representação, um valor, um ideal, um significante), dois sujeitos e mesmo um sujeito e um grupo (família, clã, gangue, coletivo, etnia, nação etc.).

Ao colocar essa definição mínima, vê-se bem que surgem imediatamente outras questões mais prementes: esse algo que enlaça, esse elemento que enlaça, esse elemento que liga, ele é da ordem da substância ou simplesmente da relação? Ele é material ou imaterial (afetivo, sentimental, conceitual)? Ele é visível ou invisível? Ele é temporário ou atemporal? Ou ainda, o que tem em comum tudo isso que a língua agrupa através dos sintagmas de “laços de sangue”, “laços de amizade”, “laços de trabalho”, “laços de propriedade”, “laços de solidariedade”, “laços de amor” etc.?

Tudo isso para dizer que a questão do laço é uma questão fundamental e, ao mesmo tempo, de uma grande complexidade. Lembrá-la aqui, no começo desse trabalho, é também nos convidar coletivamente a não reduzi-la rapidamente ao que nós conhecemos, ou seja, o que foi atualizado e elaborado a partir de nossa prática, a psicanálise, e do saber que dela se depositou.

Existe então o laço no sentido genérico, os laços – o que supõe os “a serem enlaçados” e “o que enlaça” –, e para o que nos é habitual – pelo menos a partir de Lacan – chamar de “o laço social”. É a respeito deste último que nós fomos levados a colocar

a questão “O que faz laço?”, e a nos imbricar na exploração do que se pode dizer sobre ele a partir da psicanálise, isto é, desde a sua invenção, considerando ainda a própria experiência analítica.

Se Lacan retoma a questão do que faz laço em *O avesso da psicanálise* e em *Radiofonia*, não é tanto para se separar de Freud nem para contestá-lo, mas para radicalizá-lo. Essa opção, se ela recicla o sintagma de “laço social” que Durkheim toma emprestado de Rousseau, justifica-se, a princípio, pela obrigação que ela impõe de especificar a questão, completando-a: o que faz laço entre os *falasseres*?

Isto é, a questão ultrapassa aquela dos laços naturais, biológicos (laços instintuais que regem o mundo animal não falante) para instaurar a ordem dos discursos enquanto “laço social fundado sobre a linguagem”. Se o instinto é insuficiente para explicar o laço social entre os *falasseres*, é porque trata-se de garantir mais do que a coexistência dos organismos, a do corpo, a dos corpos falantes e gozantes, dos corpos habitados pela fala, mas também pela pulsão.

O que então aproxima, encadeia, une, enlaça, enoda esses corpos? Isto é, o que os faz ficarem juntos? Esse laço é da ordem do significante ou do afeto? Ele é linguagem e o que depende dela (língua, alienação, sentido, ideais, identificações, fala, promessa, pacto)? Ou seria o libido e suas declinações (pulsão, amor, gostos, prazeres, satisfações, mais-de-gozar)? Sua articulação na categoria de discurso que comporta, ao mesmo tempo, a estrutura do inconsciente, a política e o par analítico, servirá para delimitar, mais perto da experiência, o que faz laço para o sujeito, o que faz laço no tratamento analítico, o que faz laço entre os falantes sexualizados e o que faz laço no “social”.

Essa tentativa de iniciar a questão, sem respondê-la de maneira muito prematura, deixa aparecer pelo menos o seguinte: por trás dessa questão de aparência anódina, existe toda a economia complexa das formas instituídas das relações do sujeito ao Outro e ao gozo, que Lacan tentou subsumir sob a categoria de discurso, isto é, do “laço social fundado na linguagem” (Lacan, 1972–73/1975,

p. 21).² É uma teoria ou uma doutrina tão batida que mal ousa evocá-la. Volto a ela, no entanto. Para retomar o quê? Pelo menos quatro coisas: a) que, a princípio, esse sintagma de “laço social” não é invenção de Lacan. Ele o retoma de filósofos e sociólogos dos quais nós o apartamos, atualmente; b) que, retomando-o, ele faz disso um conceito ou, em todo caso, uma categoria original que não tem a mesma medida disso que, nos campos filosóficos e sociológicos, chama-se ainda hoje de “laço social”;³ c) que se Lacan descreve, ordena e formaliza os laços sociais, fundados na linguagem, a partir de três impossíveis freudianos, não é sem acrescentar um quarto: o “fazer desejar”, em torno do qual ele estrutura o “discurso da histórica”. Mas Lacan não para aí. Tudo o que ele diz de cada um desses laços sociais instituídos, ele só pode afirmar e sustentar a partir do último que aparece entre eles, o analítico; além disso, o discurso analítico o conduz a afirmar certo número de coisas que poderiam se aparentar a um diagnóstico dos discursos como tal. O que esse diagnóstico nos ensina é que, na verdade, todo discurso, porquanto é tratamento do gozo, é um dispositivo de mestria, um modo de exercício de uma forma de poder; e d) enfim, alguns anos depois, em *Televisão*, Lacan afirma que o que ele chama de ética está relacionado aos discursos. Mais precisamente, ele enuncia a tese, hoje muito conhecida, de que “a ética é relativa ao discurso” (Lacan, 2001, p. 541).

Hoje, posso introduzir o seguinte: ao cruzar os textos de Freud que tratam da especificidade da psicanálise – da correspondência com o pastor Pfister (Freud, 1991) a *O futuro de uma ilusão* (Freud, 1927/1971), passando pelos escritos técnicos, *Escritos sobre a técnica psicanalítica* (Freud, 1904–19/1953), e *A questão da*

2 Fórmula de aparente simplicidade, mas que, não podemos esquecer, sustenta-se sobre uma tese subjacente que poderia se formular como: ser contrário ao gozo que, este, não faz laço entre os falantes, na medida em que ele se situa do lado do Um-todo-sozinho; portanto, do Um fora-de-laço.

3 Para convencer-se disso, podemos nos reportar à obra *O laço social* (2005), do sociólogo Pierre Bouvier, que se tornou um clássico.

análise leiga (Freud, 2003) – com a tese de Lacan sobre a filiação dos outros discursos em relação ao discurso do mestre – mesmo se ele tenta excluir disso o discurso analítico –, somos como que transportados em direção ao que propus interrogar através da hipótese de que existem pelo menos dois tipos de laço: os “laços com fim” e os “laços sem fim”, digamos: os casais inseparáveis! E então estamos no âmago do nosso tema, já que, no fundo, o que interessa acima de tudo à psicanálise são esses dois pares aos quais toda sua experiência a leva: o par amoroso/sexual e o par analítico, que levaram Lacan a formular o dizer de Freud através da fórmula que fez sucesso: não há relação sexual.

Certamente existe na fórmula “laço(s) com fim e laço(s) sem fim” um equívoco que não escapou a vocês, costumamos nos aproveitar dele. Além disso, esse equívoco me fora indicado por alguém muito afastado da psicanálise, o filósofo e pensador americano Allan Bloom, que escreveu uma obra monumental chamada *O amor e a amizade*. Eu o cito:

Os diversos tipos de amor, como os diversos tipos de regimes políticos, são tentativas [...] que os seres humanos colocam em marcha para realizar as potencialidades próprias à sua natureza. Se não se examinam os fins que essas associações, eróticas ou políticas, propõem, é impossível compreendê-las adequadamente (Bloom, 2003, p. 19).

Essa perspectiva é, sem dúvida, interessante e pode ser até apaixonante; porém ela não é suficiente para estabelecer o que me interessa hoje, a saber: o que distingue o laço social analítico dos laços sociais instituídos? Eu responderei simplesmente: os laços sociais que não o analítico são não apenas laços de poder, mas são sobretudo laços que visam manter-se como tais, perseverando em sua vontade de mestria. O poder político não visa a sua ruína, o poder universitário não visa a seu declínio e o laço amoroso aspira além de tudo à eternidade. Contrariamente, o laço social analítico, no sentido evocado anteriormente –

“laço social determinado pela prática de uma análise” –, especifica-se por ser, desde o início, orientado pela visada de perda do poder de seu agente. Parece-me que é isso que Freud tentou colocar no âmago da psicanálise, subordinando-a a uma “ética da transferência”,⁴ e que Lacan a retomou em termos de uma ética do Bem-dizer. Colocado assim, eu o reconheço, está longe de ser evidente.

Essa questão desponta outra que me acompanha há muito tempo: por que diabos Lacan se empenhou em delinear e tematizar uma ética *da* psicanálise (*versus* uma ética *do* psicanalista)? Ou ainda: essa ética da psicanálise (“ética do desejo”, “ética da interpretação”, “ética do Bem-dizer”, “ética do silêncio” etc.), o que se pode dizer dela no *après-coup* do último ensino de Lacan e, mais particularmente, a partir da inferência, por Lacan, do dizer freudiano – “não há relação sexual” – e da orientação da psicanálise em direção ao real?

Enfim, podemos e deveríamos falar de uma ética borromeana ou de uma ética do real como pudemos falar de uma clínica borromeana e de uma clínica do real? Em caso afirmativo, o que convém colocar em evidência, o real (mas qual real, já que esse último possui vários sentidos?) ou o laço (do qual podemos tomar o nó como um dos modos)? Ou os dois?

Optaria hoje pela conjunção dos dois, mas essa conjunção eu a considero sobre o fundo da hipótese de que a transferência, tal como Lacan a definiu como “colocação em ato da realidade sexual do inconsciente” e fundada pela função do “sujeito suposto saber”, constitui o lugar desta articulação.

Todos lembram que, em 1964, no seu primeiro seminário na École Normale Supérieure, Lacan empreendeu uma façanha de corte – com a bela lâmina de Ockham –, levando aos quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

4 Expressão ambígua, mas que se esclarece a partir do momento que consideramos que o que Freud promulga não é uma ética da dependência transferencial, mas, contrariamente, uma ética orientada pela resolução e pela dissolução (não digo liquidação!) da transferência.

Esses conceitos, conhecidos por todos, pareceu-me recentemente, quando de um Seminário em Milão, que é bem possível levá-los a essas duas realidades clínicas fundamentais da experiência analítica: o sintoma (que condensa o inconsciente, a repetição e a pulsão) e a transferência.

Seja então, por um lado, o ser da verdade do sujeito – aquilo a que só se pode responder através da retificação subjetiva – e, por outro, o que funda o ser de saber que o analista deve encarnar, enquanto simulacro do sujeito suposto saber, para completar o sintoma, isto é, a transferência.

Na ocasião desta apresentação, veio-me à mente que, entre a ética da psicanálise e a transferência, Lacan estabeleceu um laço estreito. Esse laço me parece indicado, especialmente, pela sucessão dos dois temas em seu seminário. Como se a atualização e o estabelecimento de uma ética da psicanálise constituísse o prelúdio a um exame e a um aprofundamento da problemática da transferência na psicanálise. A transferência é justamente o que é o menos elaborado e desenvolvido no modelo borromeano do último Lacan. Sem dúvida porque esse modelo foi concebido mais para formalizar a estrutura do *falasser* do que para simbolizar – como no esquema L ou no grafo do desejo – a experiência de uma análise, sobre o fundo de uma subversão da teoria da comunicação. Mas o que percebi também é que esse laço, para não dizer enodamento, da ética e da transferência estava igualmente no âmago das comunicações entre Freud e pelo menos outras duas figuras da história da psicanálise: o pastor Pfister e Carl G. Jung.

Seria muito demorado voltar a essas comunicações apaixonantes; eu os convido a relê-las – ou a ler, para aqueles que nunca leram essa “correspondência” –; eu me contentarei em enunciar os ensinamentos que tiro delas.

Mas tomarei como começo duas passagens da correspondência de Sigmund Freud com o pastor Pfister que, se não tratam, em todo caso evocam e articulam a transferência e a ética – no sentido amplo, isto é, no sentido em que Freud a compreendia.

Permitam-me lhe apresentar alguns excertos.

A correspondência com Pfister nos ensina pelo menos a respeito de uma coisa: a ética – eu não diria nem a ética da psicanálise –, expressão que lhe era completamente estranha, ele tinha outra ideia, diferente desta com a qual nós nos orientamos desde o seminário consagrado por Lacan à ética da psicanálise. Isto, simplesmente, porque ele tinha uma concepção da ética bem tradicional, a qual, diria abreviadamente, é “uma ordem moral universal”, uma fábrica de valores e de ideais, isto é, o nome erudito da moralidade individual. Não é surpreendente que, desde então até quase o fim dessa longa correspondência – 1909–1939 –, Freud chegue a considerar que a análise, uma vez que ela não é uma *Weltanschauung*, não é provida de ética. Mas, malgrado a recusa ou rejeição da ética, pelo que ele diz da transferência, de sua função e disso que deve ser seu destino no fim de uma análise, Freud é conduzido a produzir, quase a despeito de si, elementos de uma ética original.

O passo de Lacan consiste, então, de um lado, em atualizar “a originalidade da posição freudiana em matéria de ética” e, por outro, em afirmar e em sustentar que existe uma ética da psicanálise cujos princípios se podem isolar a partir das reservas e das críticas que Freud formulou a respeito da educação, mas também da religião e da medicina.

Na verdade, o passo de Lacan não é tão unilateral quanto se diz, ou quanto eu mesmo o havia pensado. Na realidade, existe um movimento da posição de Lacan que se liga aos momentos cruciais de seu ensino. Por razões de tempo, sou obrigado a ser breve e, às vezes, alusivo.

Se Lacan começa a falar de ética da psicanálise em 1959–60, é, por um lado, para sublinhar “a importância da dimensão ética na nossa experiência e no ensino de Freud” (p. 11) e, por outro, para ratificar que a psicanálise traz uma contribuição decisiva à reflexão ética como tal. Talvez essa seja a razão pela qual essa ética permaneça uma ética do julgamento e ambicione valer-se para todo sujeito falante.

Com *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*, opera-se um primeiro deslocamento, uma vez que a questão na qual Lacan desemboca é a seguinte: como “a via da falação da experiência analítica” conduz a essa ética “convertida ao silêncio” pelo “advento do desejo”?

É apenas em *Televisão* (1973), no *après-coup* de sua teoria dos discursos, que Lacan estabelece de maneira fixa e, segundo meu conhecimento, definitiva, a relatividade da ética do discurso.

A ética do discurso do mestre não é a ética do discurso da histeria e a ética do discurso da histérica não é aquela do discurso do analista, na realidade, a única sobre a qual Lacan se demora e que ele propõe chamar de Ética do Bem-dizer. Nem a ética do Bem, simplesmente, e menos ainda do Bem Supremo – Lacan já a recusara desde 1959–60 –, nem a ética do dizer, portanto, mas uma ética da interpretação, se acreditamos nas últimas linhas de *Televisão*.

A interpretação evoca e convoca o desejo (*O desejo e sua interpretação*, Seminário do ano 1958–59), a transferência (não há interpretação fora da transferência), o corte e o ato. Em suma, se há uma ética da psicanálise, é a mesma que Freud declina, acentuando a transferência – como responder ao ganho da análise: é todo o esforço de Freud em pensar o manejo da transferência e sua análise, sem se enganar com a interpretação da transferência – e Lacan acentuando a interpretação. Com efeito,

a ética freudiana do julgamento supõe, embora seja ideal, uma resolução dos laços de dependência da transferência, até no julgamento. Nessa perspectiva, a relação à transferência é a mais importante. Porque só ela garante, na medida do possível, a perspectiva de fim da dependência e a independência em relação ao psicanalista. Essa é, certamente, a lição de Freud e sem dúvida a de Lacan: Bem-dizer é permitir uma separação e não aproveitar-se do enigma para capturar o desejo (Guyomard, 1998, p. 187).

Tradução de Leonardo Pimentel

Referências bibliográficas

BLOOM, Allan. *L'Amour et l'Amitié*. Paris: Editions de Fallois, 1996. Réédition, Le Livre de poche. Paris, 2003, p. 19

BOUVIER, Pierre. *Le lien social*. Paris: Gallimard, 2005.

FREUD, Sigmund. (1904–1919). *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1953.

_____. (1909–1939). *Correspondance avec le pasteur Pfister*. Paris: Gallimard, 1991.

_____. (1926) *La question de l'analyse profane*. Paris: Gallimard, 2003. Folio-bilingue.

_____. (1927). *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF, 1971.

GUYOMARD, Patrick. *Un désir d'éthique*. Paris: Aubier, 1998. p. 187.

LACAN, Jacques. (1972–73). *Le Séminaire, livre XX: encore*. Paris: Seuil, 1975. p. 21.

_____. Télévision (1973). In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001. p. 509–545.

Resumo

Este artigo se propõe a levantar questões sobre o(s) laço(s) com fim e o(s) laço(s) sem fim, ideia ancorada nas últimas traduções francesas do texto freudiano de 1937, *Análise com fim e análise sem fim*. Constatamos, guiados por Freud e Lacan, que o laço analítico é o único assinalado e orientado por uma perda, distante do que se efetiva nos discursos do mestre, universitário e da histérica, que visam a relações cabais, cada um ao seu modo. Subsumida ao laço analítico e à ética da psicanálise, como pilar central, localizamos a transferência, via privilegiada que norteia o sujeito ao encontro do bem-dizer.

Palavras-chave: Laços. Fim. Ética. Transferência.

Abstract

This article purports to raise questions about the bond(s) with end and the bond(s) without end, idea that is anchored on the recent French translations of the Freudian text of 1937, *Analysis with end and analysis without end*. We verify, led by Freud and Lacan, that the analytical bond is the only one marked and oriented by a loss, far from what takes place in the master, the university and the hysteric's discourse, which aim effective bonds, each in its own way. Subsumed under the analytical bond and the ethics of psychoanalysis, as the main pillar, we find transference, privileged path that leads the subject to the well-saying.

Keywords: Bonds. End. Ethics. Transference.

Sidi Askofaré

Psicanalista, membro da IF-EPFCL, AME-França, Doutor, Professor pesquisador da Universidade de Toulouse II La Mirail (Equipe de Recherche Clinique). E-mail: s.askofare@wanadoo.fr.

(Des)enlace analítico: outro desejo, novos laços

Marcia de Assis

“Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista. Prova disso é que a análise é necessária para tanto, mas não é suficiente” (Lacan, 1973/2003, p. 312).

Mais adiante, no mesmo texto, Lacan será ainda mais enfático: “Se o analista se criva do rebotalho [...] é nisso que ele deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos – horror de saber. A partir daí ele sabe ser um rebotalho. Isso que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, 1973/2003, p. 313).

Escolho começar a partir dessas citações, que trouxeram inquietações acerca do que passa no passe. O que leva um Cartel do Passe a declarar que há analista? Se uma análise se faz necessária, porém não suficiente, se após ter cingido o seu horror de saber, aquele que se sabe um rebotalho, se não é levado ao entusiasmo...

Uma análise é finita. A história não é eterna. O percurso analítico tem um fim, pois se houve uma entrada, haverá uma saída. A psicanálise é uma experiência original, efeito de discurso, que, levada ao seu ponto de finitude, permite, *a posteriori*, o testemunho de passe. Porém o que se passa, en-fim?

O laço analítico implica um des-enlace. O enlace transferencial é por conta do analisante, cabendo ao analista emprestar sua pessoa, se prestar ao lugar de semblante de objeto causa de desejo, ocasionalmente, tal qual nos indica Lacan em *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972–73/1985, p. 129). Cabe ao analista o manejo da transferência, colocando a destituição subjetiva em pauta, desde o

início. Formular desta maneira o manejo traz implicações, ou seja, é tomar o dispositivo analítico como uma operação cuja visada vai além dos efeitos terapêuticos.

O sintoma analítico, sintoma sob transferência, é aquele no qual o sujeito acredita que possa dizer algo e dirige-se ao analista-intérprete, o sujeito suposto saber. Um suposto saber sobre o enigma que clama por decifração, por sentido. Quero ressaltar aqui o valor do termo *suposição*, que implica uma aposta, aposta num saber não sabido. É esta que insiste na busca de sentido, contribuindo com a potência da transferência. Cabe ao psicanalista permitir a instituição de saber, mas cabe a ele, também, o manejo da suposição. A suposição encontra-se do lado do analisante, do lado do analista, a posição, posicionar o Inconsciente. O laço analítico, portanto, oferece um parceiro que tem a chance de responder. Uma questão é endereçada, tendo o analista como destinatário do saber, e uma resposta vem do outro incluído no fantasma, pois o analista também é “alvo da inclusão fantasmática” (Fingermann, 2005, p. 50). Uma resposta em ato, portanto, ao se prestar ao lugar de semblante de objeto causa, que faz valer o que perdura de perda pura e conduz ao encontro do real.

A suposição de sentido esbarra no limite, ou seja, a verdade é não toda suficiente, há o impossível de dizer do real da castração: não há relação sexual. Há um tempo de construção, trabalho de associação livre, em que se persegue o sentido do sintoma, sua verdade, que envolve várias voltas e ficções, até que se esbarre na inconsistência da verdade mentirosa. A via da tagarelice, a associação livre, “demonstra uma ‘profunda insuficiência lógica’ (inacessibilidade do 2)” (Fingermann, 2011, p. 95).

A prática do sentido (associação livre) aponta que há Um. Permite tangenciar o real que ex-siste, o real do ser vivente, permitindo que se vá do sentido simbólico ao real, fora-sentido, caso a tática do analista opere, em sua função de corte. Desprendimento do sentido. Ponto de parada da verdade-mentirosa. No entanto, este corte não é sinônimo de que Real e verdade não

se encontrem enodados na sincronia. A verdade pode ser reduzida, porém, se mantém indispensável, de acordo com Lacan. Dela não se sai completamente.

Colette Soler propõe equivaler o espaço do sintoma ao espaço do lapso, em seu livro *Lacan, o inconsciente reinventado* (Soler, 2012a, p. 86). O espaço do sintoma tomado como o espaço da hystorização, o tempo da histoeria. E quando este espaço não tem mais nenhum impacto de sentido, o sintoma, então, disjunto da verdade subjetiva, é real, desenlaçado do postulado transferencial. Ou seja, rompem-se as amarras transferenciais produzidas pelo analisante em sua emboscada transferencial, em suas armadilhas amorosas, des-amar-ra, des(a)marra. Este momento denuncia um percurso, uma travessia. Houve um tempo de histoeria em que um texto foi tecido e, diante do manejo transferencial, do desejo do analista em ato, um poema se escreve. Através da tagarelice, algo do real é alcançado e o percurso analítico chega ao seu fim com a condição de que UM dizer se deposite, “o que há de mais real em cada um” (Fernandes, 2011, p. 105). Neste ponto, resta identificar-se ao sintoma, como o que há de melhor a ser feito, reconhecer-se aí, seu modo de gozo singular, que condiciona o saber fazer com isso. Ser aí, esse traço de humanidade, que faz limite à dor de existir, a melhor saída, sem dúvidas. “Não se precipitar no furo (saída melancólica) ou permanecer ali fascinado (tratamento interminável), mas ir ao encontro dos inesperados”, conforme falou Ida Freitas, no Espaço-Escola do FCL-Niterói.

Se na entrada lá estava a crença no sintoma, na saída, a des-crença. Andrea Fernandes propôs que acreditar no sintoma implica a vacilação de outras crenças do sujeito. Se a crença religiosa recalca o sintoma, pois a religião é feita para que os homens não percebam o que não funciona (Lacan, 1974/2005 apud Fernandes, 2011), e a crença científica leva à foraclusão do sujeito, em ambas este é desconsiderado, uma vez que o tratamento dado ao sintoma toma a via contrária à via da psicanálise, em que o sintoma vem representar o sujeito dividido, agente do discurso do psicanalisante

carregando a sua questão, *o que sou?* Do questionamento ao ponto de certeza, sou este gozo, um percurso a ser atravessado, caso haja um tratamento cuja orientação seja também política, além de clínica, pois o sintoma conserva um sentido no real que se manifesta a partir de sua constância/substância indecifrável. É aí que o analista é convocado a intervir, em sua tática e manejo, fazendo furo no sentido. E cabe enfatizar o efeito de interpretação que assume a sessão curta, onde o corte é dedo apontado na direção do significante da falta no Outro, dedo apontado em direção ao real.

En-fim, o que resta de um *sint* ou de um *laps*? Um significante sozinho que não se enlaça ao S_2 , fora da cadeia, fora-sentido, mas não fora de gozo. Significante irreduzível que surge no lugar da produção, produto do discurso analítico. Não será a isto que Lacan se refere ao dizer que a interpretação deve visar um significante novo? Signo de uma singularidade.

Para chegar a este ponto de identificação ao sintoma se fez necessário reconhecê-lo como modalidade específica de gozo, ponto além do terapêutico. Identidade de gozo. Uma identidade de separação, marcando a diferença em relação às identificações de alienação. Chegar aí é alcançar, portanto, uma alternativa à identificação ao Outro. Alternativa que restitui um laço, no entanto, pois o sintoma fundamental, como propõe Soler, “por analogia com a fantasia fundamental” (Soler, 2012a, p. 116), faz laço entre Real e semblantes, enodando o gozo e os semblantes imaginários e simbólicos.

No entanto, ao falar de sintoma disjunto da verdade subjetiva, desenlaçado, indica a letra decantada, cifra de gozo. E “quando o esp de um sint não tem mais nenhum impacto de sentido, estamos no inconsciente real, fora de sentido” (Soler, 2012a, p. 86). Fim da questão posta na entrada, fim da espera transferencial, espera de interpretação, uma vez encerrada a busca de sentido. Ponto de parada. A questão não será relançada, não há mais laçada que mantenha os amores com a verdade. Porém, se a falha percebida do sujeito suposto saber é condição necessária para assegurar o *ICSR*,

não basta para assegurar o fim. De acordo com Soler, no livro já citado, nem o *ICSR* nem a verdade mentirosa, a hystoeria, decide o termo. Há um terceiro comparsa que não é da ordem linguageira e encontra-se do lado do afeto gerado na sequência, a satisfação de fim, que não é do registro da elaboração.

A satisfação de fim é situada em relação à satisfação do percurso, aquela referida por Lacan em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*, a outra satisfação, obtida na fala, durante a hystorização (Lacan, 1972-73/1985, p. 70-71). Ocorre, portanto, uma queda na satisfação do blá-blá-blá. Hystorizar-se e gozar de sua fantasia é a mesma coisa, enquanto houver libido analisante, até seu esgotamento. Identificar-se ao sintoma também implica um esgotamento da libido analisante, ponto de parada que encerra o amor endereçado ao saber. O laço transferencial se desfaz. Isto basta para assegurar o fim de análise? Melhor dizendo, basta para que se declare que há analista?

É preciso que se acrescente uma mudança na resposta de satisfação do sujeito. Colette Soler explicita que satisfação é o afeto que responde ao gozo. Satisfação não é gozo, mas responde a este, resposta subjetiva. Em 1976, no *Prefácio à edição inglesa do Seminário II*, Lacan afirmara: “A miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira, não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise”, enfatizando, em seguida, que sem ela não há fim, pois “dar essa satisfação é a urgência que a análise preside” (Lacan, 1976/2003, p. 568-569).

No entanto, não se pode predizer nem a satisfação de fim, nem o ato analítico, eis o desafio do cartel de Passe, caso o passante deixe perceber. Não há, de antemão, a certeza de que o termo da transferência e do percurso de análise irá satisfazer, “exceto depois de pesá-la” (Lacan, 1976/2003, p. 569).

No testemunho de passe, espera-se que o passante hystorize sua análise, porém não se trata de narrar toda a sua trajetória analítica, tal qual um romance. Não basta elaborar um inventário, mas terá que deixar perceber que perdeu o gosto pela corrida em

busca de sentido, que chegaram ao fim seus amores com a verdade. Deixar perceber uma resposta do ser ao efeito didático da análise, afeto gerado na sequência, imprevisível e informulável como enunciado. Resposta do ser, gerada na sequência do fim (no sentido epistêmico), que se deixa abordar por signos tomados do lado do afeto. Tal resposta aponta que o ponto de finitude da trajetória analítica não é sinônimo de produção de analistas.

Uma avaliação que se refere à resposta do ser ao efeito didático da análise corrobora o que Lacan havia enunciado em *Nota italiana* e por onde resolvi iniciar esta apresentação, justamente por haver instigado e provocado. Ler o livro de Soler, aqui já mencionado, fomentou a provocação inquietante, trazendo algumas luzes. Não basta que uma análise tenha chegado ao fim para que haja analista. Se o analisante não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance. “Isso é o que o meu passe, de data recente, muitas vezes ilustra” (Lacan, 1973/2003, p. 313). Ou seja, há analista quando o sujeito analisado passou do horror de saber ao entusiasmo. Se ele traz a marca, cabe aos congêneres, os passadores, encontrá-la para transmitir ao cartel do passe. Um testemunho que leve à convicção tem que estar suportado por um desejo inédito, nos diz Sol Aparício em *Wunsch*, n. 10, e quero ressaltar a expressão utilizada: um testemunho que leve à convicção. Ainda neste *Boletim*, um texto de Colette Soler, *Estilos de passe*, aborda o testemunho como uma conversão de afetos e que o passador tem a função de placa sensível, ou seja, função de ressonância. Fazer ressoar ao cartel do passe a resposta do ser, resposta de afeto, eco de Um dizer que produza “uma satisfação do cartel”, que corresponde à convicção de uma mudança de discurso (Izcovich, 2010), mudança no nível dos afetos.

Falarei, mesmo que brevemente, sobre os afetos que surgem na sequência analítica, desde as entrevistas preliminares: o afeto depressivo, a tristeza, correlato do não querer saber nada disso, equivalente à paixão da ignorância, pode estar presente, em certas doses, desde as entrevistas preliminares ou surgir durante o

percurso, como índice de resistência e horror de saber. Há outros afetos dessa ordem, tal qual Lacan mencionou em *Televisão*: o tédio, a morosidade, mau humor (1972/2003, p. 526). Mas o afeto depressivo pode ser indicador do real ao fim da experiência, pois atravessar implica o luto. Há um afeto triste, ainda sob transferência, no momento em que a falha percebida do sujeito suposto saber intervém, cortando o combustível que alimentava a transferência. Izcovitch  nomina este afeto como depressão de fim, quando se está na zona de um real próprio à conclusão da experiência. Porém não é um afeto signo de fim, “ela é o índice de uma travessia” (Izcovich, 2010).

O que está sendo evocado, logo acima, é o *des-ser* do qual o psicanalista não pode ser poupado ao fim de uma análise e que não deve ser atribuído àquele que inflige o golpe, o psicanalisante. Não se deve confundir tal operação com a destituição subjetiva, esta não faz des-ser, antes ser, o sujeito sabe *ser* um rebotalho, quando deixa de ser o objeto que completava o Outro na fantasia. Neste momento, ele porta a marca antes encoberta pelo fantasma. A destituição faz ser aquele que era falta-a-ser. “Tu és isso que não cessa de causar todos os seus ditos e atos [...] que nenhum dito representa, que nenhum ato estanca e que, portanto, só se manifesta em ato” (Soler, 2012a, p. 112). “Nada a ver com o des-ser” (Lacan, 1967/2003, p. 279). Este se refere ao analista intérprete, que “não suporta mais a transferência de saber nele suposto” (Lacan, 1967/2003, p. 279) e a perda de seu estatuto de objeto precioso, envolvendo um trabalho de luto, pois requer um desinvestimento libidinal. Se há o desinvestimento, houve antes um investimento libidinal, investimento de libido analisante, expressão usada por Soler em *Inconsciente reinventado*. O luto, em torno do qual está centrado o desejo do analista, consiste em desalojar “o objeto *a* do qual o outro estava investido dos envelopes imaginários e simbólicos que o dissimulavam” (Soler, 2012b, p. 137). Dito de outra maneira, o outro investido libidinalmente, alvo da inclusão fantasmática, aquele que empresta sua pessoa e se presta ao lugar

de objeto causa de desejo. Aqui se encontra uma referência ao objeto passado ao campo do Outro, tal qual expõe Lacan na última página de *O Seminário, livro 10: a angústia* (Lacan, 1962–63/2005, p. 366), em que irá enfatizar que é este objeto passado ao campo do Outro o que fundamenta a possibilidade de transferência, ou seja, do analista implicado na posição de ser suposto invólucro de *agalma*, ou ainda, de suportar “a função de objeto parcial” (Lacan, 1962–63/2005, p. 106). “O que faz de uma psicanálise uma aventura singular é a busca do *agalma* no campo do Outro” (Lacan, 1962–63/2005, p. 366).

No polo oposto da tristeza, o *gay sçav*  a alegria produzida no processo de decifração, correlato da outra satisfação, aquela que responde ao gozo fálico, o gozo do blá-blá-blá. Afeto que corresponde ao “dever de bem dizer, ou de se referenciar no inconsciente” (Lacan, 1972/2003, p. 524).

O entusiasmo, por minha conta e risco, coloco como sendo o afeto que está ao lado da satisfação de fim, aquele que se apresenta no satis-fazer, pois “uma análise vai até o ponto de o bem-dizer satis-fazer” (Lacan, 1971–72/2003, p. 549). Enfatizo o termo *satis-fazer* com essa grafia para ressaltar algo de uma certeza que se apresenta em ato, reiterando que o entusiasmo é um afeto que surge quando tem fim a vã esperança que alimentava a impotência e a inércia que insistiam na miragem de completude. E o afeto que não engana, a angústia? O afeto de angústia perpassa o trajeto de análise, pois é o indicador que aponta a via de acesso em direção ao real da castração. No entanto, convém que surja o desejo do analista para que “seja possível o trabalho ali onde tentamos levar as coisas além do limite da angústia” (Lacan, 1962–63/2005, p. 366). Para que haja trabalho, para que haja análise, há de ter ato analítico que conduza ao fim e que daí possa surgir um desejo inédito, resto da operação analítica. Se o termo da transferência é uma resolução, e não uma liquidação, o seu produto, com efeito, será o surgimento de outro desejo, inédito, sustentando novos laços. Eis o (des)enlace analítico: desenlaça para enlaçar. Daí a es-

colha do título. E, para isso, convém que o analista tenha feito seu desejo “entrar nesse *a* irreduzível” (Lacan, 1962-63/2005, p. 366), ou seja, que ele tenha atravessado o percurso analítico a tal ponto, permitindo des-envelopar o objeto dos envoltórios imaginários e simbólicos. Se aí chegou, teve que passar além da dor, do luto, por tratar-se de manobra inversa à busca do *agalma* no campo do Outro, tal como mencionado acima, que possibilitara a transferência.

Do fim tirar as consequências, o que vem na sequência, eis o desafio do cartel do passe. Um satis-fazer marca o fim e pode se deixar perceber a partir dos indícios de que o inédito, “uma solução inédita transformou a vida do sujeito” (Izcovich, 2010). A satisfação do cartel resulta da verificação de uma nova conduta, sendo esta uma mudança decorrente da travessia de análise, efeito de discurso analítico. Atesta o tempo da história sob transferência, o laço analítico operante, ora des-feito, provando seu efeito.

Uma satisfação inédita advinda de uma “nova posição na existência” (Izcovich, 2010). Um *satis-fazer* que relança a fórmula freudiana sobre o que esperar no final de análise: poder amar e trabalhar. Fórmula esta relançada com vigor renovado por Maria Vitoria Bittencourt em sua apresentação no FCL-Niterói, trazendo o termo que Freud utilizara na ocasião, referindo-se ao trabalho, *leisten*, “que evoca antes uma realização e implica uma dose de criatividade e invenção”. A cada um inventar sua solução inédita. E a invenção no campo amoroso? Segundo Soler, uma análise não é sem efeito sobre o amor (Soler, 2012a, p. 188). Sua demonstração se faz a partir do questionamento da vida amorosa e o que se demonstra é a passagem ao Um, “Um-dizer que se sabe Um-todo só” (Lacan, 1971-72/2003 p. 548). Maria Vitoria Bittencourt afirmou que vários testemunhos indicaram essa mudança de posição também na vida amorosa. Portanto, a pergunta do cartel do passe sobre o campo amoroso é pertinente, “pois indica um saber fazer uma conduta com seu parceiro sintoma” (Bittencourt, 2013, p. 26). Quanto ao parceiro sintoma, Soler esclarece que se trata tanto do gozo parceiro, civilizado por alíngua, quanto do parceiro humano

que é “eleito através dos significantes e das representações da fantasia”.

Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes, afirmou Lacan em *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (Lacan, 1972-73/1985 p. 197). Amor como signo, “índice de um inter-reconhecimento entre dois falasseres, onde o termo reconhecimento diz que esse amor assume a função nova de revelar a presença e os efeitos do ICSR” (Soler, 2012a, p. 184). Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual cessa de não se escrever, “relação tornada de sujeito a sujeito, no que ele é apenas efeito do saber inconsciente” (Lacan, 1972-73/1985, p. 198).

Quem fala só tem a ver com a solidão, no que diz respeito à relação sexual impossível de se escrever. É aí que o amor é posto à prova, em sua função de suplência, encontro da ordem da contingência, afeto resultante da hiância e que, por um instante, dá a ilusão de que a relação sexual cessa de não se escrever. Eis o destino e o drama do amor, como assinala Lacan *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (Lacan, 1972-73/1985 p. 199).

Ao final da travessia, poderá surgir um amor mais digno, que não acredita no parceiro, nem dá crédito a ele. Fazer o amor mais digno: *l'amur... (a)muro*. Amor que a psicanálise não pode prescrever. Nada reduz a contingência do encontro. Sendo uma das diversas formas de sintomas socializantes, faz laço, ou seja, promove o enlace das três dimensões.

A função sinthoma do amor é condizente com a fantasia deixar de ser a bússola para o sujeito. Se a fantasia deixou de apontar o norte, orientando os passos do sujeito, isto quer dizer que ela perdeu sua função de recobrir o real impossível de se escrever. E a assunção da impossibilidade faz sair da impotência, que insistia na miragem de completude. Pois “trata-se, na psicanálise, de elevar a impotência (aquela que dá conta na fantasia) à impossibilidade lógica (aquela que encarna o real)” (Lacan, 1971-72/2003, p. 548). As consequências podem ser libertadoras.

Referências bibliográficas

- APARÍCIO, Sol. Verificar um desejo. *Wunsch: Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*, Rio de Janeiro, n. 10, 2011.
- BITTENCOURT, Maria Vitoria. Os destinos do amor ao saber. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 23-28, out. 2013.
- DIAS, Mauro; FINGERMAN, Dominique. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- FERNANDES, Andréa. O real do sintoma: sua política na clínica. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 101-108, maio 2011.
- FINGERMAN, Dominique. A política do sintoma na direção da cura. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 91-99, maio 2011.
- IZCOVICH, Luis. *La satisfaction inédite*. Intervenção no Seminário de Escola da EPFCL-França, 2010, fevereiro; Paris, França.
- LACAN, Jacques. (1962-63). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 265-287.
- _____. (1971-72). ...ou pior (Relatório do Seminário 1971-72). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Op. cit., p. 544-549.
- _____. Jacques. (1972-73). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 508-543.
- _____. (1973). Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 311-315.
- _____. (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 567-569.
- SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012a.
- _____. *O inconsciente: o que é isso?* São Paulo: Annablume, 2012b.

Resumo

O presente trabalho é uma elaboração acerca do passe, sobre o que passa en-fim? Uma análise é necessária, porém não é suficiente. No entanto, se levada ao ponto de finitude, ponto de virada, permite *a posteriori* um testemunho que leve à convicção, deixando perceber a emergência de outro desejo e uma satisfação inédita.

Palavras-chave: Final de análise. Passe. Desejo do analista. Satisfação de fim.

Abstract

The present paper is an elaboration about the pass, what does one pass after all? Analysis is necessary, but not sufficient. However, if taken to the point of finitude, the turning point, it allows *a posteriori* a testimony that leads to conviction, making clear the emergency of another desire and of an unprecedented satisfaction.

Keywords: End of analysis. Pass. Analyst's desire. Ending satisfaction.

Marcia Assis

Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, membro da IF/Fórum do Campo Lacaniano de Niterói. E-mail: marcia.assis@gmail.com

O paradoxo da necessidade de amar¹

Ricardo de Barros Cabral

Gostaria de fazer um esclarecimento prévio àqueles que me ouvem e aos colegas. Desde que decidi ocupar um lugar como analista para alguém, lugar de semblante, interessei-me pelos invariantes da psicanálise e sua clínica, seja pela razão da impossibilidade de reduzi-la à técnica, seja pelo que faria sua diferença a outras maneiras de lidar com amor: terapêuticas de apelo vitalista, religião e, por que não, a própria filosofia. Meu passo foi ler o *Seminário, livro 8: a transferência* (Lacan, 1991) e me dedicar ao pivô da clínica psicanalítica, o amor.

Desde então faço variações sobre o tema do amor em psicanálise, apresento trabalhos a respeito nas Jornadas de Formações Clínicas e nos Encontros Nacionais e Internacionais do Campo Lacaniano. Esta estratégia de trabalho deixa em segundo plano a referência a autores, tanto quanto a preocupação tipicamente universitária com a datação, considerada fundamental para alguns psicanalistas, inclusive analistas membro da Escola do Campo Lacaniano, que lhe conferem um valor maior do que de fato possuem, o de índices para o leitor. Afinal, pode-se extrair qualquer direção da cura psicanalítica desta suposição típica do positivista, ao simplesmente subordinar a psicanálise ao ordinal: primeiro Freud, depois Lacan; primeira tópica, segunda tópica, um primeiro Lacan, um segundo Lacan, *et cetera*.

Todos aqui presentes, e cada qual há de concordar, pensam o amor como fundamental para a humanidade e muito mais ainda

1 Trabalho apresentado na XVII Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro.

para a psicanálise. Certamente, não como nos ensinaram: que existe um único amor, um amor exclusivo, um verdadeiro amor, um amor supremo, o amor perfeito, o amável por excelência, enfim o amor em si. No que concerne ao amor não há primeiro ou segundo. Como nos diz Lacan: “Esses ideais adquirem vigor pela demanda em que estão em condições de satisfazer, e que é sempre demanda de amor” (1998, p. 701).

Gostaria de dar a devida ênfase a este enunciado de Jacques Lacan, “que é sempre demanda de amor” (1998, p. 701), que exprime a exigência da fala que se impõe para cada um, a necessidade de responder, sem resposta prévia que valha e a satisfaça plenamente. Tal objeto, que poderia ser o complemento do sujeito, não há. “Esse privilégio do Outro esboça assim o que se chama seu amor, ou seja, de maneira radical, o dom do que não há” (Lacan, 1998, p. 698). Consequentemente, o próprio sujeito inexistente, ou melhor, não é da ordem da existência, o que implica sua subversão. Paradoxalmente, não se pode prescindir do objeto que não há, doravante conhecido por sua letra, *a* minúsculo, na constituição do sujeito subvertido pela psicanálise.

Isto se deve à transformação proporcionada pela releitura que Lacan faz dos escritos de Freud e, mais especificamente, da leitura que Lacan faz do conceito freudiano de pulsão. Para Freud, a fonte da pulsão é somática e a exigência é constante, mas Freud jamais definiu a pulsão propriamente dita como necessidade de amar. A partir desta postulação, o entendimento da pulsão foi indevidamente confundido com um instinto. Não apenas como um problema de tradução. Na verdade, este problema reflete a turbidez do que está em jogo na elaboração freudiana, quando reduz seu alcance a certa noção realista de um corpo vivo dotado de tendências que precisam ser domesticadas. Consequentemente, a partir dessa leitura prevalecerá a intenção de amestrar a pulsão, por se tratar de uma força, e que ainda ecoa entre psicanalistas lacanianos quando bradam que se deve barrar o gozo.

Não para Lacan. Como seria possível barrar o Gozo? Não há a menor necessidade, para quem escuta como analista, de barrar uma impossibilidade. A barra incide sobre o sujeito: $\$$. Tentar barrar é o sintoma do próprio sujeito que procura tratamento e o apresenta como impotência. Eis o que pretende esclarecer essa redação a partir da releitura que equivale pulsão à Demanda, e esta à necessidade de amar. Isto porque se distingue o necessário do que for preciso para viver.

a satisfação do que se precisa² (*besoin*) só aparece aí como o engodo em que a demanda de amor é esmagada, remetendo o sujeito ao sono em que ele frequenta os limbos do ser, deixando que este fale nele (Lacan, 1998, p. 634).

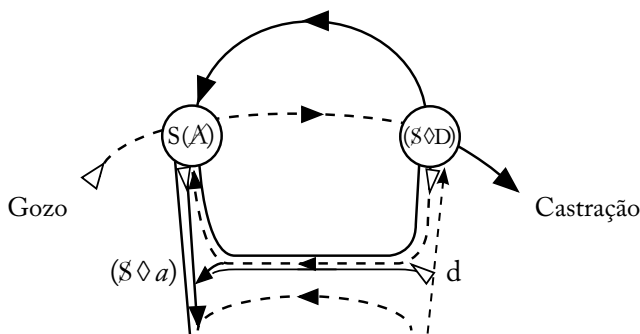
Todas as traduções para o português vertem o *besoin* francês por necessidade, o que engendra uma incompreensão de tal ordem que parece impossível articular o que está escrito com o que lidamos na clínica, ao reduzir Demanda à fala que pode calar-se e emudecer. Para que se entenda a Demanda com o D maiúsculo segundo Lacan, devemos fazer outra distinção, como ele mesmo deixou claro desde *Função e campo da fala e da linguagem*: “*need* e *demand* têm para o sujeito um sentido diametralmente oposto” (1998, p. 297), ou seja, trata-se de uma necessidade de outra ordem e, por isso mesmo, o silêncio na clínica é retumbante.

Eis uma das razões que dificultam o uso do matema $\$ \diamond D$ (1998, p. 831) como matema da pulsão: reduzir a demanda ao falado. O S barrado denota a operação, *a priori*, de anulação pelo significante das orientações vitais, anterior ao nascimento de cada um que padecerá em seu próprio percurso da sua repetição.

2 Usei a tradução brasileira dos *Escritos* para o português modificando “*besoin*” de necessidade para precisar.

A própria demanda incide sobre outra coisa do que sobre as satisfações que ela exige. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência. O que a relação primordial com a mãe manifesta, por estar prenhe deste Outro que se deve situar *aquém* do que se pode preencher quanto ao que é (*besoin*) preciso (Lacan, 1998, p. 697).

$\$ \diamond D$: matema da pulsão alinhavado, no grafo do desejo, à exigência que não encontra correspondência no campo do Outro, onde o sujeito deve advir e se escreve no grafo do desejo “S” de A barrado no vetor que vai do Gozo à castração (1998, p. 511).



No dizer freudiano, o objeto da pulsão é um objeto qualquer, ou seja, não há objeto específico de saciedade da pulsão. Articulada à estrutura significante, à repetição, não faz sentido indagar pela fonte somática ou qualquer outra para ela. Nada há que contente ou corresponda a esta exigência: $\$ \diamond D$. Por outro lado, se não há como responder adequadamente a esta exigência, não há como se abster dela. Este o paradoxo desta necessidade. O que não tem remédio não está remediado. Aliás, nada mais freudiano do que esta característica da pulsão e por causa dela concebe o dispositivo clínico da psicanálise. Como não há como se abster, entram em jogo as imagens, anuladas pela função simbólica, ou seja, fantasmas, a dimensão de imagens com a imprecisão que lhes é peculiar,

tal como escritas no grafo do desejo e entrelaçam os “anelos” que não se contam, porque não são três (real, simbólico e imaginário)³ a partir dos quais Lacan nos ensinou a ler e a reler Freud.

Eis o paradoxo com o qual se depara Todo elo que pretende SER aliança de amor. Eis o que a psicanálise trata, a maneira pela qual ela trata e o que deve ser elaborado, pois não há outro fim para a psicanálise: refazer laços de amor 1) porque os desenlaces não se extinguem; 2) porque não há laços preestabelecidos.

Só pela palavra há necessidade de laço porque a palavra faz o hiato e a própria palavra, como condição inelutável de todo laço, enquanto laço de amor, impossibilita que o amor seja Todo, quer dizer, que seja um fim em si mesmo (Lacan, 2006, p. 107).

O sexual de Freud a Lacan, o sexual na psicanálise é esta fenda no coração de qualquer nó (não trivial) de amor. Não há vínculo natural para o qual se incline a necessidade de amar. A expressão sintética da perda e da busca do amor perdido é a pedra angular da psicanálise como clínica, como ética e também como política. Não por acaso, Lacan entendeu que o desejo era o *cogito* freudiano (1973). Desejo que *lalíngua* portuguesa parece ressoar como negação do primeiro elo: anelo.

Quem se autoriza estar no lugar de acatar a Demanda como analista não pode, nem deve abrir mão da categoria do necessário, sob pena de se tornar impotente para sustentar a direção do tratamento, uma vez que será tomado como objeto de amor. E o amor transferencial toca no que há de mais real nos laços de amor, na medida em que a necessidade de quem fala não é orgânica,

3 Esse ponto será fundamental: a álgebra lacaniana já não é cardinal ou ordinal. S_1 e S_2 são diacríticos e diferenciais. Passar a pensar as distinções nomeadas Real, Simbólico e Imaginário para reler Freud a partir do anelamento borromeano interdita de vez enganar-se com o número ordinal ou contabilidade. O anelamento poderia ser infinito. Não há 1 elo privilegiado. Qualquer anel pode desfazer o anelamento. A leitura da função do Nome-do-Pai em Jacques Lacan dos *Seminários* 3 a 23 acompanha essa mesma lógica.

pois *need* e *demand* têm para o sujeito um sentido diametralmente oposto, e afirmar que seu emprego possa ser confundido por um instante sequer equivale a desconhecer radicalmente a intimação da fala (Lacan, 1998, p. 297).

Se a categoria de necessidade concerne ao imprescindível, ela não se reduz para quem fala ao que se precisa: *need*, em inglês, *besoin*, em francês, ou até mesmo *Bedürfnis*, em alemão (Lacan, 1998, p. 387). Ainda mais para a psicanálise porque trata pela fala da necessidade de cada um (*talking cure*). O necessário em questão implica as categorias da lógica modal: possível, contingente, necessário, que não desenvolverei aqui neste trabalho, não obstante Jacques Lacan tenha reformulado a tríade de categorias modais kantianas sem jamais abrir mão do necessário. Em suas palavras, a referência ao “que não cessa” (Lacan, 1975, p. 88).

Este é o erro crasso da maioria dos tratamentos dados aos sintomas contemporâneos: pretender a eliminação ou remissão do sintoma porque se acredita na possibilidade de cessá-los quando, na verdade, apenas se deslocam. Erro crasso referendado até as últimas edições dos DSM e dos CID que reduzem o sintoma a um sinal qualquer, em vez de considerar a que necessidade o sujeito responde com seu sintoma. Por isso mesmo, desqualificam a pulsão como mera conjectura freudiana verbal e vazia. Porém outro erro, não tão grave, todavia bastante comum entre psicanalistas, sobretudo lacanianos, como revela a tradução dos *Écrits*, se expressa na oposição entre desejo e necessidade: quando se equivale o necessário ao que se precisa e se opõe demanda a desejo. Escuta-se a demanda apenas como falada e negligencia-se seu caráter de intimação, ou seja, de pulsão: $\$ \diamond D$.

O que Freud descobre no sintoma? Justamente esta exigência (*Trieb*) que não cessa (*konstant Kraft*) (1915) que Lacan formula como Demanda e acrescenta “que é sempre demanda de amor” (1998, p. 701). O amor é necessário, mas não é preciso, no sentido em que canta a canção popular de Marina, sabiamente intitulada

Virgem: “as coisas não precisam de você, quem disse que eu tinha que precisar?”

Isto porque “Tudo o que o falante precisa está contaminado por estar implicado numa outra satisfação para a qual pode fazer falta” (1975, p. 49). O que pode fazer falta? Justo o que se precisa. O ar para os pulmões, o alimento para a fome, o sono para a fadiga não atende a esta Outra Necessidade. Quando se trata de amar, o que se deve realmente buscar? Nada! Nada mais estranho às elaborações clássicas do pensamento: uma necessidade cujo objeto não há. Contudo, porque envolve o necessário, permanecer indiferente é impossível. Razão pela qual a ética da psicanálise não é uma ética estoica, não visa à ataraxia, nem o fim da análise poderá ser o resignar-se ao sintoma. Por isso mesmo Lacan afirma em *Nota italiana* que, sem entusiasmo, pode haver análise, “mas nenhuma chance de analista” (2001, p. 309).

Donde a impossibilidade daquele que ocupa este lugar de objeto de amor como analista SER o amor de quem o procura. Mas quem o procura não sabe disso, ou ainda, inconsciente sabe. Todavia quem recebe essa intimação como analista terá obrigação de saber, caso contrário correrá o risco de recair na impotência de tentar responder a esse chamado, receio que tenta, ronda qualquer iniciante na clínica e comparece no lugar de semblante.

O analista não é uma Pessoa, nem sujeito, mas causa de desejo. Não sou EU, nem pode ser um. Tampouco um mestre que, ao acatar a demanda, orienta em que sentido o sujeito precisa buscar resolver o seu problema. Mas a psicanálise se passa em outra dimensão, onde *DAR* nada contenta, e dar Sentido significa menos ainda, pois, ao contrário, oblitera toda possibilidade de cura. Por isso, deve-se transformar a maneira de amar para que advenha um outro laço, um novo laço que se chama o discurso do analista, a cada análise que se inicia, como nova modalidade de laço social, de um amor sem limite (Lacan, 1973) que só o desejo do analista consente sustentar.

Não há laços eternos. Só os amores são eternos. Não há matriz do laço porque os laços não são prévios, mas hiato devido

à palavra. Mesmo o vínculo materno. Parece banal dizer que os laços de amor são feitos. Quando o são? Em nome do quê? A sabedoria popular, entretanto, não se engana de todo quando diz que o amor está escrito nas estrelas. Para nós, amar implica a letra. Mas não quer saber que escritos não erradicam o hiato aberto pela palavra. Amar é desejar. Amar seria ler nas estrelas e gozar nas entrelinhas do Outro. Não se encontra na certeza soberba de quem ama ou é amado. E a resposta inútil: não sei, não sei, não sei... que evita refazer laços, reiteração do sintoma e do pavor de amar, será justo o que o psicanalista ousa tratar, quando a ênfase recair sobre o engajar-se em decifrar sinais considerados de amor.

Lacan nos ensina, sobretudo, a reler. Freud, certamente! E as estrelas? O que será concedido almejar, ao concebermos, paradoxalmente, cada laço de amor a partir do seu feitio? A psicanálise nos permite reler a história de cada um, o que está escrito em nós.

E após o desenlace da transferência? Este é um capítulo da *Ístória* da psicanálise que está em curso, que se faz ainda e desejo escrever. Como não há desejo sem Outro, me dirijo àquele que não sabe o que fazer com Isso, para que possa cessar de não escrever sobre nós, sobre o que nos intima no mais íntimo, o enigma do nós e dos nós, a fazermos sós, o que constitui o drama, a trama e o urdume do campo lacaniano, que o próprio Lacan desejara, torne-se campo de Gozo! (1991, p. 93). Sem esquecermos de amar, pois, parafraseando o que diz Lacan em *O Seminário, livro 10: a angústia*, só um amor permitirá ao gozo condescender ao desejo.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 129–183.
- LACAN, Jacques. (1957–58). *Le Séminaire, Livre V: Les Formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, 1998.
- _____. (1960–61). *Le Séminaire, Livre VIII: Le Transfert*. Paris: Seuil, 1991.
- _____. (1962–63). *Le Séminaire, Livre X: L'Angoisse*. Paris: Seuil, 2004.
- _____. (1964). *Le Séminaire, Livre XI: Les Quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Rio de Janeiro: Seuil, 1973.
- _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1969–70). *Le Séminaire, Livre XVII: L'Envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1991.
- _____. (1971). *Le Séminaire, Livre XVIII: D'Un discours que ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil, 2006.
- _____. (1973). Note italienne. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 307–311.
- _____. (1975). *Le Séminaire, Livre XX: Encore*. Paris: Seuil, 1975.

Resumo

Este artigo é o produto da XVII Jornada de Formações Clínicas do Campo Lacaniano e tem como objetivo fornecer meios necessários para se manejar o matema $\$ \diamond D$ que escreve a pulsão. A formulação lacaniana segundo a qual toda demanda é demanda de amor deve ser lida a partir do que o falante precisa, atravessado por uma outra necessidade. Postulamos amar como necessário, como uma das leituras deste matema e propomos uma reavaliação de certas traduções para assim pensarmos os laços em psicanálise.

Palavras-chave: Amor necessário. Demanda. Laços.

Abstract

This article is the product of the XVII Journey of Clinical Formations of the Lacanian Field. It aims to provide the necessary means to handle the matheme $\$ \diamond D$, through which the drive is written. The lacanian formulation according to which every demand is a demand for love must be read starting from what the speaker needs, traversed by another necessity. We postulate love as necessary, as a way of reading that matheme and we propose a reevaluation of certain translations so we can think about the bonds in psychoanalysis.

Keywords: Necessary love. Demand. Bonds.

Ricardo de Barros Cabral

Psicanalista. Professor adjunto do IP-UFRJ. Membro do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. E-mail: ricardobc@me.com

*Eu matei minha mãe:*¹
sobre o paraíso e o purgatório
entre mãe e filho

Felipe A. Garcia Grillo

*Ó mulher sinistra, ensurdecadora e cruel
As sistras lúgubres na tua voz estridente
Ressoam uma canção triste e terrível que me assombra
E eu escapo por um prado verde tenebroso!*²

Prólogo

A Sistra, do grego *seistron*, literalmente “aquilo que é sacudido”, é um instrumento musical de percussão, uma espécie de chocalho, considerado sagrado no Egito antigo. Ali, em determinados templos, somente dois instrumentos poderiam ressoar, a sistra e a voz humana. Na antiga língua egípcia, seu nome é uma onomatopeia, *sesheshet*, cujo som pronunciado é semelhante ao de uma cobra temida e adorada pelos egípcios. Seu som, produzido pelo bater de rodela metálica, pode ir de um leve tilintar até o barulho mais estridente. A sistra é associada à Hator, deusa egípcia da fertilidade, do amor feminino e da maternidade.

¹ Título em português do filme *J'ai tué ma mère*, de Xavier Dolan, 2009.

² Tradução livre do poema extraído do referido filme: “Ô femme sinistre, fracassante et cruelle/ Les sistras lugubres dans ta voix de crécelle/ Ils entonnent un chant triste et affreux qui me hante/ Et je fuis dans un pré verdoyant d'épouvante!”

Sobre *Eu matei minha mãe*

Hubert ama odiar e odeia amar sua mãe. Quando tinha sete anos, seu pai foi embora, segundo o que lhe contou sua mãe, por não ter coragem de ser pai, tornando-se um ir e vir ocasional. Mas, nos bons tempos, mãe e filho corriam juntos pelos campos verdes da casa de campo, antigas lembranças filmadas pelo pai, que justamente por isso não aparece, mas ali se encontra. Hoje, Hubert – agora com 16 anos – e sua mãe não param de gritar um com o outro. Antes conversavam; hoje é a falta de conversa a reclamação de ambos. Contudo, quando a oportunidade aparece, Hubert não consegue dizer nada além de repetir que eles precisam conversar, que tem muito que lhe dizer, como antigamente.

É assim que, na aula de francês, após o pedido da professora para que os alunos entrevistassem seus pais a respeito de suas profissões, Hubert anuncia em tom de confissão que nunca vê seu pai e que... [pausa dramática dando o tom da sua mentira verdadeira ou verdade mentirosa] sua mãe morreu, pedindo para usar a profissão da tia no lugar. Sem graça e comovida, a professora aceita. Dias depois, ao descobrir-se “assassinada” pelo filho, Chantale, tresloucada, surge na porta da sala de aula e diz sem hesitar: “Você! Vamos conversar depois da aula!” E olhando para a turma grita: “Eu pareço morta, pelo amor de Deus?” Eis a sistra que soa ironicamente leve, por exemplo, quando cantarola para afugentar os insultos do filho, mas que arranha seus ouvidos quando têm os limites ultrapassados por ele.

O *mise-en-abîme* de Hubert

“Não sei o que houve. Quando era pequeno, nós nos amávamos. Ainda a amo. Posso olhar para ela, conversar, ficar ao lado dela. Mas... [Hubert, que fala para a câmera, num misto de convicção e tristeza, afirma] não posso ser seu filho. Poderia ser o

filho de qualquer pessoa. Mas não dela. Mesmo quando tento imaginar a pior mãe do mundo, ela ganha longe. Acho que Deus se enganou de mãe para mim. Ela não me queria. Sou apenas um fardo. Não foi feita para ser mãe. Casou-se e teve filho porque todos esperavam isso dela. É o que todos esperam das mulheres. Enfim... Quase todos”.

“É verdade que eu a amo. Mas não é um amor de filho. É estranho porque se alguém lhe fizer mal, certamente eu mato essa pessoa! Ao mesmo tempo, posso pensar em umas cem pessoas que amo mais que minha mãe. É um paradoxo ter uma mãe que você é incapaz de amar e incapaz de não amar, ao mesmo tempo. Quando eu era criança, eu e minha mãe éramos bons amigos. Por que não posso viver como todo mundo? As pessoas da minha idade acham a mãe uma chata, mas gostam dela. Acho que não fui feito para ter mãe. Devíamos ser capazes de nos matar. Cortar nossas cabeças. E renascer depois. Poder nos falar, nos olhar, ficarmos juntos. Como se nunca tivéssemos nos visto antes. Se minha mãe e eu não nos conhecêssemos, certamente nos daríamos bem”.

O que é uma mãe para um filho?

No mês das mães, nada mais propício do que uma breve e inicial reflexão a respeito do papel e da função da mãe na psicanálise. Em uma das minhas referências para a elaboração deste trabalho, o livro *O que Lacan dizia das mulheres*, Colette Soler separa alguns capítulos para falar dessa senhora a quem rapidinho, logo depois de colocarmos o pé por aqui, neste mundo, chamamos de mãe e que, esteja presente ou ausente, é do barulho. Mãe que, segundo a autora, se pode, se quer, se deve prescindir, mas somente “sob a condição de que primeiro dela tenha se servido” (Soler, 2005, p. 87). Ao contrário do pai, do qual só se usa depois de dele prescindir, da mãe só se pode prescindir depois de muito uso, que, aliás, pode ir do “use com moderação” ao “use e abuse”, ao gosto do freguês.

Freud, naquele curto texto de nome fofo, *O romance familiar dos neuróticos*, escreve logo de início que uma das maiores dores do sujeito é separar-se dos pais, mas que “é absolutamente necessário que ele o faça” (Freud, 1909/2015, p. 420). Para tal, o sujeito vai tratar de encontrar saídas, como dizer-se adotado, filho do vizinho ou até da Rainha Elizabeth! Insatisfeito, vingativo, não cansa de repetir que a grama do lado de lá é sempre mais verde que a sua. No entanto, este é um percurso fundamental em que os pais são trocados por outras figuras ou ideais, em que se “passa do quadro restrito da família àquele mais amplo da sociedade por meio da transferência de investimentos libidinais” (Strauss, 2000, p. 11-12). Contudo, caminho nunca totalmente completo, diga-se de passagem, até porque, como nos provoca Sonia Alberti, “o mais estranho é a criança não permanecer nessa ligação sexualizada com a mãe” (Alberti, 2010, p. 17).

Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, Freud assemelha os afetos provocados no menino diante da ameaça de castração a “uma terrível tempestade” (1925/2011, p. 290). Ameaça que, segundo ele, fomentaria o declínio do complexo de Édipo; um naufrágio que se caracteriza pelo abandono dos investimentos libidinais nos pais, agora dessexualizados e incorporados ao eu para formar o âmago do supereu. Uma verdadeira “catástrofe” (Freud, 1925/2011, p. 297) em prol do investimento narcísico no pênis. “Triunfo da geração sobre o indivíduo” (Freud, 1925/2011, p. 297), ou seja, a entrada na civilização, no laço social, ocasionado pelo “enquadramento da pulsão” com “perda real de gozo” (Quinet, 2006, p. 17). Obviamente, como bem notou Freud, um naufrágio que não se esquece, não se completa nunca, a não ser em nível “ideal” (Freud, 1925/2011, p. 297). Afinal, navio afundado permanece atolado no fundo do mar e, muitas vezes, guarda intactos sua forma e seus objetos.

Inevitável não lembrar de um paciente que diz que o leite da mamadeira da vovó era muito melhor que o de sua mãe, mas que, apesar das severas críticas tanto por parte de sua mãe

em relação a ele e vice-versa, teria sido justamente ela, mamãe, quem viria a se tornar sua referênci(a)-mor para todas as futuras escolhas. Disse-me certa vez: “No fim das contas, nenhuma opinião importa mais que a da minha mãe”. Retomo uma citação de Guy de Maupassant que também aparece no filme *Eu matei minha mãe*: “Amamos nossa mãe quase sem o saber e só nos damos conta da profundidade das raízes desse amor no momento da derradeira separação”³³.

Sem dúvida, o fragmento de caso citado, assim como outros, juntamente com o filme *Eu matei minha mãe*, foram as inspirações para estar aqui às voltas com o tema. Dessa forma, pareceu-me bastante razoável deparar-me com algumas ideias de Soler (2005), como, por exemplo, a de que “no cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar” (Soler, 2005, p. 91) e que, portanto, não faltarão reclamações direcionadas a ela na clínica. Cito-a:

Que é que não se diz dela? Imperiosa, obscena e possessiva, ou, ao contrário, indiferente, fria e mortal, demasiadamente isto ou aquilo, atenta ou distraída demais, quer sature, quer prive, quer se preocupe, quer negligencie, tanto por suas recusas quanto por suas dádivas, ela aparece como a imagem das primeiras angústias, o lugar, ao mesmo tempo, de uma ameaça obscura e de um enigma insondável (Soler, 2005, p. 98).

Portanto, na fala dos analisantes, a mãe aparece como uma imagem e um lugar, ambos relacionados à angústia, seja pela ameaça que representa ou pelo enigma que comporta. Ameaça e enigma, enigma que ameaça, *ainigma*, no grego, ou seja, “palavra

3 A referida frase encontra-se num romance de Guy de Maupassant de 1889, intitulado *Forte como a morte*.

obscura” (Quinet, 2015, p. 100) que pode tanto apavorar o sujeito, afastando-o, como ao mesmo tempo provocá-lo e exercer nele uma atração hipnótica, nem que seja para decifrá-la. Lembremo-nos da Esfinge que defrontou Édipo com um enigma cantado que deveria ser, justamente por isso, apavorante. Imagine você se deparar com aquela coisa, metade mulher, metade cadela, parte pássaro, parte leoa, que, caso não seja decifrada, ainda diz que vai te devorar e que, além de tudo, canta?! Chocante, mas, sem dúvida, não de todo, porque uma esfinge cantora deve ser, no mínimo, curioso! Brincadeiras à parte, recorrendo a *Édipo ao pé da letra* (2015), de Quinet, a Esfinge do mito de Édipo traz um enigma baseado em *lalíngua*, que diz respeito à identidade e à origem do sujeito: “O que sou eu? De onde vim?” (Quinet, 2015, p. 104).

Sabemos que, a partir de Lacan, aquilo que tanto angustia quanto atrai foi nomeado de objeto *a*. Poderíamos então supor alguma relação entre o lugar que a mãe ocupa para um sujeito e o objeto *a*? Segundo Freud, um dos quatro elementos que compõem a pulsão é o objeto (os outros três são a força, a fonte e o alvo). Diferente do instinto, a pulsão não tem um objeto único, podendo ser qualquer um, o que não quer dizer um qualquer. Dessa forma, ser qualquer um significa que falta um que encaixe completa e perfeitamente ali, ou seja, que falta; que falta um objeto que nos complete. A essa falta, a esse vazio provocado por um objeto para sempre perdido, “objeto faltoso, um objeto que não existe enquanto tal” (Jorge, 2011, p. 139), Lacan deu o nome de objeto *a*. Como o desejo e a falta andam de mãos dadas, trata-se do objeto que causa o desejo e não objeto do desejo. É o que provoca o desejo; é o que coloca a estrutura desejante para funcionar, seu “motor” (Jorge, 2011, p. 140). Mas não somente, pois além dessa vertente, a de causa de desejo, ele também é objeto-mais-de-gozar, causando, em vez disso, angústia. Chamemos os poetas para nos ajudarem nessa definição, pois, como Freud dizia, eles nos antecipam os conceitos.

Sua ausência cabe em meus poros
Sua ausência cabe em meus peitos
Entre as pernas nos ouvidos e nos olhos sua ausência
Cabe em minha boca
Tem um buraco entre meus peitos onde você cabe
E não tem buraco entre meus peitos
Quando sua ausência me cabe
Sua presença me presença em mim
Presença em mim
Presença
Ausência me devolve
No meu deserto a palavra cabe⁴

Mais tarde, Lacan situa o objeto *a* na interseção dos registros do real, simbólico e imaginário, o que nos leva também a sua partição em três dimensões. Dessa forma, podemos dele ter sinais através do imaginário e do simbólico, ganhando assim roupagens tecidas através dos significantes do Outro, particulares à história de cada sujeito. Conforme a divertida descrição de Quinet (2012), “esse objeto pode tomar a forma de um rabo de saia, uma b..., um c..., um p..., uma x..., um quê” (Quinet, 2012, p. 34). Seguimos catando-o sem nunca reencontrá-lo, a não ser mediante substitutos, sempre incertos e fugidios. O eco de uma voz, o piscar de um olhar, apenas resquícios do que já foi sem nunca ter sido. Seu *status* é da ordem do real, o que lhe confere sua “ex-sistência”, ou seja, está fora do simbólico. E é justamente essa dimensão real do objeto *a* que Lacan acentua como o famoso e enigmático das *Ding* de Freud, “real originário sem nome e sem imagem” (Jorge, 2011, p. 140). Cito Quinet:

O real da Coisa está presente no complexo do próximo, o qual se decompõe em duas ‘partes’: uma ‘parte’, variável, é composta dos

4 Poema extraído do livro *Pensamento chão* (2007), de Viviane Mosé.

atributos do próximo (alto ou baixo, gordo ou magro, inteligente, [...] significantes imaginarizados); e a outra ‘parte’, imutável e real, está sempre presente em todos os seus próximos que causam o seu desejo. Esta última corresponde à Coisa (Quinet, 2012, p. 36).

No entanto, segundo Marco Antonio Coutinho Jorge, “o impossível não é o proibido: das *Ding* não é o objeto materno” (Jorge, 2011, p. 142). O que isso quer dizer? Que a mãe não é *das Ding*, apesar da confusão que geralmente se faz entre os dois. Isso acontece porque a mãe é o primeiro objeto a ocupar o lugar deste objeto radicalmente perdido da estrutura. A confusão se presta por ser a mãe esse objeto privilegiado, primevo, de satisfação considerável, mas que é apenas um dos objetos que ocupam para o sujeito o lugar do objeto que falta. Aliás, nesse sentido, é porque não há esse objeto que nos satisfaria plenamente que a mãe entra em jogo como proibida. Ou seja, porque há um impossível estrutural que aparece uma proibição. Ainda conforme o referido autor, poderíamos inclusive supor que a instituição de um objeto enquanto proibido seria uma forma de amenizar o trauma de não haver tal objeto, ou seja, do impossível.

Estruturalmente, a mãe para a psicanálise é mãe-objeto, objeto de satisfação primária a ser perdido, barrada pela função limite do pai. Gozo e proibição do gozo formam a estrutura construída por Freud, “estrutura que distribuía as funções” (Soler, 2005, p. 88) para os personagens do romance edípico, conjugando complexo de Édipo e de castração. Contudo essa mãe fala! Temos então um revertério. Porque a mãe de quem se fala, de quem se reclama, é objeto da fantasia do filho. Portanto, agora, passa de objeto à sujeito, falasser. A mãe enquanto sujeito dividido e, agora, o filho tomado enquanto seu objeto de gozo. E, segundo Soler, “é como ser da fala que ela deixa sua marca no filho” (2005, p. 91). Essa voz imperativa que regula e controla, a “polícia do corpo” (2005, p. 92), como a chama Colette Soler. Essa fala encarnada que comporta uma sistra que tanto pode tilintar como fazer estardalhaço.

[...] no começo, o recém-nascido não é um sujeito, mas um objeto. Objeto real nas mãos da mãe, que, muito além do que é exigido pelos cuidados, pode servir-se dele como de uma propriedade, uma boneca erótica com que gozar e a que fazer gozar. Freud já havia apontado essa ambiguidade erótica dos cuidados maternos, da qual o sujeito à espera deverá emergir como efeito da fala. Esse é o passo que o pequeno autista nunca dá, e que, para qualquer outra criança, nunca é senão o primeiro passo no caminho da separação (Soler, 2005, p. 93).

A mãe que fala, sujeito-mãe, que deseja e goza, que lhe falta algo que não a satisfação com o filho, é o que faz enigma para o pequeno sujeito. Diante desse enigma, a criança põe-se a investigar e interrogar o Outro na tentativa de decifrá-lo. “Decifra-me ou te devoro”, disse a esfinge à Édipo. Porque o que o sujeito almeja descobrir, a chave para a sua “inefável e estúpida existência” (Lacan, 1957–58/1998, p. 555), é no Outro que ele espera encontrar. Afinal, “quem sou eu?”, ele implora saber! Qual o “lugar do meu ser e minha identificação última” (Soler, 2005, p. 95)? “Diga-me! O que sou para você?!” O sujeito desloca-se do lugar de “filho-objeto”, assujeitado às leis do capricho materno, para o de “filho-intérprete” (Soler, 2005, p. 92–93), que investiga e interpreta como pode o lugar que o inconsciente materno a ele reservou, ou não, o que não será sem consequências.

Suponho que este percurso teórico nos tenha levado até aqui: do desejo pela mãe ao desejo da mãe, ou seja, do Édipo de Freud a Lacan. É o que nos indica Lacan quando solicita nossa atenção para aquilo com que Hamlet mantém relação, o desejo, mas “não é o seu desejo pela mãe, é o desejo da mãe” (Lacan, 1989, p. 51). O desejo da mãe que podemos pensar enquanto o desejo dela pelo filho, mas também enquanto mulher, ou seja, da mulher que a mãe é e cujo interesse está para além do filho. Desejo da mãe que mira o Nome-do-Pai que, por sua vez, barra o filho do lugar de falo da mãe. Chantale, mãe de Hubert, para além dele, deseja o

bronzearmento artificial, o programa de TV e de rádio, os jantares com a amiga, as compras de roupas e utensílios domésticos. E é quando ela apela para o pai, dizendo que se Hubert continuar brigando com ela desse jeito, ele será mandado para morar com seu pai, é justamente aí que Hubert se descontrola, grita e lhe joga na cara falas do tipo: “É por isso que você está sozinha. Você é louca como sua mãe!”. Segundo Hubert, ela só o teve porque era o que se esperava da mulher. No entanto, enquanto mulher, ela não o quer. Talvez seja esse o paraíso e o purgatório de Hubert.

Encerro este trabalho com uma citação de Sonia Alberti, que diz que:

O que os pais comportam para os filhos jamais poderá ser totalmente dito, independente do desenvolvimento da ciência e das artes. É verdade também a recíproca: jamais se saberá dizer completamente o que é um filho para cada um de seus pais (Alberti, 2010, p. 12).

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Sonia. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- FREUD, Sigmund. (1909). O romance familiar do neurótico. In: *Obras completas*, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 419-424.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1.
- LACAN, J. (1957-58). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
- MOSÉ, Viviane. *Pensamento chão*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.
- QUINET, Antonio. *Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2015.
- SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

Resumo

A partir do aclamado filme *Eu matei minha mãe*, de Xavier Dolan (2009), que retrata o relacionamento conturbado entre um filho adolescente e sua mãe, o autor propõe discutir o papel e a função da mãe, sob a luz da psicanálise, e porque haveria ela de ser alvo de tantas reclamações por parte dos analisantes na clínica, conforme nos aponta Colette Soler. Além disso, aborda a questão do que se passa entre uma mãe e seu filho, e que pode vir a dificultar o caminho para a separação.

Palavras-chave: Desejo da mãe. Separação. Psicanálise.

Abstract

From the acclaimed film *I killed my mother* by Xavier Dolan (2009), which depicts the troubled relationship between a teenager and his mother, the author intends to discuss the role and the function of the mother, in the light of psychoanalysis, and to investigate why it should be the subject of so many complaints from analysands in our praxis, as claimed by Colette Soler. In addition, we will address the question of what happens between a mother and her child that could impair the way for separation.

Keywords: Mother's desire. Separation. Psychoanalysis.

Felipe A. García Grillo

Psicanalista, músico e designer gráfico. Especialista em Psicologia Clínica pela PUC-Rio; membro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, do Fórum-Rio e participante de FCCL-Rio. E-mail: felipegrillo@hotmail.com



Transferência: o outro nome do amor

Sandra Mara Nunes Dourado

Chamarei de Maria esse sujeito que bate à porta de meu consultório e diz: “Estou aqui, porque não aguento mais sofrer”. Maria, hoje com 54 anos, casou-se aos 20 com um homem que não amava, porém via no matrimônio a oportunidade de sair de perto do pai alcoólatra, violento, ignorante, responsável pela total infelicidade de sua mãe. “Como não odiar uma pessoa assim?”, pergunta-se. A mãe, que morrera há três anos, era “puro sofrimento”, uma pessoa triste, submissa, com muitas doenças, que apostava na filha, a única alegria que lhe restava.

Pouco tempo após o casamento de Maria, seus pais se separaram. Sendo filha única (deste relacionamento), leva a mãe para morar consigo. O marido, mesmo tendo se tornado um homem muito parecido com seu pai, tinha qualidades, pois não deixava faltar nada dentro de casa, amava seus dois filhos e, o melhor, aceitou que sua mãe fosse morar em sua residência.

O primeiro tempo desta análise foi exaustivamente utilizado para que Maria pudesse chorar suas queixas que, em muitos momentos, confundiam-se com as queixas da mãe. Em uma determinada sessão, na qual a paciente versava sobre as diversas doenças da mãe (diabetes, pressão alta, depressão, dores de cabeça), a analista questiona enfaticamente: “E sua saúde, como anda?”. Neste momento, Maria lança um olhar de surpresa para a analista, leva a mão à cabeça e diz: “Espera aí, não está vindo nada. Cadê minha memória? Está tudo indo embora. Que horror! Pelo amor de Deus, eu não lembro de nada”. Maria tem um apagamento.

Na sessão seguinte, ao entrar no consultório, Maria que estava visivelmente tranquila, diz: “Sandra, você vai me dizer o que é que aconteceu naquele dia”. Ao que a analista responde: “Maria, você vai me dizer o que é que aconteceu naquele dia”. Eis o início de uma análise, não sem o amor de transferência.

A descoberta freudiana promove um abalo, ao fundar um discurso ancorado numa experiência de saber paradoxal: a experiência do inconsciente, ou seja, de um saber não sabido pelo sujeito e do qual ele é responsável. Freud aposta neste trabalho para que o analisante diga mais do que supõe que saiba. Sua hipótese é de que há um saber que ele desconhece. Deste modo, podemos afirmar, de saída, que a ruptura que Freud realiza com o saber médico da época consiste em supor que o saber está do lado do analisante e não do analista. A originalidade da psicanálise se funda justamente na viabilização da cessão deste saber.

Assim como o dispositivo analítico, a transferência está na origem da psicanálise, uma vez que é somente a partir de sua instauração que o trabalho é possível. Trata-se, portanto, de um dispositivo a ser produzido pelo analisando, mas causado e sustentado pelo desejo do analista. No *Dicionário comentado do alemão de Freud* (1996), Luiz Hans afirma que o vocábulo “transferência” possui algumas conotações específicas. Pode-se dizer que “em geral, no termo *Übertragung* há um arco que mantém aceso o processo de ida e vinda, seja temporalmente, entre o passado e a atualidade, seja geograficamente, entre o longe e o perto, ou de uma pessoa a outra. [...] Aquilo que se busca, traz e deposita pode ser levado embora novamente, para outro lugar e em outro tempo” (1996, p. 412).

Com Colette Soler, podemos afirmar que:

uma psicanálise supõe a transferência, cuja estrutura foi esclarecida por Lacan, no postulado do sujeito suposto saber. Mediante a transferência, um sujeito é suposto saber, ele mesmo suposto, como podendo responder pelo sintoma no qual se apresenta, na entrada de cada cura, a pergunta do sujeito (1991, p. 36).

Mas, entre analisando e analista, continua Soler, “existe o que Lacan chama de divergência da suposição, porque o analista não compartilha do postulado do analisando, o qual, no entanto, ele sustenta” (p. 36). Em seu Seminário *O saber do psicanalista*, Lacan afirma o seguinte sobre o sujeito suposto saber: “o que a psicanálise revela é um saber não-sabido por si mesmo, que se retira do próprio sujeito, ou seja, do analisante” (Lacan, 1967/1997, p. 17). E continua: “é do tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta, esse saber que não é suposto, ele é [...] saber caduco, é isso o inconsciente” (p. 71). Colette Soler lembra que o sujeito procura:

Uma psicanálise com uma demanda dirigida ao saber inconsciente, para que o saber inconsciente diga o que há, diga o que é o sujeito para ter tais sintomas; mas quem é que responde? O paradoxo é que o ser que responde não é o saber; o ser que responde é, precisamente, a pulsão, na medida em que ela é colocada em frase e em imagem no cenário da fantasia. Vocês conhecem essa frase: “A transferência é o amor dirigido ao saber, mas que se oferece a um parceiro que tem a chance de responder”. É o analista, certamente, mas é o analista enquanto o analista que opera desde o lugar de objeto *a*. O analista é também aquele que pela mediação da interpretação faz o sujeito responder, já que a interpretação para Lacan, não é interpretação que se diria significante, assim como a repetição não é a repetição que se diria simbólica (1991, p. 16).

Aguardar o momento mais adequado para a intervenção pode provocar no analisante a recusa, a saída de uma posição de espera de respostas advindas desse outro, de modo que ele mesmo venha a inventar, a construir as suas próprias respostas. Aqui é importante elucidar o que faz do sujeito suposto saber o pivô e o suporte da transferência. Para isso, antes de prosseguir, é preciso destacar o lugar da transferência e da interpretação, uma vez que esses dois termos são necessários para situar o analista na direção da cura.

Eles se encontram unidos pelo fato de que o analista só interpreta a partir do estatuto particular e múltiplo que lhe é oferecido pela transferência, em seu momento pontual e específico. Nesse sentido, dispomos do matema oferecido por Lacan na escrita do discurso analítico. No matema encontramos dois termos do lado do analista, a saber: a e S_2 . Podemos então considerar que está escrita aí a dupla causa do sujeito, a sua causa significante e sua causa objetual.

Assim, a interpretação do analista deve seu alcance, única e exclusivamente, à transferência do analisante e só obtém sua eficácia em função de sua subordinação às leis do significante. O analisante, ao situar o saber do lado do analista, faz-lhe signo mediante o amor que lhe tem. O amor de-cantado pelos poetas ao longo do tempo e da história, ganha um novo nome no âmbito psicanalítico: transferência. Identificada por Freud como condição *sine qua non* de uma análise, ela também oferece seu lugar de empecilho, obstáculo, resistência.

Desde as *Cinco lições de psicanálise* (1910[1909]/1976), Freud já apresenta uma preocupação constante: como garantir a permanência da psicanálise no mundo? Ele desejava que este novo saber fosse estendido para além dele. Em muitos momentos, verifica a necessidade da análise pessoal de seus adeptos, até mesmo para que pudessem, através de sua própria experiência, dar provas da teoria tão arduamente construída. Apesar dos inúmeros debates sobre o aspecto da psicanálise como ciência, Freud insistia sobre um ponto: a psicanálise é práxis e, como tal, deve ser levada à demonstração em seu valor científico na clínica.

A psicanálise nos ensina que o fator relevante nessa prática é mais da ordem da invenção e menos da ordem da descoberta. Trata-se de um saber inventado muitas vezes com um toque de ficção, para que dê conta do *semidizer* da verdade, na versão possível de cada um. A análise evidencia esse truque. É necessário que haja suposição em outro lugar, para que o sujeito venha a produzir algo de singular, algo que ele possa “chamar de seu” – uma modificação na repetição, na economia de gozo, um outro estilo, uma

nova forma de viver, com menos preocupação, dor e sofrimento, tornando-se capaz de responder por sua singularidade.

Por outro lado, sabemos que todo analista é tributário de sua passagem pelo divã. O que implica saber, por experiência, que destino intrincado o levou à destituição enquanto sujeito suposto saber e ao *des-ser*, referentes à contingência de sua função. Advertido dessa armadilha e da finitude da transferência, o analista sustenta sua posição até a queda final.

Na lição de 29 de novembro de 1967, de *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico* (1967–68) Lacan reflete sobre o que seria um ato para o psicanalista: “o que constitui o ato psicanalítico como tal é muito singularmente esta simulação pela qual o analista esquece aquilo a que, na sua experiência de psicanalisando, ele pôde ver reduzir-se essa função do sujeito suposto saber” (p. 57).

O analista responde com o ato dando suporte ao amor de transferência, pois este é o motor da análise. O ato analítico é bem diferente do agir no sentido de exercer uma força física, efetua-se em uma estrutura significante porque está na dimensão da linguagem. A linguagem vem em forma de demanda de amor do analisante, que faz do analista o alvo da transferência e o suporte de suas representações inconscientes. A presença do analista garante que nada do que o sujeito disser será usado contra ele e que algum saber surgirá dessas associações, o que significa afirmar que a situação analítica se baseia também em uma ilusão: a de que o saber estaria do lado do analista.

Lacan aponta para o sujeito suposto saber como sendo o lugar onde o analista é colocado pelo amor de transferência e de onde ele responde a partir da ética psicanalítica, fazendo de sua intervenção um corte, para que o sujeito encontre, num lugar esvaziado, o desejo inconsciente. A junção entre amor e saber na transferência é denominada por Lacan “um amor-paixão” escoltado pela ignorância, uma das paixões do ser. É isso que abre espaço para que se produza a suposição de saber. Desde o texto *A questão da análise leiga*, de 1926, Freud adverte os analistas de que a posição de apelo a esse lugar

vazio só se torna possível se os analistas “aprenderem a análise da única maneira possível – submetendo-se eles próprios a uma análise” (1926/1976, p. 220). E complementa, aduzindo que:

O trabalho é árduo, de grande responsabilidade. Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a ciência da vida sexual, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência – qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise (1926/1976, p. 220).

Depreendemos, então, que a invenção do inconsciente inaugura um novo paradigma no campo de saber, ocasionando uma subversão. Do lado do sujeito neurótico, institui-se a claudicação imposta pela falta em relação àquilo que o guia e o motiva. Do lado do analista, mantido em reserva, no aguardo, temos a oferta da abstenção de preconceitos, de saber acumulado e de *furor sanandis*.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1910 [1909]) Cinco lições de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1926) A questão da análise leiga. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. (1967–68). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.
- _____. Proposição de 9 de outubro de 1967 – Proposição sobre o psicanalista da Escola. In: *Revista da Escola Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 0, p. 29–42, ago. 1981.
- SOLER, Colette. *Artigos clínicos: transferência, interpretação, psicose*. Salvador: Fator, 1991.

Resumo

A partir de uma vinheta clínica, este artigo discute a questão do amor de transferência enquanto dispositivo analítico que deve ser produzido pelo analisando, mas causado e sustentado pelo desejo do analista. O analista responde com o ato analítico dando suporte ao amor de transferência. O amor de transferência é o motor da análise e sua resolução o que determinaria o fim de uma análise.

Palavras-chave: Psicanálise. Transfereência. Amor.

Abstract

From clinical example, this article discusses the question of transference love as an analytical device that must be produced by the patient, but caused and sustained by the analyst's desire. The analyst responds with the analytic act supporting the transference love. The transference love is the engine of analysis and its resolution, which could determine the end of an analysis.

Keywords: Psychoanalysis. Transference. Love.

Sandra Mara Nunes Dourado

Psicanalista, membro de IF-EPFCL – Brasil / Fórum Fortaleza, atualmente compondo a Comissão de Gestão como diretora nacional. Graduação em Psicologia, Especialização e Mestrado em Educação Brasileira. E-mail: sandra.lacanian@gmail.com

Orgulho e preconceito... gay

Leonardo Pimentel

Este título, *Orgulho e preconceito... gay* provoca uma associação imediata ao livro de Jane Austen (2011). No entanto, trata-se aqui apenas de um empréstimo, assim como foi feito por esta autora. A princípio, seu romance se chamaria “Primeiras impressões”, mas Austen decidiu mudar o título para esta antítese, *Orgulho e preconceito*, a qual havia retirado de um romance de modos chamado *Cecília*, cuja autora é Fanny Burney.

Certamente, com algum esforço, poderíamos criar certos paralelos entre o tema da homossexualidade e o livro de Jane Austen; poder-se-ia falar da questão do casamento, que é tão pregressante no livro; ou mesmo da questão da moralidade, forte subtema desse romance. Porém o mais interessante é pensar a própria antítese, orgulho e preconceito, que sempre é evocada no discurso homossexual. Afinal, de um lado, temos as paradas do “orgulho gay”, reunindo milhares de pessoas da comunidade LGBT e simpatizantes. Mas, do outro, temos os casos, muito frequentes, de preconceito e violência contra essa comunidade.

Este trabalho visa problematizar algumas hipóteses a respeito da origem desse preconceito. Contudo não se trata de uma exegese do que estamos acostumados a chamar de homofobia, e sim de levantar algumas possibilidades de interpretá-la à luz da psicanálise. Isso será feito através de dois eixos principais: primeiro, o narcisismo da pequena diferença e, segundo, a inexistência da relação sexual. Por concisão, limitar-nos-emos às homossexualidades masculinas, que ocuparam certa posição de visibilidade ao longo da história.

Temos um exemplo disso no *Código Penal Prussiano*, de 1871, em que se lê:

§ 175 Fornicação não natural

A fornicação não natural, seja entre pessoas do sexo *masculino*, seja entre humanos e animais, deve ser punida por encarceramento; uma sentença de perda de direitos civis pode ser promulgada (Alemanha, 1871, tradução livre).

A referência a este artigo é capital, pois foi a partir de uma crítica a ele que surgiu o termo “homossexual”, no final do século XIX pelas mãos de Karoly Maria Kertbeny¹ (Takacs, 2004). Esse artigo sofreu muitas alterações ao longo dos anos, mas permaneceu como uma arma jurídica contra os homossexuais, principalmente os homens, reiterando as variadas punições a serem infligidas. Ele perdurou até maio de 1994, apenas alguns anos atrás, quando foi suprimido. Podemos retrazar suas influências voltando até o tempo das inquisições espanholas ou, mais ainda, até o Código Justiniano de 527, que serviu de base para as constituições da Europa Medieval (Crompton, 2003). Mas o apego exclusivo às explicações sócio-históricas não pode ser a única ferramenta para esta análise, uma vez que, em se tratando de psicanálise, é preciso ir além e considerar o sujeito; por isso, voltamos a Freud.

Freud introduziu a ideia de “narcisismo da pequena diferença” ao tratar da constituição do tabu, constituição na qual sempre estão presentes inúmeras proscricções (Freud, 1918[1917]b). E é bem comum que entre essas proibições esteja o contato com a mulher.² A despeito de qualquer semelhança que se possa ter com o outro, as diferenças sempre ganham certo valor, como se houvesse uma tentativa de reafirmação de si pela negação do outro.

1 Ou Karl Maria Benkert, seu nome de nascimento (Takacs, 2004).

2 É importante notar que o uso de “mulher” aqui se refere à posição de alteridade, àquilo de misterioso, e não exatamente à fêmea, como podemos depreender através dos desenvolvimentos de Lacan nos anos 70 (Lacan, 1972–3).

Isto é o cerne da teoria hegeliana da consciência. A evolução da consciência-de-si implica rebaixar o outro, pois se duas consciências-de-si lutassem pelo reconhecimento em pé de igualdade, isto as levaria à morte. É necessário que um dos lados reconheça seu desejo no desejo do Outro; essa alienação, esse reconhecimento desigual, permite a coexistência das duas consciências. Pela desvalorização do outro, uma consciência pode assumir o lugar de mestre, isto é, o lugar daquele que é reconhecido e que possui uma substância (Kojève, 2002).

Porém o mais interessante, observa Freud, é que nessa dialética imaginária, em face de uma grande semelhança e uma mínima diferença, é a última que parece funcionar como motor de toda relação agressiva (Freud, 1918[1917]b).

O narcisismo da pequena diferença seria a reafirmação egoica pelo ataque à alteridade. Freud o considera como motivo da hostilidade do homem à mulher, no nível individual, mas também, já num nível coletivo, como a chama que provoca o ódio segregacionista entre as religiões, nações etc. A pequena diferença no caso da homofobia seria, então, a escolha de objeto: existem os machos que escolhem outros machos, e aqueles que escolhem as fêmeas. No entanto essa noção de objeto implicada na *Objektwahl* precisa ser avaliada de maneira mais precisa.

Todos os sujeitos obedecem, da forma como podem, aos requerimentos de seu maquinário pulsional. O grande dilema do *fallasser* é que essa exigência interna, constante, não tem nenhum objeto predeterminado e é sempre satisfeita apenas parcialmente, e isso através do encontro com os objetos episódicos que se manifestam nesse furo do objeto *a* (Lacan, 1964). Esses objetos podem ser encontrados na relação com o outro; pode tratar-se, por exemplo, de um jeito de olhar, ou de um tom de voz que fissa o sujeito. Esse jeito de olhar, todavia, não atinge outras pessoas, não se trata de uma qualidade absoluta e ôntica. Isto é, sem o parceiro, não haveria olhar, mas ao mesmo tempo ele não é Medusa com seu olhar que fulmina todos. É um encontro que depende da conjunção da fan-

tasia do sujeito com algo do parceiro. Este parceiro é a ocasião para o encontro/desencontro com o objeto *a* (Soler, 2008). Isso desloca a temática do parceiro de uma perspectiva ôntica, imagética, para aproximá-la do real. E, nesse sentido, ele é a ocasião para que o objeto causa de desejo compareça. Isso não pressupõe que exista qualquer direcionamento obrigatório de um macho a uma fêmea. A doutrina das pulsões e esse objeto esquisito, no sentido de estranho, estrangeiro, demonstram como toda pulsão é desviante, no sentido de que ela pode percorrer diversos caminhos até a satisfação.

Freud afirma que, para todo sujeito, existem as duas inclinações eróticas, seja o outro portador do genótipo XX ou do genótipo XY; é a famosa ideia da bissexualidade (Freud, 1905). Trata-se da contingencialidade de objeto, isto é, o objeto pode comparecer ou não no outro, e isso a despeito da anatomia. Todo o seminário sobre as relações de objeto foi trabalhado em cima da contestação do tal objeto harmônico, substancial, complementar etc., demonstrando que o objeto em psicanálise é o que há de mais variável, pois se refere não a um objeto fenomênico dessa nossa realidade partilhada, mas a uma falta, sobre a qual se experimenta o reencontro sempre faltoso com o que quer que seja que venha nesse lugar (Lacan, 1956-57).

Existe uma nota de rodapé na qual Freud chega a se queixar de que haveria um grande contratempo à psicanálise: o fato de que ainda não tinha conseguido articular a bissexualidade à doutrina das pulsões (Freud, 1930 [1929]). A partir de Lacan, o objeto *a* serve justamente para fazer esta ponte teórica: a pulsão percorre um trajeto em torno do objeto *a* através de uma ramificação *homo* ou *hetero*, isto é, sendo o outro macho ou fêmea.

Isso é averiguado na vivência edípica. Quando se fala em Édipo, geralmente a primeira imagem evocada é o binômio Jocasta-Édipo, mãe e filho. Mas este esquema sofre uma enorme retificação em 1923, com a noção de bipotencialidade edípica. Se, até então, Freud havia falado sobre a relação do sujeito com o genitor do sexo oposto, a partir de *O eu e o isso*, fica claro que ele

também dirige seu interesse ao genitor de mesmo sexo. Isto é, o menino dirige sua libido em direção a sua mãe e a seu pai (Freud, 1923). Lacan inclusive aponta que, sem essa ligação ao pai, não haveria possibilidade do sepultamento do Édipo (Lacan, 1957-58). Sua resolução, no caso do menino, implica certo apego, certo respeito ao pai; caso contrário, por que haveria ele de renunciar à mãe, objeto incestuoso?

Além disso, fala-se muito sobre o papel do narcisismo na escolha homossexual. Freud mesmo alega que existe uma preponderância narcísica nesses casos (Freud, 1917[1916-17]b). Enfatizamos, no entanto, a necessidade de ler Freud em toda a sua complexidade dialética, e isso implica alguns ajustes.

Ao tratar do narcisismo, Freud afirma que sua influência na escolha objetual se dá por quatro formas. Escolhe-se: o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser e uma pessoa que é um pedaço de si próprio (Freud, 1914). De forma alguma isto desemboca obrigatoriamente em um sujeito de mesmo sexo anatômico; uma escolha narcísica pode estar vinculada a um ideal, por exemplo. Os relatos de nossa clínica revelam que muitos casais nos quais existe uma forte corrente narcísica são heterossexuais. Esse componente narcísico é indispensável a toda forma de amor, uma vez que toda libido decorre justamente do investimento no eu. Ele é seu ponto de partida. Ele é também seu ponto de chegada. O narcisismo secundário é a última parada dessa libido usada para enlaçar o objeto (Freud, 1914). Isso é exatamente o que Lacan ambiciona transmitir quando anuncia que: “Eu amo apenas meu corpo, mesmo quando, este amor, eu o transfiro sobre o corpo do outro” (Lacan, 1961-62).

O percurso de nosso trabalho, até aqui, permitiu abalar dois fundamentos do que alguns teóricos insistem em considerar elementos exclusivamente constituintes da homossexualidade: o Édipo “invertido” e o narcisismo. Toda a teoria freudiana demonstra, ao contrário, que podemos encontrá-los presentes em toda forma de escolha.

Inconscientemente, então, essa escolha homossexual comparece para cada sujeito. No entanto ela pode se manifestar conscientemente ou não. A homossexualidade latente, não apenas possibilidade, mas presença efetiva, é um dado libidinal absoluto. Por outro lado, existem aqueles para quem ela se apresenta enquanto homossexualidade manifesta. E isso não é muito diferente, segundo Lacan.

Nós sabemos que existe todo tipo de forma de heterossexualidade aparente e que, em ocasiões, a relação nitidamente heterossexual pode se sustentar em uma atipia posicional que nos fará ver, mediante investigação analítica, como derivada de uma posição claramente homossexualizada (Lacan, 1956–57, p. 312).

A leitura cuidadosa dos casos clínicos de Freud permite perceber o componente homossexual, em especial o caso Dora. A consequência imediata disto é o abalo da própria classificação de *hetero* ou *homo* pautada na escolha manifesta do sujeito. Lacan chegou inclusive a afirmar que a nomenclatura homossexual é extremamente imprópria (Lacan, 1973–74), visto que não cobra nenhuma especificidade. Assim, as homossexualidades não constituem *per se* um conceito psicanalítico. Trata-se apenas de uma forma nominalista de tratamento no discurso social, e não uma forma única de escolha de objeto, apenas uma ramificação presente em todo sujeito. Mas isso não impediu que, no Brasil no ano passado, uma pessoa tenha sido assassinada a cada 27 horas por homotransfobia, segundo as estatísticas do Grupo Gay da Bahia.

A homossexualidade “manifesta” é atacada, mesmo que haja uma vertente latente no agressor, talvez até por isso. Essa topologia, essa configuração externo-interno, Freud a chamou de *Unheimlichkeit* (Freud, 1919). Essa estranheza-familiar é o que provoca angústia. O horror a isso que é o mais íntimo, é a semente do ódio e da agressão para com o próximo.

Agora o segundo ponto: a matemática absurda do romantismo diz que $1 + 1 = 1$. Uma leitura mais atenta dos textos de Shakes-

peare provaria o contrário, uma vez que $1 + 1$ levado ao extremo é igual a 0, bastando retomar o suicídio de Romeu e Julieta. “ $1 + 1$ ”, “a cara-metade”, “a metade da laranja”, todas essas expressões são a manifestação daquilo que a forçagem da matemática romântica pretende com o sexo: estabelecer uma relação, uma proporção.

Quando Lacan discorre sobre a relação sexual, ele também evoca com esse sintagma a proporção, a *sex ratio*, isto é, a razão entre o número de machos e fêmeas em uma determinada população (Lacan, 1971-72). Os biólogos afirmam que essa proporção gira em torno de um, ou seja: existe um macho para uma fêmea. Isto, dizem os biólogos, configura uma estratégia evolutiva estável (Ridley, 2004); exatamente por tomarem a reprodução, e consequentemente a evolução, enquanto finalidade do sexo.

Contudo o que a clínica analítica mostra, desde os pacientes de Freud, é que o que há de menos evoluído no sujeito é justamente sua relação com o sexo. Eles só reclamam disso. Esse pareamento entre sexo e reprodução é um erro. Um erro de sobreposição, que Freud explica assim:

Se transformam a função da reprodução no núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não apontam para a reprodução e, não obstante, são seguramente sexuais, como a masturbação e ainda o beijar (Freud, 1917[1916-1917]b, p. 278).

Essa confusão se relaciona, certamente, com o dimorfismo sexual em nossa espécie. Existem dois fenótipos diferentes para os seres humanos. E é preciso lidar não só com isso, com o real do corpo, mas com esses lugares identificatórios de “homem” e de “mulher”, e isso é um dado irrecusável, sendo provavelmente a primeira coisa que se diz a respeito de um outro (Freud, 1933). Toda a clínica da transexualidade mostra até onde essa relação com o significante pode ir. O mal-estar é o mal-estar da sexualidade.

A reprodução enquanto fim, ligada seja à biologia, seja à moral religiosa, representa uma interpretação para o sexual. Por isso

que não funciona muito bem. A heteronormatividade estabelece, por isso mesmo, o imaginário do sexo na cultura.

Existe então a norma “a união de macho e fêmea tem como consequência um filho”, que pode ser escrita em termos lógicos: “macho & fêmea-filhos”. Diante disso, um casal homossexual representa uma quebra lógica, pois ele coloca questões para a explicação biológica/reprodutiva do sexo. É uma perturbação imaginária, uma vez que implica a falta de garantias, a inexistência de normas, para o que é da vida sexual. Não existe nenhum condicionamento prévio, não há instinto sexual – é isso que o homossexual representaria. E se existe uma potencialidade sexual ambivalente, isso pode tocar o sujeito em sua estranheza/familiar. Mas também pode abalar a convicção de que as tampas sempre encontram suas panelas, essa complementaridade tão difundida por nossa cultura. Não se trata, no entanto, de uma defesa, segundo a qual os homossexuais teriam revolucionado os utensílios de cozinha. Eles continuam presos ao mesmo ideal romântico de fazer um.

A hipótese que investigamos é esta: a afronta que o homossexual instigaria, além de ser relativa à *Unheimlichkeit*, seria uma afronta ao imaginário da relação sexual enquanto algo que existe, isto é, uma complementaridade imaginária. Isso porque ela refuta a referência ao dimorfismo sexual. Nossa cultura resolveu interpretar esse dimorfismo enquanto complementar: macho + fêmea. Mas em *O banquete*, de Platão, Aristófanes tinha uma opinião radicalmente diferente (Platão, 2010). Os seres esféricos, defendia ele, podiam ser macho + fêmea, macho + macho e fêmea + fêmea, o que é uma instrumentalização dessa diferença anatômica completamente diversa.

O ideal do um, de fazer um, está presente também nos casais gays. E os heterossexuais acabam representando a mesma afronta a este ideal. Mas não nos referiremos à heterofobia, termo que tem sido bastante usado na mídia hoje em dia, uma vez que não existem casos de assassinatos de casais hetero. Existe um repúdio a tudo o que fura a lógica do um. Mas, culturalmente, seja pelo

processo civilizatório intrinsecamente ligado ao moralismo judaico-cristão, seja pela política imaginária do dimorfismo sexual, a homofobia retém maior peso.

Toda forma de alteridade questiona o eu. Com uma mulher, uma criança, um homossexual, um transexual, com qualquer figura do diferente é travada uma luta de prestígio, luta pelo privilégio da unidade do eu.

Da unidade do amor também. O sexual, o sexo, perturba bastante as questões do amor. Ama-se o que não se deseja, ou se deseja o que não se ama, e, felizmente, às vezes, amor e desejo se encontram (Freud, 1912). Encontro fugaz, pois não podem andar juntos uma vez que, enquanto o amor insiste em unir dois corpos, o sexo demonstra a solidão do gozo: cada um goza sozinho com seu objeto fantasístico em presença do corpo do outro. O sexo corta essa união. A palavra sexo tem sua etimologia em *secare*, que significa cortar. Enquanto isso, o amor faz de tudo para colar.

Esse trabalho de *control+x control+v* povoa os divãs. Prova última de que não existe a relação sexual. A proporção sexual no nível da biologia, macho e fêmea, não diz nada a respeito da relação entre Homem e Mulher. O sujeito só atinge o outro através do objeto *a* (Lacan, 1972–73). Um *S* + um *a*, isso só faz uma fantasia, isso não cria nenhuma unidade em que o sujeito possa encontrar sua substância, seu ser perdido. Afinal, esse *a* é falta.

Por isso mesmo, caberia pensarmos aqui que cada sujeito é heterossexual, a despeito da anatomia de seu parceiro, pois ele se relaciona sempre com o diferente, com esse núcleo do desejo que lhe é êximo. Freud, muito sábio, havia falado que a relação sexual com o outro existe sob duas formas: a heterossexual e a homossexual. E ele as chamou de subtipos de relação aloerótica (Freud, 1899). *Allos* em grego quer dizer diferente. O sexo é sempre aloerótico, pois comporta essa dimensão de alteridade.

O preconceito relativo aos gays, à mulher, ao estrangeiro prevalece sob a forma de repúdio ao que faz corte, ao que faz escansão entre os significantes. A primeira frase do romance de Jane

Austen é a seguinte: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, na posse de uma bela fortuna, necessita de uma esposa” (Austen, 2011, p. 6). Caso Darcy, parte do casal protagonista, fosse gay, isso colocaria um fim a essa verdade universal.

O diferente questiona a universalidade das normas. Nessa cadeia significativa “ele necessita de uma esposa”, o diferente insere pequenas brechas: será que ele necessita mesmo? Por que necessitaria? O que ele quer com ela? Todas as formas de preconceito, homofobia, transfobia, xenofobia, são, na verdade, declinações da alofobia, do repúdio ao *unheimlich* da condição de sujeito dividido que aparece entre esses significantes. A subversão do estatuto de sujeito em psicanálise faz com que ele perca toda sua substância e o índice dessa perda é justamente o objeto *a*. Daí ser ele também causa de angústia, causa – diríamos – do preconceito.

Referências bibliográficas

- ALEMANHA. (1871). *Bundesrepublik Deutschland Strafgesetzbuch*. Disponível em: <<http://lexetius.com/StGB/175,7>>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.
- CROMPTON, Louis. *Homosexuality and Civilization*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.
- FREUD, Sigmund. (1899). Carta 125. In: *Obras completas*, vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 2011. p. 322.
- _____. (1905b). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*, vol. 7. Op. cit., p. 111–224.
- _____. (1912). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II). In: *Obras completas*, vol. 11. Op. cit., p. 169–183.
- _____. (1914). Introducción del narcisismo. In: *Obras completas*, vol. 14. Op. cit., p. 65–98.
- _____. (1917 [1916–17]a). 20ª conferencia. La vida sexual de los seres humanos. In: *Obras completas*, vol. 16. Op. cit., p. 277–291.
- _____. (1917 [1916–17]b). 26ª conferencia. La teoría de la libido y el narcisismo. In: *Obras completas*, vol. 16. Op. cit., p. 375–391.

- _____. (1918[1917]). El tabú de la virginidad (Contribuciones a la psicología del amor, III). In: *Obras completas*, vol. 11. Op. cit., p. 185-203.
- _____. (1919). Lo ominoso. In: *Obras completas*, vol. 17. Op. cit., p. 215-251.
- _____. (1923). El yo y el ello. In: *Obras completas*, vol. 19. Op. cit., p. 1-66.
- _____. (1930 [1929]). El malestar en la cultura. In: *Obras completas*, vol. 21. Op. cit., p. 57-140.
- _____. (1933). 33ª conferencia. La feminidad. In: *Obras completas*, vol. 22. Op. cit., p. 104-125.
- KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- LACAN, Jacques. (1956-57). *Le Séminaire, Livre 4: La relation d'objet*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- _____. (1957-58). *Le Séminaire, Livre 5: Les formations de l'inconscient*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- _____. (1961-62). *Le Séminaire, Livre 9: L'identification*. (Aula do dia 21-02-62). Seminário inédito.
- _____. (1964). *Le Séminaire, Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- _____. (1971-72). *Le Séminaire, Livre 19: ...Ou pire*. Paris: Éditions du Seuil, 2011.
- _____. (1972-73). *Le Séminaire, Livre 20: Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- _____. (1973-74). *Le Séminaire, Livre 21: Les non-dupes errent*. Seminário inédito.
- PLATÃO. *Diálogos V: O banquete; Mênon; Timeu; Crítias*. São Paulo: Edipro, 2010.
- RIDLEY, Mark. *Evolution*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- SOLER, Colette. *La maldición sobre el sexo*. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- TAKACS, Judit. The double life of Kertbeny. In: HEKMA, Gert. (dir.). *Past and Present of Radical Sexual Politics*. Amsterdam: Mosse Foundation, 2004. p. 26-40.

Resumo

Hoje vemos um grande abismo de separação. No Brasil e noutros países europeus, as “paradas do orgulho gay” levam milhares de pessoas às ruas. Contudo, mesmo com as conquistas legais dos últimos tempos, os homossexuais permanecem estigmatizados, alvos de violência e preconceito. Como poderíamos entender esse fenômeno? “Narcisismo da pequena diferença”, diria Freud, e também “encontro com moções recalçadas”. Mas talvez Lacan nos tenha dado mais recursos para pensar essa dinâmica, talvez as homossexualidades apontem para algo da inexistência da relação sexual.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homofobia. Pulsão. Narcisismo.

Abstract

Nowadays we see a great chasm of separation. In Brazil and other European countries, the gay pride parades amass thousands of people on the streets. However, even with the legal conquests of the past years, homosexuals are still stigmatized, target of violence and prejudice. How could we understand this phenomenon? “Narcissism of small differences”, Freud would say, and “encounter with repressed motions”. But perhaps Lacan has given us more resources to think this dynamic, maybe homosexualities point at something regarding the nonexistence of the sexual relation.

Keywords: Homosexuality. Homophobia. Drive. Narcissism.

Leonardo Pimentel

Psicanalista, Membro de IF-EPFCL, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Psicanálise pela UERJ. E-mail: leonardoptl@gmail.com

O amor no sentido genital na fantasia “bate-se em uma criança”

Luciana Piza

O texto que se segue pretende trazer para discussão uma forma particular de manifestação do laço amoroso encontrada no texto *Bate-se em uma criança* (Freud, 1919). Nele, Freud coloca em pauta uma fantasia de espancamento, relatada por seus pacientes, que tem a particularidade de engendrar excitação e prazer sexual por meio da masturbação. Ocorre que, muito embora se trate de uma fantasia erótica e essencialmente masoquista, nela Freud atesta a presença decisiva do amor. Mas, afinal, o que tem o amor a ver com uma fantasia sexual cujo estudo é uma importante contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais, conforme o próprio título que Freud dá ao artigo? Qual a relação do amor com o erotismo, e mesmo com a perversão, nessa fantasia?

O aspecto que chama a atenção – e que me fez questão, levando-me às reflexões que se seguem – é a expressão utilizada por Freud para apontar o sentido da fantasia “bate-se em uma criança” em seu mais importante tempo, inconsciente e masoquista – lida como “sou batido pelo pai” –, como sendo o desejo de ser amado pelo pai no sentido genital. O que Freud quer precisar com a ideia de amor no sentido genital?

As distinções traçadas por Freud relativas às particularidades da apresentação dessa fantasia nos meninos e nas meninas não serão aqui contempladas, na justa medida em que não produzem consequências sobre o tema a respeito do qual nos propomos refletir.

Primeira fase

A primeira fase da fantasia “bate-se em uma criança” – lida como “o pai bate na criança (que eu odeio)” – corresponde, segundo Freud, a uma época muito precoce da infância, em que a criança rivaliza com qualquer outra que se mostre capaz de atrair para si o amor dos pais, repelindo-a:

com toda a selvagem energia que a vida dos sentimentos possui nesses anos. [...] Logo se compreende que ser espancado, ainda que não cause muito dano, significa uma destituição do amor e uma humilhação. [...] Por isso é uma representação agradável que o pai bata nesta criança odiada. [...] Ela quer dizer: o pai não ama essa outra criança, ama somente a mim (Freud, 1919/2006, p. 184).

Para Freud, essa fase da fantasia não é erótica; é uma fantasia de amor, põe em cena uma demanda de amor endereçada ao pai. Lacan (1957–58/1999) destaca que a sua significação estaria no nível do pai, que recusa o amor da outra criança, e o faz sob o signo da violência. O sentido do espancamento é, portanto, a recusa ou privação do amor. A fantasia de espancamento é o meio pelo qual, diz Lacan, “o sujeito [que apanha] é abolido no plano simbólico, por ser um nada absoluto ao qual é recusada qualquer consideração como sujeito” (Lacan, 1957–58/1999, p. 250), solucionando, no campo da realidade psíquica, o problema instaurado com a introdução do rival. O espancamento revela-se como ato simbólico por meio do qual o sujeito priva o outro do amor, eliminando, portanto, sua existência subjetiva, já que o sujeito do desejo só existe, como tal, no campo da linguagem.

Segundo Lacan, a sevícia consiste em negar o rival como sujeito, “em reduzir a nada sua existência de desejante. [...] Meu pai não o(a) ama, eis o sentido da fantasia primitiva, e é isso que dá prazer ao sujeito – o outro não é amado, ou seja, não é estabe-

lecido na relação propriamente simbólica” (Lacan, 1957–58/1999, p. 246). Um pouco mais tarde, ele acrescenta que o espancamento do rival representa uma submissão à degradação subjetiva em seu grau máximo, e é disso que o sujeito, autor da fantasia, goza (Lacan, 1958–1959, 1999). Há aí um gozo jubilatório de ficar vendo o pai espancar o irmão rival e, assim, anulá-lo como sujeito.

Por tomar do sujeito o privilégio da exclusividade do amor parental, o irmão (ou irmã) mais novo é instituído como rival. Ocorre que a relação de rivalidade do eu com o outro é essencialmente imaginária. Estamos, portanto, na vertente *a-a'*, em que o eu é o outro e o outro é eu, de modo que esse rival, que é abolido pelo espancamento, não deixa de ser o próprio sujeito, autor da fantasia. Assim, em última instância, o que se coloca em jogo nessa primeira fase da fantasia é a abolição do próprio sujeito autor da fantasia, pela via da identificação imaginária com o outro que ele faz apanhar do pai.

Segunda fase

De acordo com Freud, à medida que os genitais começam a tomar parte na vida sexual, a partir da prematura escolha do objeto de amor incestuoso, o recalque se apresenta, tornando inconscientes os desejos edípicos e deixando, no rastro desse processo, a culpa que, na fantasia, converte o amor em um castigo.

A fantasia, então, se transforma, sendo representada pela frase “sou batido pelo pai” – uma fantasia masoquista e inconsciente –, segundo Freud, a mais importante, construída em análise. Mas Freud alerta para o fato de que a culpa tem apenas uma parcela nessa passagem. A ela soma-se a moção de amor, que tem importante parcela na instauração do masoquismo. Mas como o amor seria responsável por tornar a fantasia justamente masoquista?

Para Freud, o recalque da organização genital resulta não só na passagem do amor incestuoso para o inconsciente, mas tam-

bém no rebaixamento regressivo da organização genital para a organização sádico-anal:

“O pai me ama” entendia-se no sentido genital; por meio da regressão, transforma-se em “o pai me bate (sou espancado pelo pai)”. Esse ser espancado é agora uma conjunção entre consciência de culpa e erotismo; não é só o castigo pela relação genital proibida, mas também seu substituto regressivo e, a partir dessa última fonte, recebe a excitação libidinosa que [...] terá descarga em atos masturbatórios (Freud, 1919/2006, p. 186).

Colocar-se fantasmaticamente em lugar de objeto do espancamento é, portanto, fazer-se castigar pelo desejo incestuoso e, concomitantemente, realizar esse desejo.

Mas o que Freud quer dizer ao utilizar a expressão “ser amado no sentido genital”? Na medida em que se trata de uma fantasia erótica, na qual ele vai buscar contribuições para o estudo da gênese das perversões, por que razão ele teria usado a palavra “amor” e não outra, que indicasse tão somente o sentido sexual?

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Freud afirma que a visão ampliada que a psicanálise tem do amor não é uma inovação, uma vez que bebe da fonte de Platão. Diz ele:

Por sua origem, sua operação e seu vínculo com a vida sexual, o ‘Eros’ do filósofo Platão se corresponde totalmente com a força amorosa (*Liebeskraft*), a libido da psicanálise. [...]. Na psicanálise, essas pulsões de amor são chamadas *a potiori*, e em virtude de sua origem, pulsões sexuais. [...] A palavra grega *Eros*, com a qual se quer mitigar o desdouro, definitivamente não é senão a tradução de nossa palavra alemã *Liebe* (amor) (Freud, 1921, p. 87).

Ainda nesse texto, Freud define a libido como a energia das pulsões que se refere ao amor: “a energia como magnitude quantitativa [...] daquelas pulsões que têm a ver com tudo o que pode

sintetizar-se como ‘amor’ (Freud, 1921, p. 86). Mais do que isso, ele afirma que “o núcleo que designamos ‘amor’ forma, desde logo, o que comumente chamamos assim, e cantam os poetas, o amor cuja meta é a união sexual” (Freud, 1921, p. 86).

Somem-se a essa contribuição formulações que Freud desenvolve em *O mal-estar na cultura* (1930[1929]), quando distingue o amor plenamente sensual do amor inibido em sua finalidade, advertindo que o último era originariamente amor plenamente sensual e, assim, permanece no inconsciente.

Há, todavia, um dado que dá a essa articulação toda a sua especificidade. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud lembra que não é somente a excitação da zona genital que desperta a pulsão sexual, mas também a ternura, e completa, afirmando que “talvez não se queira identificar o amor sexual com os sentimentos de ternura e apreço que a criança nutre pelas pessoas que cuidam dela; mas eu penso que uma indagação psicológica mais precisa estabelecerá essa identidade acima de qualquer dúvida” (Freud, 1905, p. 203).

Lacan, em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), lembra que Freud colocara as pulsões parciais em um campo distinto do campo do amor, onde está situada a pulsão genital:

Vocês já veem que é no campo do Outro que ela tem de se fazer afeição, a pulsão genital. Muito bem! Isto se ajunta justamente ao que nos ensina a experiência analítica, isto é, que a pulsão genital está submetida à circulação do complexo de Édipo, às estruturas elementares e outras de parentesco (Lacan, 1964/1998, p. 179).

O complexo de Édipo é, portanto, a base sobre a qual se funda a coalescência entre amor e sexo, cunhada por Freud na expressão “amor no sentido genital”.

À luz dessas breves observações, verificamos que não é sem razão que a questão do amor no sentido genital aparece precisa-

mente na segunda fase da fantasia: na medida em que a organização genital, assim como o desejo edípico, entra em jogo, a fantasia adquire o caráter erótico, tornando-se masoquista. Nela, ser espancado vem no lugar de ser amado no sentido genital, como assevera Freud (1919). Pelo rebaixamento regressivo para a organização anal-sádica, a frase “meu pai me ama” no sentido genital é convertida em “sou batido pelo pai”. Assim, a ideia de ser espancado conduz à excitação e à satisfação masturbatória precisamente por ser a substituta regressiva do desejo de ser amado pelo pai no sentido genital.

Com Lacan, vemos que, se a primeira fase da fantasia conferia ao espancamento o sentido de privação do amor (que implica a negação da existência do outro enquanto sujeito), a sua segunda fase confere ao espancamento, ao contrário, o sentido justamente de ser amado pelo pai no sentido genital (que implica a afirmação da existência do sujeito e do seu desejo). O que teria promovido uma mudança dessa ordem, que fez do espancamento, antes representante do não amor, agora um ato que simboliza o amor? Segundo Lacan:

A mensagem de que se trata, *Meu pai me bate*, não chega ao sujeito – é assim que é preciso entender o que Freud diz. A mensagem, que inicialmente quis dizer “O rival não existe, não é nada em absoluto”, agora quer dizer: “Tu existes, e és até amado”. É isso que no segundo tempo serve de mensagem (Lacan, 1957–58/1999, p. 251).

Ou seja, é o amor que, na fantasia, tem o poder de afirmar ou negar a existência do sujeito. Isso faz pensar em uma imagem circulada recentemente pela mídia, do papa Francisco beijando os pés de imigrantes refugiados da guerra na África, Ásia e Oriente Médio – rejeitados pelos países que poderiam abrigá-los, segregados pela mínima diferença à qual Freud já aludira em *O mal-estar na cultura* (1930 [1929]), eliminados em sua existência subjetiva,

negados como sujeitos. Não teria sido esse gesto do papa justamente uma forma de afirmar o sujeito pelo amor, inibido na sua finalidade sexual?

Terceira fase

A fantasia de espancamento em sua terceira fase, lida como “bate-se em uma criança”, é uma fantasia consciente de teor sádico, segundo Freud (1919). Lacan salienta que ela comporta uma des-subjetivação – trata-se da pura estrutura gramatical, uma escrita que ordena as relações do sujeito. “No nível da fantasia perversa, todos os elementos estão lá, mas tudo o que é significação está perdido. [...] O que se pode chamar de significantes em estado puro se mantêm sem a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito” (Lacan, 1956–57/1995, p. 120–21).

É isso que permite que a fantasia de espancamento no seu terceiro tempo seja a portadora da excitação sexual, justamente porque ela fornece o enredo à excitação sexual sem a necessidade de o eu recorrer ao recalçamento. Nela, há uma dessubjetivação tanto do autor do espancamento quanto do seu objeto. Esse resíduo estrutural é o bastante para excitar, na justa medida em que guarda em sua raiz a fantasia fundamental, inconsciente, aquela que atesta a posição subjetiva de objeto que o sujeito é para o Outro, posição masoquista.

Sádica, portanto, é somente a forma da fantasia terminal; o gozo posto em jogo em “bate-se em uma criança” é masoquista. O desejo incestuoso de ser amado pelo pai no sentido genital está no comando da fantasia de espancamento e do prazer sexual dela extraído.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*, vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 2006, p. 109–222.
- _____. (1919). ‘Pegan a un niño’. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: *Obras completas*, vol. XVII. Op. cit., p. 173–200.
- _____. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*, v. XVIII. Op. cit., p. 63–136.
- _____. (1930[1929]). El malestar en la cultura. In: *Obras completas*, vol. XXI. Op. cit., p. 57–140.
- LACAN, Jacques. (1956–57). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. (1957–58). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. (1958–59). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Resumo

Freud nos fala de uma forma particular de manifestação do laço amoroso na fantasia “bate-se em uma criança”, fantasia erótica e essencialmente masoquista, na qual, não obstante, ele verifica a presença decisiva do amor – mais precisamente, o amor no sentido genital. Mas o que o amor teria a ver com uma fantasia perversa? O que Freud pretendia precisar com a expressão “ser amado no sentido genital”? O presente texto, norteado por estas perguntas, procura refletir sobre a articulação entre amor, sexo e fantasia a partir do texto *Bate-se em uma criança*.

Palavras-chave: Amor. Fantasia. Sexualidade.

Abstract

Freud tells of a particular form of manifestation of the love bonds in the fantasy “a child is being beaten”, an erotic and essentially masochistic fantasy, in which, nevertheless, he verifies the decisive presence of love – more precisely, love in the genital sense. But what does love have to do with a perverse fantasy? What did Freud mean by the expression “to be loved in the genital sense”? This paper, guided by these questions, purports to discuss the relationship between love, sex and fantasy, based on the text *A child is being beaten*.

Keywords: Love. Fantasy. Sexuality.

Luciana Piza

Psicanalista. Participante de Formações Clínicas do Campo Lacaniano/Rio de Janeiro. Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: lucianafpiza@gmail.com

OUTROS TEMAS

Sobre o fim

Rosane Braga de Melo

A autenticidade é o preço do testemunho.

Colette Soler

Lacan propõe o passe para verificar a passagem de um analisante a analista (Lacan, 1967a/2003, p. 259) através de um dispositivo no qual um sujeito torna-se o analista de sua própria experiência. O passe requer um aparato muito complexo e inclui o coletivo de Escola, na medida em que inclui os passadores, os AMEs que os indicam, os cartéis e, no nosso caso, no Brasil, os dispositivos próprios que zelam pelo seu funcionamento. O dispositivo produz um trabalho de Escola, um trabalho de transmissão “que pode ser questionado no conjunto” (Soler, 2012, p. 43).

O passe, esse dispositivo inventado e proposto por Lacan (1967a/2003, p. 259) em 1967, revivifica o traçado de Freud (1937/1993) em *Análise terminável e interminável*, ao interrogar o que condiciona e fundamenta o ato analítico. Se a lógica do ato é “consequência da via analisante” (Lacan, 1967a/2003, p. 280), a exploração dessa via é a proposição do passe. O ato analítico põe o sujeito em causa e é a partir dele que é possível situar o desejo do analista, um desejo que nada tem a ver com o desejo de ser analista, nos avisou Lacan na *Proposição*. Até então, sobre o ato analítico “nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista” (Lacan, 1967–68/2003, p. 371).

A Escola, para que não permaneçamos apenas na suposição, assume a função de dissipar as trevas que encobrem a passagem dentro do processo analítico, lá onde o analisante passa a analista.

É preciso buscar os índices do fim de análise que possam orientar a discussão sobre o desejo do analista, posto que o final de uma análise pode não produzir um analista. Para que haja analista uma eleição está em jogo. Há um fim, uma conclusão, diria Freud, inerente ao processo. Freud esclarece que o fato de ter recomendado o retorno de um analista à análise de cinco em cinco anos provocou algumas confusões, mas de modo algum advoga que a análise não teria uma conclusão. O termo de uma análise é assunto de ordem prática, nos diz Freud em *Análise terminável e interminável*. E o que é de ordem prática senão a experiência? “Todo analista experiente pode recordar uma série de casos em que se despediu do paciente para sempre *rebus bene gestis*” (Freud, 1937/1993, p. 251), ou seja, porque as coisas andavam bem.

Para verificar o êxito do tratamento, Freud propõe discernir os efeitos terapêuticos sobre o traumático, um ordenamento da intensidade pulsional e a alteração do eu. Surge o benefício terapêutico quando uma parte dos sintomas se moveu, além de um ganho de saber sobre si mesmo que pode permitir alterações que levem em conta as defesas erigidas e engatadas no desejo, a viscosidade libidinal e a inércia psíquica. Freud oferece alguns indícios do que se passa ao final de uma análise e, quando na passagem acima coloca em relevo a posição do analista, antecipa o *des-ser*, o rebotalho: experiência de ser deixado, largado – *sicut palea* (Lacan, 1974/2003, p. 315), virar nada, como estrume. “O analista deve saber ser um rebotalho... se ele não é levado ao entusiasmo, ele até pode ter tido análise, mas não há chance de ser analista” (Lacan, 1974/2003, p. 312).

Em *Análise terminável e interminável* há os indícios do que Lacan formula na *Proposição* como metamorfose do sujeito, uma metamorfose que implica a união do ser do desejo ao ser do saber para renascer. E para quem passa pelo dispositivo do passe, *Análise terminável e interminável* faz eco à *Proposição* e ao dispositivo. O que termina e como? Se a análise tem um fim, por que retornar ao processo analítico como analista de sua experiência analítica?

O que causa ainda, senão a transferência com a própria psicanálise ou a causa analítica?

O dispositivo analítico programa um luto, pois a relação transferencial analítica tem um termo que é estrutural e lógico, dado que a análise planeja um esbarrão com a inconsistência do Outro. A colocação em funcionamento do sujeito suposto-saber estrutura a entrada e é correlativa ao sintoma analítico, ou seja, um sintoma sob transferência, montado como enigma a ser resolvido. A libido analisante passa então a correr atrás da verdade, para encontrar as marcas das primeiras contingências de sua vida, de suas identificações alienantes. O analista, ao final, como detentor do *agalma* como semblante de objeto causador do desejo do sujeito, cai e perde sua consistência como ser. Momento designado como travessia da fantasia em que os dois termos são disjuntos: o objeto cai e o sujeito é destituído. A falta no Outro retorna para o sujeito e denota assim a divisão subjetiva e sua incompletude. A destituição subjetiva implica desse modo a destituição tanto da fantasia quanto dos significantes primordiais de sua história. O enigma do desejo foi solucionado: é o fim do famoso “ser o falo no desejo do Outro” ou a “desidentificação fálica”.

Lacan adverte que a paz não vem selar essa metamorfose; segue-se um tempo árido de guerra, tendo como pivô a transferência. A guerra metaforiza uma luta, e não uma liquidação da transferência. “Que guerra é essa, senão a luta para sair da relação transferencial?” (Quinet, 2009, p. 141). É preciso transpor esse passe, nos diz Lacan na *Proposição*, e o testemunho correto desse momento pode ser dado pelo passador àquele que pode autenticar a posição depressiva. O passador é uma grande aposta, discute Lacan em diferentes textos. Introduzir o não analista no dispositivo foi uma aposta de Lacan, na esperança de se poder apanhar “aquele que, ao se precipitar na experiência, ele sofra, ao que parece em regra geral, como que uma amnésia do seu ato” (Lacan, 1967a/2003, p. 276).

Como passadora, constatei a efetividade de nossa comunidade plurilinguística – a passante era de língua espanhola – e da

redução da historização de uma análise em função do trabalho de deciframento. A experiência colocou em jogo a descoberta do dispositivo do passe e meu final de análise. Precisei de mais dois anos para finalmente um dia me despedir.

O luto do analisante da relação transferencial, do luto do analista como objeto de desejo, marca um tempo no qual embora o sujeito suposto saber tenha caído, o horror de saber sobre a castração ainda exige uma solução para a falta-a-ser. Quando chega ao fim essa ilusão da verdade? Quando chega ao fim essa libido analisante que corre atrás da verdade? Da verdade mentirosa de suas identificações, que o passante se arrisca a testemunhar no passe? O que determinou todo seu amor pela verdade mentirosa? Lacan conclui por um real em jogo na operação analítica para encerrar uma análise e a isso se deve acrescentar uma resposta do ser ao luto que marca o fim da análise. Uma resposta que o faz ou não desprezar seu horror de saber, somente se deixa abordar pelos signos do lado dos afetos. Travessia então não só da fantasia, mas também do horror de saber. Uma resposta que coloca em marcha alguns passos em direção ao Inconsciente Real e ao mesmo tempo supõe a aventura da saída do caminho do sentido e do gozo, melhor dizendo, do gozo do sentido.

Como passante, um ganho de saber se acrescentou ao meu percurso de análise. No dispositivo, produzo um sonho muito esclarecedor sobre questões que tocavam aquilo que se produziu no meu percurso analítico em relação ao objeto voz, e que franqueou a partir de então o humor e o ouvir de orelhada, ou ouvir flutuantemente. Na última cena do sonho estou passando um lápis de olho (maquiagem) nos ouvidos e penso: agora estou futucando os ouvidos com um lápis de olho, agora futuco minhas orelhas com coisas de mulher? Há um estranhamento, mas permaneço passando o lápis ali e me dando conta de que ficaria com as orelhas pintadas.

Essa cena me traz a encenação da mudança nas relações de objeto: do olhar à voz, uma mudança no destino pulsional do

objeto olhar. O lugar de analista supõe saber-se objeto, posição que evoca o feminino e o semblante, além da natureza postiça de todo e qualquer objeto. Ora, a voz como objeto articula, através da atividade pulsional, o *status* de objeto que o sujeito foi para o Outro, objeto do desejo do Outro. Manter distância em relação ao gozo do Outro, olhando-o com óculos, através da fantasia, é a defesa neurótica que aprisiona o sujeito com seus desejos defensivos, seja na modalidade da insatisfação ou da impossibilidade. Se o sujeito pode ver mais de perto esse gozo temido ao final de uma análise, se ele pode ter apreendido um saber-fazer-aí com seu mais-de-gozar, ele pode então passar por metamorfoses, mudanças de posição subjetiva que implicam as limitações das alienações aos significantes mestres antecedentes à análise e a inércia do objeto.

Lacan marca o fim da análise pela satisfação, pelo ganho de saber ou da visão panorâmica da análise, o acesso a um saber que o desembaraça da impotência e o conduz ao consentimento com a castração (Lacan, 1967/2003). A desvinculação do desejo do Outro condiciona um desejo que não espera mais nenhum objeto que o satisfaça: é pura falta. “O fim da análise depende do ajuste do ponto certo em que um desejo impele ao ato” (Lacan, 1967–68/2003, p. 47). Da Escola espera-se então a produção e a transmissão de um saber sobre a passagem do desejo covarde e defensivo ao desejo decidido e advertido, e sobre o afeto produzido por tal efeito epistêmico. O desejo do analista dito inédito, decidido e advertido, impele ao ato, pois este não pode ser sem consequências. O passe faculta ao passante um acréscimo à experiência analítica: historicizar sua análise. E isso o torna *ipso facto* responsável pelo progresso da Escola. São acréscimos ao saber do analista na direção das análises que ele conduz, por isso o dispositivo assegura a transferência dos analistas à psicanálise.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1937). Análisis terminable e interminable. In: *Obras completas*, vol. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, p. 211–254.
- LACAN, Jacques. (1967a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 248–264.
- _____. (1967b). Raison d'un échec. *Scilicet*, Paris, n. 1, 1968, p. 42–50.
- _____. (1967–1968). O ato psicanalítico – Resumo do Seminário de 1967–1968. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 371–379.
- _____. (1974). Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 311–315.
- _____. (1976). Prefácio à edição inglesa do *Seminário II*. In: *Outros escritos*. Op. cit., p. 567–569.
- QUINET, Antonio. *A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- SOLER, Colette. O fim, os fins. In: *Wunsch*, n. 12, Rio de Janeiro, jun. 2012, p. 38–43.

Resumo

O presente trabalho aborda o passe como o dispositivo que faculta ao passante um acréscimo à sua experiência analítica, à medida que permite a historicização da análise. O que se acrescenta a partir do passe ao saber do analista tem efeitos na direção das análises que ele conduz, por isso o dispositivo assegura a transferência dos analistas à psicanálise. A articulação entre o texto “Análise terminável e interminável”, de Freud e a “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola”, de Lacan, permite interrogar o que condiciona e fundamenta o ato analítico.

Palavras-chave: Passe. Fim de análise. Escola. Ato analítico.

Abstract

The present paper studies the pass as a device that grants the passand an increment to his/her analytical experience, as it permits the historicization of analysis. That which is added from the pass to the analyst's knowledge has some effects in the direction of the analysis he/she conducts, therefore this device ensures the analysts' transference to psychoanalysis. The interaction between Freud's text “Analysis terminable and interminable” and Lacan's “The proposition of 9 October 1967 on the psychoanalyst of the School” allows us to examine what subordinates and substantiates the analytical act.

Keywords: Pass. End of analysis. School. Analytical act.

Rosane Braga de Melo

Mestre e Doutora em Psicologia, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro da IF-EPFCL – Brasil / Fórum Rio de Janeiro e Membro do Colegiado de Formações Clínica do Campo Lacaniano (FCCL-Rio). E-mail: rosanebm@yahoo.com

Figuras de deidades soberanas das margens e do estrangeiro

Matías Buttini

Na universidade, deixei-me capturar com vivo interesse pelo estudo da Antiguidade grega, em especial pela leitura crítica que podemos extrair, seguindo Freud e Lacan, em um movimento de retorno, *a partir e em direção à* psicanálise. Proponho trazer alguns efeitos desse encontro, que têm tido valor de ensino e me têm dado uma orientação precisa na prática.

O título, seguramente, peca por ser ambicioso, embora me provoque. Suspeito sempre dos títulos longos, sem nenhum argumento a não ser o preconceito pessoal, embora, tal como sustenta Freud, “devo asseverar que de vez em quando é muito proveitoso ter preconceitos” (1910[1909]/1994, p. 25).

Críticas habituais

Às vezes se diz da psicanálise e dos psicanalistas que levamos adiante uma prática egoísta, individual, quase autística. Isso quer dizer que analisar alguém não levaria em conta o laço com os outros. Da minha perspectiva, é absolutamente falso.

A psicanálise, desde que Freud a inventou, tem sido um dispositivo que oferece um laço social, um laço com o analista e, sobretudo, não só com ele. Basta citar o início do ensino de Lacan, comenta a “situação analítica” sublinhando que não é um monólogo, e sim um di-álogo: “Esta experiência se constitui na análise mediante regras muito paradoxais, posto que se trata de um diálogo, mas de um diálogo que seja, no máximo possível, um monólogo” (Lacan, 1953–54/1998, p. 336).

Em outro extremo de seu ensino, vinte anos depois, temos a definição do discurso como aquilo que determina uma forma do “laço social” (Lacan, 1972–73/1975, p. 26–99).

Detenhamo-nos em dois pontos essenciais. O primeiro é como o sujeito paranoico, cuja problemática ensina um modo de sofrimento que é suposta ou convenientemente catalogado como “fora de discurso”, do Outro compartilhado, Outro do vínculo social, demonstra interesse pela figura do analista. Esse problema caminha junto com uma depreciação ou desvalorização do registro do imaginário na própria psicanálise, sobretudo no âmbito universitário, onde se escuta que ele é um obstáculo e não um registro como os outros dois, do qual supostamente temos que nos afastar para não fazer psicoterapia, e sim psicanálise “lacaniana”. Isso parece absurdo, inclusive ortodoxo, e sem fundamento real nos textos e na prática. Articularei com um caso clínico. O segundo ponto é como nos permitimos ampliar e enriquecer nossa clínica cotidiana com referências de outras disciplinas. Neste caso, apoio-me no encontro com a leitura do livro de J.-P. Vernant *A morte nos olhos. Figuração de outro na Grécia Antiga: Ártemis, Gorgó*.

Duas referências de Lacan

Antes de passar à vinheta clínica, descrevamos as referências de Lacan nas quais nos situaremos. Elas são conhecidas e se encontram condensadas em uma lição de seu *O Seminário, livro 22: R.S.I.*, em que ele diz que “a paranoia é um visco imaginário. É a voz que se sonoriza, o olhar que se torna prevalente, é um assunto de congelamento do desejo” (Lacan, aula de 8 de abril de 75). Continuando, destaca que a psicanálise produz “bons efeitos” e esclarece que “se os bons efeitos não duram muito, não impede que sejam uma trégua” (Lacan, aula de 8 de abril de 1975).

Essas referências podem parecer um pouco herméticas, obscuras, a não ser que as tomemos em seu sentido clínico: visco imaginário, congelamento do desejo, a ideia da própria análise como a produção de uma trégua e seus efeitos.

Soberana das margens (Discurso de Ártemis)

O analista é chamado a se incluir em um momento de crise de um tratamento psiquiátrico que já leva anos e várias internações. A paciente se encontra internada em uma instituição há alguns meses e o médico é de fora, é um estrangeiro  grito de socorro é duplo: a família e o psiquiatra, já um pouco cansados, não sabem como prosseguir; por outro lado, a paciente encontra *máscaras* em demasia que afirmam e sustentam sua paranoia com uma rigidez inacessível: i) o pai, um substituto, porém perverso, que vem no lugar de um nazista, seu verdadeiro pai, que foi assassinado e substituído por esta figura, esta cópia quase idêntica e ao mesmo tempo diferente; ii) o médico, ele não é médico, não tem diploma a não ser um comprado por esse pai, “é um sicário de minha família”, diz ela; iii) seu filho, agora maior de idade, não é seu filho, “são dois, você vai pensar que estou louca, mas são dois, um quando estão meus pais, outro, o verdadeiro, quando estamos sozinhos, ele e eu”; e iv) sua irmã, com quem a perseguição toma corpo muito cedo, quando ela tem seu filho com apenas 20 anos.

A irmã encarna a mulher que quer tirá-lo, roubá-lo, extraí-lo. Há uma certeza sobre a intenção do Outro. Naquele momento, a irmã tenta proteger seu sobrinho da loucura de sua mãe, que enfiava alfinetes no bebê dizendo que ele era um boneco de magia negra. A primeira internação se deu neste momento, deixando-a separada de seu filho durante seis meses, houve corte abrupto da amamentação pelo uso de psicofármacos. A irmã fica grávida e se transforma, segundo a paranoia da paciente, em “A amante” de seu médico.

Sua mãe, que não usa máscara alguma, só aparece em sua fala em último lugar. É descrita como direta e frontal,¹ frontalidade que representa o monstruoso para os gregos na Antiguidade, segundo J.-P. Vernant, quando fala da *Gorgo*, ou sua figura mais conhecida: a cabeça da Górgona Medusa (Vernant, 1985, p. 104). Cabeça que, ao ser cortada, conservará ainda o efeito de petrificação, ou seja, de converter em pedra quem a olhasse diretamente nos olhos.

De que maneira envolver-se em semelhante visco imaginário? Como evitar a relação selvagem, fora de toda lei, de todo pacto de palavra que o paranoico oferece ao outro? Freud o percebeu e elaborou no caso Schreber (1911): o paranoico “abusa” do mecanismo de projeção, joga para fora, põe em outro o que lhe é próprio. Lacan o resgata com seu “estádio do espelho” e seu “gume mortal” (1957–58/1988, p. 550), evidenciado na paranoia com todo seu alcance de certeza sobre o Outro, figura difícil de apaziguar.

Ao analista só resta a opção que surge da própria experiência, do encontro com esse sujeito. Antes só há pré-julgamentos teóricos que resistem a esta forma particular de apresentação, à possibilidade de uma trégua, de um pacto que, como tal, introduza certa *estrangereira*, certa *extraterritorialidade* (Steiner, 1971), onde se possa operar pela via da palavra. Propor uma forma de laço ou, melhor ainda, estar disposto, como indica o latim *dispositus*, disponível para adquirir a forma de laço que nos seja proposta pelo sujeito em potência.

Ao concluir a primeira entrevista, ela é clara, direta, franca: “De que você me servirá?” Faltava introduzir certa alteridade, *xéne*, termo grego que se refere à “extimidade” da deusa Artêmis, “Soberana das Margens”, aquela que permite franquear certas fronteiras (Vernant, 1985, p. 36). Somente uma figura assim, marginal, permitiria, como aposta, recolocar os limites desse tratamento mal delimitado, viscoso, para usar o termo de Lacan.

1 N. da T. No sentido de franca.

Tentativa de restabelecer uma soberania estrangeira, marginal (*Perseu-guição*)

O analista encontra um buraco, uma pequena brecha através da qual se situar na transferência: ocupa progressivamente o lugar de “bobinho” que faz alguns favores, não todos, introduzindo deste modo o que é próprio dessa função: negatizar o excesso paranoico e sua demanda totalizante. Esta figura mostra sua utilidade reduzida, seu poder muito limitado. Quase não tem poder, quase não serve para nada. Quase...

No momento da internação no setor de casos agudos, diz: “Pedi que me dessem mais cigarros, me deram muito pouco, sou viciada em tabaco”. Resposta: “Não depende de mim, mas vou fazer o possível”. Abre-se o jogo. O analista não contradiz nem se opõe; escuta, é testemunha da vulnerabilidade de sua posição, consequência dos males que todos os outros lhe infringem.² Ela é a depositária absoluta das más intenções dos Outros: a clínica, o médico, a família, o juiz, a medicação, a psiquiatria, a psicologia.

Uma primeira polaridade se instaura: os Outros malignos no uso do poder *versus* um “bobinho” que escuta sem poder muito. Esta máscara da “bobice”³ permite ao analista os passos iniciais, pôr em movimento o dispositivo oferecido com a vantagem de não ficar *petrificado* diante do olhar da “Górgona-Medusa”. É necessário correr o risco da frontalidade imaginária petrificante para poder esquivar-se dela, o que nem sempre se consegue.

Nesse ponto, é necessário evocar outro personagem presente no mito. Trata-se de Perseu, aquele que vive no exílio – outra figura do estrangeiro – por ter sido destinado pelo oráculo a ma-

2 Na medida em que infringir é atuar contra uma lei, norma ou pacto; contravenção, transgressão, prejuízo.

3 Figura utilizável nesta Era da bobice (*boludéz*), como o grupo de rock argentino Divididos intitula, com acerto, seu terceiro disco. Argentina, Polygram, 1993.

tar o seu avô. Para evitar o casamento de sua mãe Dânae com o tirano Polidecto, Perseu se oferece para cortar a cabeça da Medusa (Vernant, 1985, p. 99–102). “Polidecto aceita a proposta de Perseu, deve cumprir”, diz Vernant. Introduz-se uma trégua que implica em um efeito temporal: ele dá sua palavra e espera.

Conhecemos os objetos de que se apropria para cumprir sua tarefa. O analista-Perseu leva seu “elmo de invisibilidade” (*kunée*) para evitar a prevalência mortífera e petrificante do olhar, sua “foice curvada de Cronos” (*hárpe*) para introduzir um corte nesse imaginário pegajoso, e o “alforje do caçador” (*kíbisis*) para guardar ali sua intenção, seu possível benefício pessoal, qualquer fragmento de seu próprio gozo que possa interferir no processo analítico. O autor sustenta que “não são meras ferramentas, mas talismãs que aparecem como os verdadeiros autores da façanha” (Vernant, 1985, p. 101). A essas três agregamos “as sandálias aladas que colocam Perseu em uma situação análoga às Górgonas, ao permitir-lhe percorrer o espaço em todas as direções, tanto o céu quanto o mundo subterrâneo, cruzar a margem do oceano...” (Vernant, 1985, p. 102). Estas sandálias o impedem de calçar os sapatos do outro. A figura do “bobinho” não permite se colocar no lugar do outro. A bobice é estrangeira.

Tomemos aqui o sentido etimológico de Perseu utilizado por Vernant, deixando de lado seu sentido heroico, não pertinente à figura do analista, que sob nenhum ponto de vista poderia – nem seria conveniente ao seu modo de operar – situar-se como herói. “O termo latino *persona* (máscara, papel, pessoa) deriva do etrusco *Phersu* e postula uma equivalência entre este e o grego Perseu, como entre *Phersipnai* e Perséfone... *Phersu* significaria, portanto, homem mascarado, portador da máscara” (Vernant, 1985, p. 65).

O analista-Perseu, proposto neste caso, serve-se da máscara de “bobinho”, que de modo contingente aparece como resposta possível à pergunta que encerra a primeira entrevista: “Para que você vai me servir?”. Esta pergunta permite ao analista inventar uma espécie de etimologia do termo “bobinho”. Ao mesmo tempo

insensato, tonto, fora do jogo; pelo diminutivo: pequeno, insignificante, mínimo, praticamente invisível; é, no entanto, presença solicitada e buscada. Dupla face da máscara que permite colocar-se para o benefício da análise, fora do gozo encobridor do Outro e, por isso, sem poder. Essa margem, essa estrangeirice, por fora do Outro totalizante, é o que permite, mais uma vez, propor a figura do analista estrangeiro.⁴

Algo permite o intercâmbio, o laço transferencial

Um “bobinho” não consegue tira-lá de lá por meio da “alta definitiva”, como ela pede, entrevista após entrevista, durante os meses seguintes, mas pelo menos não goza com sua situação de aprisionamento inicial e percebe o que ela nunca deixará de dizer: a internação é preferível a estar em sua casa sob o “olhar” de cuidadores ou acompanhantes que respondam às ordens de seus pais, seu olhar prevalente, que os faz alcoviteiros e abusadores sem limites. Existe um lugar através do qual é possível sair para o mundo, sempre estranho, uma trégua. É nesse lugar que se converte o Hospital de Saúde Mental ou Residência Terapêutica Intermediária – de portas abertas – em que reside faz tempo, desde sua internação no Setor de Casos Agudos.

Não encarnar a satisfação ou o prazer daquele que controla ou dirige sua vida permite alojar um desejo ousado, bem situado no trabalho delirante: “Eu quis me afastar do clã familiar, quis fazer minha vida e por isso estou aqui internada”. Ela pede novamente para ser vista sobre o traço do estrangeiro, sempre alheio ao clã e ao para-todos-igual que sua paranoia lê nos atos de sua

4 O que converte o presente trabalho no antecedente ao que apresentei em Paris, em 2014, no último Encontro da IF e da EPFCL, *Sustentar-se no estrangeiro. Alguns paradoxos do desejo do analista*, a ser publicado no próximo número de *Heteridade*.

família.⁵ A diferença não é bem recebida no interior do clã, grupo fechado. Assim entendo então as frases fulminantes: “Eu não sou uma paciente psiquiátrica, não necessito de tratamento médico... São meus pais que querem ficar com as minhas coisas, com meu filho, com minha vida”. Congelamento de seu desejo em uma certeza que detém a significação e a petrifica, imobilizando-a em um ponto fixo, congelado, por momentos imóveis.

Em uma ocasião, ela me oferece um cigarro, aceito; fumamos enquanto transcorre a sessão no pátio da internação. Parece algo trivial, mas não é. Ela, com a quantidade de cigarros controlada pelo Outro institucional, por esse ideal de saúde, partilha comigo uma parte dos seus, quase a única coisa que tem, que lhe resta nesse mundo pouco humanizado⁶ do manicômio.

Outro dia, promovendo o intercâmbio simbólico, levo um maço de cigarros aberto e o deixo. Comprovo que o acaso se torna operativo, a chance de abrir outra dimensão parece possível. O analista permite algumas transgressões extraindo do Outro um pedacinho de seu poder.

Aqui, poderíamos nos orientar com o que Giorgio Agamben chama de “uma complexa relação topológica [...] um umbral” (Agamben, 2003, p. 59). Desenvolve a exceção de um modo magistral e nos ajuda a pensar nestes problemas habituais na psicanálise, em nossa clínica, que não se resolvem por uma simples oposição dentro-fora. Algo mais é necessário para “estar-fora e, contudo, pertencer: esta é a estrutura topológica do estado de exceção” (Agamben, 2003, p. 75), e não há dúvidas de que ressoa com a primeira pergunta que a demanda coloca ao analista do caso: Como estar dentro estando fora?

5 Já trabalhei sobre esse ponto do para-todos-igual nos textos: *A transferência na psicose: possibilidade de laço social* (2007) e *O que está em jogo?* (2009). Ambos se referem a intervenções nas Jornadas Anuais da Institución Psicoterapéutica Témpora.

6 Mundo estrangeiro “sem hospitalidade”, semelhante aos que Ulisses, Odisseu, encontra em seu longo retorno à Ítaca ou o que Dante percorre em sua viagem pelo Inferno.

Escolho (*Elijo*) não deixar que o vínculo (*El-hijo...*) seja viscoso

Por último, comentarei um fato altamente inesperado. Em face do pedido do juiz, vejo-me obrigado a falar e dar opinião sobre uma série de perguntas muito precisas sobre seu estado mental, que serão utilizadas no julgamento de incapacidade que a família leva adiante. No entanto, como não ficar contra, na margem oposta, uma vez que a relação com o sujeito está em andamento e pode encontrar certo lugar *neste* que escuta seu sofrimento sem tirar proveito disso? Escrevo, como seu médico, minha opinião profissional que ataca sua liberdade pessoal: não pode votar, não pode casar, não pode, não pode...

Reconheço que a *resistência* me pegou, a angústia ficou do meu lado no dia em que a coordenadora médica me avisou que chegara o documento com a cópia do meu laudo e que o haviam entregue em mãos, diretamente a ela, tal como estipula a nova e complicada lei de Saúde Mental. Penso que acabou o tratamento! É isso. Minha assinatura e carimbo se congelam na folha mostrando uma vontade irremediável, ou desejo de maldade, dirigida à sua pessoa.

Quando a entrevisto, a *entrevejo*, surpreendo-me. Está contente, conta que quer seguir lutando por sua independência, por sua autonomia, por sua vida. Agora quer trabalhar e me pede que participe, que a ajude a conseguir trabalho, que interceda para que possa começar a sair sozinha. Menciona o documento, mas de jeito nenhum me instiga, nem me pede explicações (preconceitos e fantasias do analista) como faz com seu médico. Ela escolhe manter o vínculo. Por que não situar aqui a trégua, produto dos *bons efeitos* da escuta analítica? Ela pode desacreditar que eu assinei o documento ou, simplesmente, deixa passar. Logo, se confirmará ali a autorização do uso de certo poder, sempre estrangeiro, sempre em relação a Artêmis, Soberana das margens.

Esta novidade permite ao analista voltar a *retificar sua posição* (Lombardi, 2009, p. 31) em face do sujeito que demanda sua

intervenção, que use seu poder de escuta, agora outorgado por ela, *stricto sensu*, corroborado clinicamente, isto é, em transferência. Sem criar muitas ilusões, o analista deverá estar preparado para seguir passo a passo os movimentos desse sujeito que lhe permitam relocalizar-se a cada vez, levando em conta, como ensina Freud sobre os sonhos, que, na paranoia, o inconsciente em suas manifestações inclina-se à *ênfase na figurabilidade*. O trabalho abre novos horizontes a respeito da figurabilidade, da qual a transferência pode servir-se, se o sujeito em jogo o autoriza.

O analista deverá também estar advertido de que as máscaras não devem congelar-se, nem perpetuar-se como fixidez *técnica* ou encontro imodificável, já que estas variam e podem ser modificadas de acordo com a posição ou o lugar para o qual ele é necessariamente convocado em cada caso.

Vernant escreve que “nenhuma cidade pode prescindir das transações com o estrangeiro” (Vernant, 1985, p. 38). Em nossas palavras: nenhum sujeito poderia *tornar-se* analisável se for capaz de prescindir de alguma forma de laço social, inclusive a mais reduzida ou mínima. Embora isso ocorra em algumas psicoses que excluem a paranoia clássica, não poderíamos deixar de lado a aposta em algumas figuras do vínculo, da ligação, *da lysis*, por ser a que conduz à operação analítica *per se*, estando advertidos de que invenções subjetivas que não fazem *outro* lugar não acolhem bem o estrangeiro.

Tradução de Rosana Maldonado

Revisão de Leonardo Pimentel e Vera Pollo

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. (2003). *Estado de excepción*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- FREUD, Sigmund. (1910[1909]). Cinco conferencias sobre psicoanálisis. In: *Obras completas*, vol. XI. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, p. 1-52.
- LACAN, Jacques. (1953-54). *El Seminario, libro I*: los escritos técnicos de Freud. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- _____. (1957-58). De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis. In: *Escritos*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1988, p. 537-590.
- _____. (1972-73). *El Seminario, libro 20*: aún. Buenos Aires: Paidós, 1975.
- _____. (1974-75). *O Seminário, livro 22*: R.S.I. Inédito.
- LOMBARDI, Gabriel. Rectificación y destitución del sujeto. Dos formas del ser discernidas por el psicoanálisis. *Revista Aún*, n. 1, Buenos Aires, mar. 2009, p. 29-44.
- STEINER, George. (1971). *Extraterritorial*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009.
- VERNANT, Jean-Pierre. (1985). *La muerte en los ojos. Figuras del otro en la antigua Grecia*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2001.

Resumo

O artigo apresenta algumas partes da análise de um sujeito paranoico. A pergunta que conduz o trabalho refere-se essencialmente às figuras que permitem ao analista tomar parte num tratamento psiquiátrico de vários anos. O caso está articulado com as últimas referências clínicas de Lacan e apoiado numa leitura particular das antigas figuras gregas, apresentadas de maneira condensada no mito de Perseu. Tentamos corroborar a hipótese de que o analista, estrangeiro, submete seu ato à posição subjetiva disponível.

Palavras-chave: Mitologia grega. Paranoia. Direção do tratamento.

Abstract

This article presents certain stages from the analysis of a paranoid subject. The question that guides our work refers essentially to the different figures that allow the analyst to take part in a psychiatric treatment that has been going on for several years. This case is articulated with Lacan's latest clinical references, and supported by a particular reading of ancient Greek figures, presented in a condensed form in the myth of Perseus. We purport to confirm the hypothesis that the analyst, being a stranger, submits his act to the available subjective position.

Keywords: Greek mythology. Paranoia. Direction of treatment.

Matías Buttini

Psicanalista, licenciado em psicologia pela Universidad de Buenos Aires, membro do Fórum Analítico del Río de la Plata e da Escola Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano. E-mail: matiasbuttini@yahoo.com

Demanda no ar¹

Jorge Chapuis

Este texto visa trazer uma contribuição para a psicanálise, no sentido de esclarecer algumas interrogações que costumam surgir em discussões de Jornadas e em nossa prática cotidiana. Que especificidade se deve reivindicar para a psicanálise? Por que alguém se analisa hoje em dia? Como estabelecer o laço analítico para tentar fazer algo com os sintomas desconectados do inconsciente, de modo a que se comece um tratamento? Como se ocupar do real pela via da verdade do analisante? Como entoar melodicamente o núcleo de gozo que todo sintoma encerra? Certamente não há respostas universais, nem sequer gerais, para essas indagações. Ocorreu-me anotar algumas delas mediante uma demanda bem particular que chamo de “demanda no ar”. É pouco usual, mas isso não impede que essa “demanda no ar” nos conduza a pensar, analisar ou comentar alguns pontos de vista que a psicanálise nos ensina, sua especificidade, ou mesmo, sua efetividade.

Recebo uma chamada telefônica na qual me formulam um “pedido de análise” que se revela paradoxal, ao desdizer, nas condições de possibilidade, sua própria formulação. Aquele que chamarei Oriol (O.) permaneceria três dias na cidade onde fica meu consultório. Era um profissional com experiência analítica anterior que padecia de episódios de angústia fóbica relacionados com suas viagens de trem.

Se, na Saúde Pública, fala-se em tratamentos curtos, a proposta aqui vai além. Mas O. queria falar e numa consulta especifi-

1 Intervenção na Jornada da Federação de Foros do Campo Lacaniano na Espanha (FFCLE-F9), Vigo, 2016, chamada *Especificidade do laço analítico na atualidade*.

camente psicanalítica. Foram sete entrevistas com duração variada, algumas bastantes longas. Inicialmente, me pareceu entrever que as circunstâncias eram propícias para que O. fizesse um trabalho eficaz, que poderia prosseguir, amadurecer talvez, numa transferência analítica mais amarrada. Expôs “prolixamente” seu “caso”, “quem era”, as circunstâncias de seu momento atual e o que o afetava; como iria enfrentar uma longa viagem de trem, tinha certeza de que sofreria uma angústia insuportável, imaginando que os ataques de pânico poderiam se repetir. Por conta disso, buscava uma solução farmacológica. O que poderia tomar para se aliviar?

O. apresenta seu caso com seu próprio diagnóstico, uma fobia que, no meu entender, convém manter em suspenso, buscando os pontos de estofo em sua “verdade mentirosa”. Existe um quadro de angústia com ataque de pânico em uma situação bem definida: ele está situado em uma posição passiva como um objeto que transportam. Transportado por uma mulher, que ele articula com o desejo do Outro e sua demanda, sua angústia parece estar organizada neuroticamente.

Detalhes, que não serão expostos aqui, permitem sustentar algumas perguntas sobre o momento do sujeito e suas possibilidades de mobilização subjetiva. Vislumbra-se como objeto na cena fantasística pelo fato de estar nas mãos do outro, conduzido pelo outro, convertido em um objeto bem contrário ao seu ideal.

Exponho aqui as interrogações: será que ele estaria criando um sintoma fóbico, para evitar a situação de perigo assinalada pelo desenvolvimento da angústia? Será que já estaria organizado dessa maneira ou estaria em vias de se estabelecer? Poderia seguir outros caminhos?

Por um lado, da parte do ideal, há um empuxo superegoico para ser “um homem”, estar “à altura” de uma mulher. Pelo lado fantasístico, ele sente pânico quando se vislumbra sendo objeto do Outro. Que fantasia será essa que se mostra assim? Quer ser um “homem”, como seu ideal o impulsiona, mas sua mulher não funciona para ele como objeto: ela o leva, ela o traz, ela o conduz ao lugar de objeto no qual ele se revolta e do qual quer escapar.

O. aposta em saídas pelo lado do ideal, mas tanto no campo de sua intimidade como no campo acadêmico profissional, depara-se com cenas angustiantes. Em ambos os casos, a angústia faz signo. As duas saídas talvez pudessem se revelar como fracassadas em uma análise com a qual O. parece flertar, mas lhe custa comprometer-se. Haveria uma transferência com a psicanálise, mas também dificuldades para conseguir que um analista a encarnasse. Parecia haver muitos pontos obscuros em sua análise de cinco anos, que fora interrompida.

Dadas as condições das entrevistas, minha aposta foi que O. pudesse ficar com alguma palavra que, em um futuro, poderia levá-lo a vislumbrar alguma hipótese mínima, alguma mitologia provisória sobre seu pânico... digamos, que lhe restasse algo com o qual ele poderia começar a trabalhar analiticamente, liberando os significantes de sua “demanda” (curiosamente, seu tema acadêmico) para conseguir discernir seu desejo.

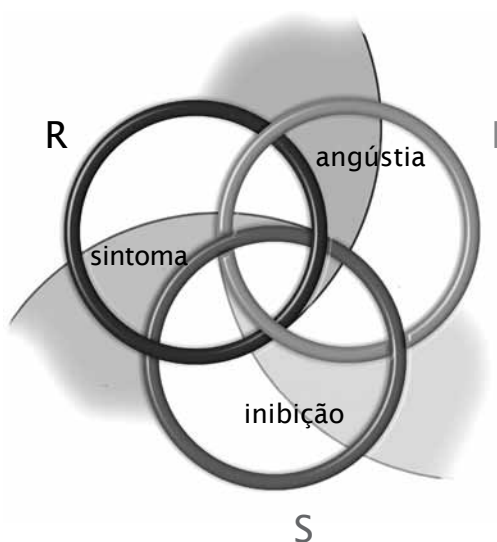
Não quero deixar de comentar um ponto que ilustra o modo como vejo o que se convencionou chamar “desejo de psicanálise”. O. experimentou perturbações diante de uma instituição, que era, para ele, emblemática da psicanálise, e novamente na saída de meu consultório. Questionei-me o quanto de *acting* (se posso dizê-lo assim) poderia haver nessas perturbações, um *acting* raro, porque não estaria dirigido a um outro analista em particular, porém, mais apropriadamente, ao campo da psicanálise e de modo bastante generalizado. Nota-se, nestas poucas entrevistas, uma articulação de desejo/demanda de psicanálise, mas em um campo muito difuso. Minha opinião é que este campo, embora seja imprescindível para sustentar a perspectiva psicanalítica, pode ser muito pouco operante, a menos que seja “furado”, isto é, posto em falta pelo desejo de um analista para o qual O. fosse capaz de transferir. “Em última instância, o que opera em uma análise é o desejo do analista” (Lacan, 1964/1998, p. 868).

Em uma intervenção em Barcelona no ano de 2015, Albert Nguyen propôs o desejo de psicanálise em termos de relação com

o saber, registrando três indicadores detectáveis no tratamento ou na experiência analítica: tempo da palavra (percurso da fantasia), tempo de escrita do fora de sentido (o sintoma, identificação ao sintoma), e o terceiro... mais além do tratamento.

Em sua análise de cinco anos, é provável que O. não tenha passado do primeiro tempo ou até ficado antes disso, posto que ainda se debate entre outorgar um saber a seu inconsciente e querer saber sobre psicanálise. Chegou a situar-se no dispositivo que supõe tal disciplina, mas não conseguiu se inscrever de maneira que pudesse ser operativo. Busca a experiência analítica, mas uma transferência generalizada lhe dificulta saber do seu inconsciente ou querer saber dele.

Minha afinidade com a ferramenta topológica me leva a uma tentativa borromeana, para comentar a encruzilhada na qual entendo que O. está situado. Faço apenas um esboço de como me parece que sua subjetividade poderia ser abordada por esta via. O encadeamento dos registros pareceria estar bastante assegurado. Há sinais da tríade freudiana inibição, sintoma e angústia.



(Lacan, 1974–5, aula de 10 de dezembro de 1974)

Detenho-me no afeto mobilizado: a angústia neurótica. De *O Seminário, livro 22: R.S.I.* em diante, ela aparece situada no Nó bo₃² como um transbordamento do real sobre o imaginário, como signo do real.

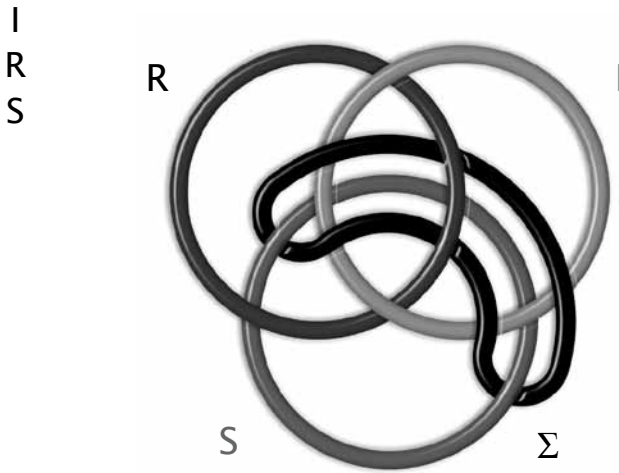
Em O., a angústia no trem mostra o que faz vacilar o enodamento (lapso no nó) que uma quarta corda asseguraria em sua unidade e nominação. Faço-me então várias perguntas encadeadas: seria possível ler o momento de O. em uma escrita borromeana (nó achatado ou projeção plana do nó)? Qual seria o Nó bo₄³ correspondente? Ou não se trata de Nó bo₄? Mencionarei depois dois analistas que discordam, embora não possa dizer se, na realidade, eles se opõem.

Interessa-me fazer uma hipótese sobre o enodamento, para imaginar as versões ou variantes de escrita que tal enodamento permitiria. Sigo Michel Bousseyroux, que nos diz que é preciso que “a intervenção do analista *acione na medida justa* o analisante no nível dos significantes eleitos de sua *lalíngua*” (Bousseyroux, 2011).

O problema é que, embora haja um só Nó bo₃, há dois Nó bo₄ bem diferenciados. Isto é, quando se invoca um enodamento borromeano de quatro cordas, há dois Nó bo₄ diferentes que respondem. Esses dois nós correspondem ao conhecido nó do *sinthome* (Lacan, 1974–5, aula de 18 de fevereiro de 1975) e ao nó da “realidade psíquica” freudiana (Lacan, 1974–5, aula de 14 de janeiro de 1975).

2 N. da T. Cadeia borromeana de 3 nós.

3 N. da T. Cadeia borromeana de 4 nós.

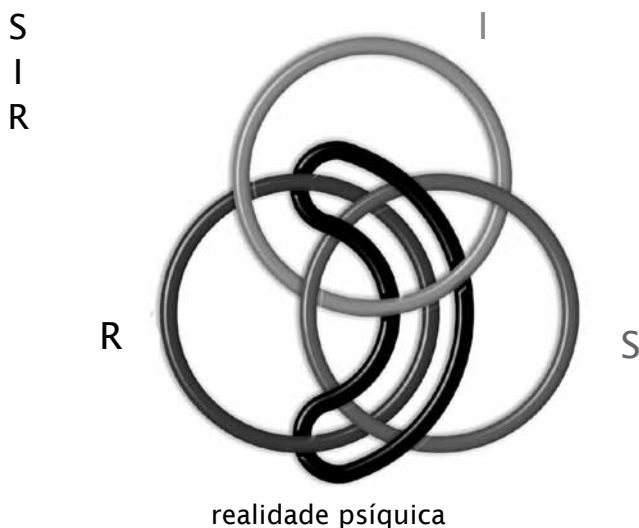


(Lacan, 1974–5, aula de 18 de fevereiro de 1975)

Σ , *sinthome*, NdP

Entendo que esta forma de “escrevê-lo” corresponde a um Nó bo4 que é nó “tranquilo”, estabilizado por um *sinthome* que fixa o simbólico, apoiado pelo *sinthome*... onde “o R se sobrepõe ao S”. Entendo que seria um caminho, mas não parece ser o momento de O., basicamente porque não está de maneira nenhuma “tranquilo”, e a angústia o marca.

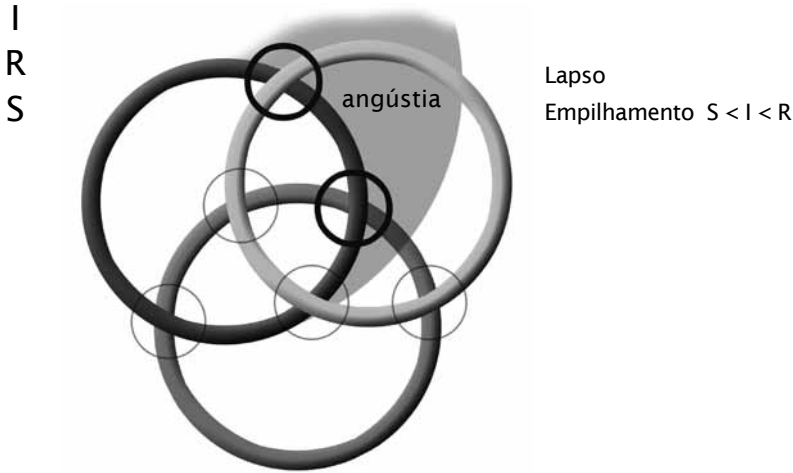
Lacan desenha a concepção freudiana de “realidade psíquica” como um Nó bo4 (Lacan, 1974–75), no qual o simbólico inconsciente é preponderante, e a “realidade psíquica” – Édipo, Deus Pai, *etc.*... que “não se deve rejeitar” – ao entrelaçar-se, mantém o artefato sujeito fixo. O sintoma, “selvagememente, é escrita... letra”; e situa o Pai como o sintoma do sujeito neurótico, e Uma mulher como Sintoma do Pai, este que herda o filho e “crê neles como capazes de dizer algo”.



(Lacan, 1974-5, aula de 18 de fevereiro de 1975)

A realidade psíquica freudiana, Édipo, NdP

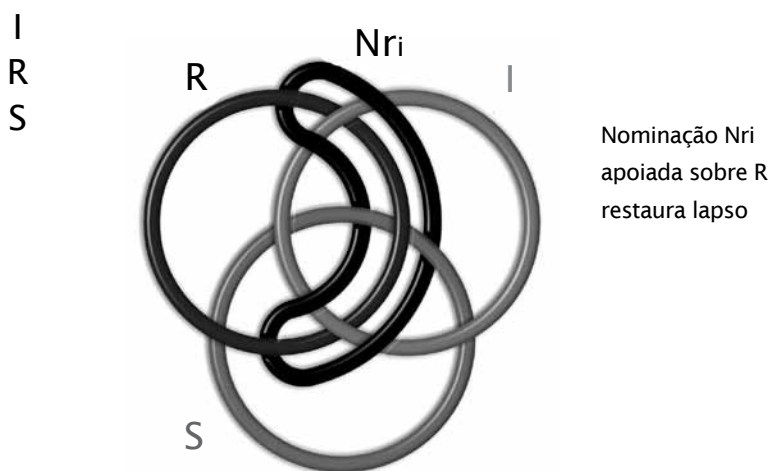
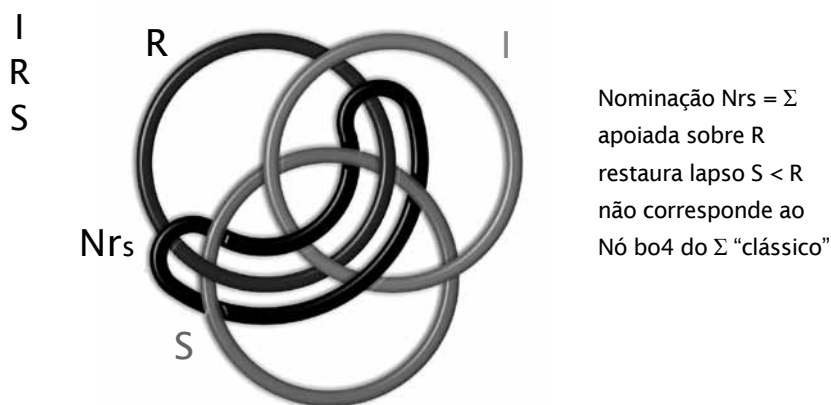
Fabián Schejtman estuda as possíveis escritas do Nó bo₄, localizando os lapsos em um Nó bo₃ desatado, ou seja, um nó em que as três cordas estão soltas (Schejtman, 2013). No entanto, ele não presta muita atenção ao empilhamento de S. R. I. e há três modos possíveis de fazê-lo. O lapso do nó pode ser lido como a escrita fracassada da não relação sexual. O neurótico não teria outra maneira de ler a não relação, a não ser mediante um *sinthome* que a restaure; lê-lo nas formas da inibição, do sintoma e da angústia. Três modalidades de se assegurar algum Nome-do-Pai (NdP).



A pergunta é: existe efetivamente uma nomeação/enodamento “diferenciado” por meio da angústia?

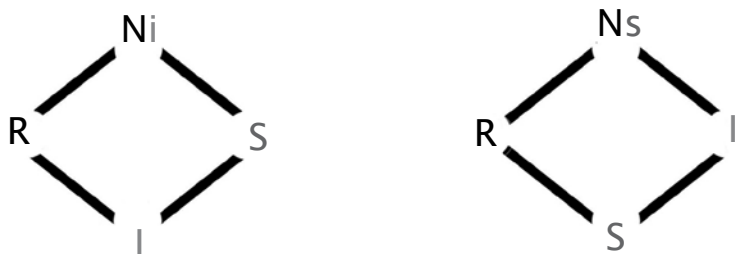
Seguindo a via do Nó bo4, entendo então que, no caso da angústia, intrusão ou transbordamento do Real sobre o Imaginário, o encadeamento se teria feito (ou deveria se refazer) restaurando o lapso do nó no cruzamento $R < I$ ou no cruzamento $S < R$, apoiando sempre a quarta corda da nomeação sobre o Real, que a sustenta. Há então duas possibilidades, se restringirmos o empilhamento a $S < R < I$. Lacan diz em *O Seminário, livro 22: R.S.I.* que, depois de equivocar-se ao entrelaçar o Nó bo4 da “realidade psíquica” freudiana, “não será mais necessário que o Real domine o Simbólico” (Lacan, 1974–5, aula de 13 de maio de 1975).

Desenho aqui as duas possibilidades:



As duas maneiras de restaurar o lapso do nó conduzem aos dois Nó bo4 que existem. E esses dois Nó bo4 correspondem ao nó do *sinthome* e ao da realidade psíquica freudiana. Lacan trabalha amplamente o Nó bo4 em *O Seminário, livro 22: R.S.I.* e em *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Na parte final do primeiro, ele fala de enodamento pela inibição e pela angústia, sugerindo que retomaria o tema no ano seguinte.

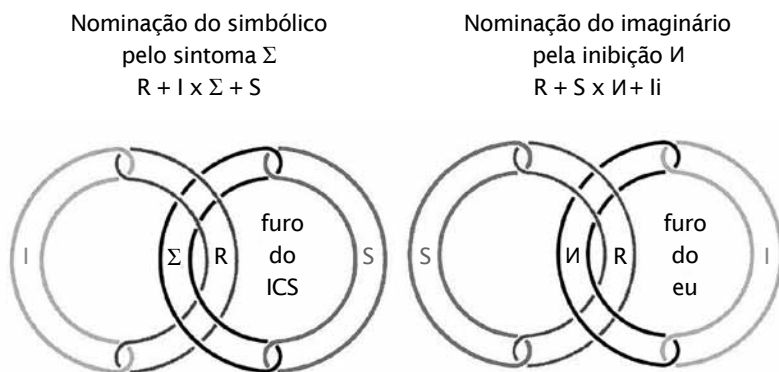
E esta nominação imaginária, [...] nominação índice i (Ni) [...], inibe o manejo de tudo que é demonstrativo, de tudo o que está articulado como Simbólico, faz barra no nível da própria imaginação, e expressa isso de que se trata no corpo e todos sabem que o que interessa do corpo, ao menos na perspectiva analítica, é o corpo enquanto ele forma orifícios: aquilo pelo qual se enoda a algum Simbólico ou Real de que se trata. [...]



Entre estes três termos, nominação do Imaginário como inibição, nominação do Real como o que de fato acontece, isto é, a angústia, ou nominação do Simbólico, quero dizer, nominação implicada, flor do próprio Simbólico, como acontece sob a forma do sintoma, entre os três termos tentarei, no ano que vem – e que eu tenha a resposta não é uma razão para não deixá-la em forma de pergunta – me interrogar sobre o que convém dar como substância ao nome do pai (Lacan, 1974–5, aula de 13 de maio de 1975).

Até onde eu sei, Lacan não retoma *in extenso* este enodamento que, por outro lado, corresponde ao Nó bo_4 , a interpretação borromeana que ele faz da “realidade psíquica” freudiana. Quanto à angústia, haveria duas versões que conduziriam, ou melhor, que seriam conduzidas pelos dois Nó bo_4 diferentes. Mas acontece que uma “nominação” sustentando o Real conduz inevitavelmente à nominação (Ns) pelo *sinthome* sobre o Simbólico ou à nominação (Ni) pela inibição sobre o Imaginário.

Presta-se melhor, para o nosso caso, esta outra escrita do Nó bo4 em forma de circularidade dos falsos furos, que se encontra em *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Tomo-a aqui do livro de Michel Bousseyroux (2011).



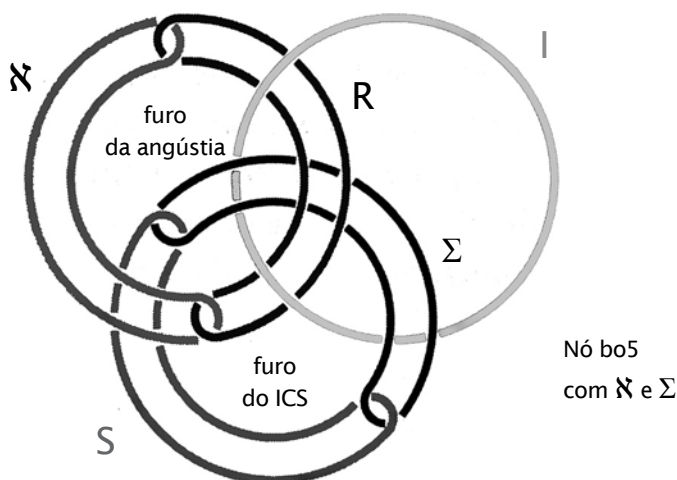
O primeiro desenho corresponde ao Nó bo4, o mesmo nó cuja escrita mais canônica é a do *sinthome*. O segundo corresponde ao da “realidade psíquica” freudiana, que foi elaborado como nominação pela inibição. Neste caso, não conviria chamá-lo de *sinthome* (Σ).

Fabián Schejtman dá certo estatuto às configurações em que um quarto nó sustenta o Real (diz certas “formas da angústia”), mas Michel Bousseyroux opta por considerá-las “enganosas”, pois elas nos “enganam” (Schejtman, 2013; Bousseyroux, 2011).

Pergunto-me, então, se os encadeamentos neuróticos em que há “forte presença da angústia” poderiam ser – seguindo a proposta de Lacan de ler o nó esperando algo dele – lidos como “diagnóstico diferencial” da modalidade da angústia, para um possível tratamento analítico. E agora, parafraseando Michel Bousseyroux, pergunto-me se sobre a possibilidade de puxar o nó do dizer onde se esconde a verdade.

Mas e se O. tivesse sustentado sua nominação pelo lado da angústia? Isso implicaria um enodamento que não permitiria o “jogo” sobre a inibição, nem sobre o *sinthome*. Ou seja, será que é plausível uma nominação “diferenciada” pela angústia? Uma nominação direta do Real?

Retomando o desafio do final de *O Seminário*, livro 22: *R.S.I.* de colher cerejas dos “4, 5, 6”, Michel Bousseyroux (2011) propõe um enodamento de cinco cordas que ele chama de “nominação do real do Pai pela angústia”.



Se fracassasse o enodamento a quatro, ou seja, o Nó bo4 pelo sintoma ou pela inibição, haveria outra oportunidade de fixação borromeana.

Michel Bousseyroux trabalha com os “falsos furos” que circundam duas cordas justapostas, mas não enlaçadas. Os pares formam um falso furo de modo similar a como cada registro circunscreve um furo que lhe é próprio. Ele situa a angústia num falso furo organizado por uma 5ª corda (que marca como *aleph*, $\aleph$) justaposta

em circularidade com o Real. Assegura-se assim a nomeação do Real, prendendo o Imaginário e o falso furo do inconsciente ajustado pelo Simbólico e pelo *sinthome*.

Enfim... só posso terminar com interrogações: pode um mesmo sujeito neurótico se situar nas duas vias do Nó bo4? Ou a cada sujeito corresponde, de forma excludente, uma ou outra via? Chamariamos “neurótico” um sujeito que correspondesse ao Nó bo5, proposto por Michel Bousseyroux, ou este nó só serviria para categorizar outro tipo de sujeito? No caso de O., com tão pouco material, seria muito imprudente dizer algo nesse sentido.

Tradução de Tereza Oliveira
Revisão de Vera Pollo

Referências bibliográficas

- BOUSSEYROUX, Michel. *Au risque de la topologie et de la poésie. Élargir la psychoanalyse*. Toulouse: Éres, 2011.
- LACAN, Jacques. (1956–57). *El Seminario, libro 4: la relación de objeto*. Buenos Aires: Paidós, 1994.
- _____. (1964). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 865–868.
- _____. (1973–74). *Le Séminaire, Livre XXI: Les non dupes errent*. Paris: Clorinda Scrisit, 1981 [Inédito].
- _____. (1974–75). *Le Séminaire, Livre XXII: R.S.I.* Inédito
- _____. (1975–76). *El Seminario, libro 23: el sinthome*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- SCHEJTMAN, Fabián. *Sinthome. Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Buenos Aires: Gramma, 2013.

Resumo

Um pedido de análise explícito nem sempre o é na verdade, ainda que se formule desse modo. No entanto uma demanda qualquer pode ser pensada, analisada e comentada a partir do ponto de vista psicanalítico, em que reside sua especificidade e, se acertamos, sua efetividade. O método borromeu pode contribuir com alguma luz sobre as circunstâncias de um sujeito e sustentar conjecturas acerca de um possível tratamento sob transferência. O que acontece com a angústia?

Palavras-chave: Demanda. Psicanálise. Angústia. Método borromeu.

Abstract

A request for psychoanalysis is not always as explicit as it might seem. Nevertheless, any demand can be thought, analyzed or commented from the psychoanalytical point of view, in which resides its specificity and, if we succeed, its efficiency. The borromean method can shine some light over the subject's circumstances and support conjectures of a possible treatment under transference. What does happen with anxiety?

Keywords: Request. Psychoanalysis. Anxiety. Borromean method.

Jorge Chapuis

Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) na Espanha. Membro fundador de P&S, Centro de Investigaciones Psicoanálisis y Sociedad, Barcelona. E-mail: chapuis@telefonica.net

RESENHA

Da fantasia de infância ao infantil na fantasia¹

Bela Malvina Szajdenfisz

Resenha de

PACHECO, Ana Laura Prates.² *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. São Paulo: Annablume, 2012. 308p.

Existe ou não especificidade na psicanálise com crianças? Esta é uma questão que a autora propõe a partir de sua própria clínica, e em função do tropeço no tratamento de um sujeito criança. Zeti interrompe abruptamente a análise, provocando um furo que permitiu a Ana Laura Prates, autora de *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*, perceber como “a criança” estava fazendo obstáculo ao “sujeito”. A experiência lhe trouxe a premissa de que os problemas enfrentados na direção do tratamento psicanalítico com crianças são decorrentes da sobreposição da criança ao sujeito e da valori-

-
- 1 Este livro foi debatido em uma atividade da Biblioteca do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, *Conversa com os Escritores*, em 12 de abril de 2016, e teve como debatedora Rosane de Braga Melo, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, membro do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, membro do Fórum Rio e professora da UFRRJ.
 - 2 Ana Laura Prates Pacheco, doutora pelo Instituto de Psicologia da USP, pós-doutora pela UERJ, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano de São Paulo, membro fundador do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, onde coordena a Rede de Pesquisa de Psicanálise e Infância.

zação da infância como fase da vida, em detrimento da conceitualização do infantil como um lugar.

A partir de Lacan, ela indica um trabalho com crianças norteado pelos conceitos de sujeito do inconsciente, tempo lógico e estrutura clínica. Esclarece a função da fantasia na relação entre constituição do sujeito e estruturas clínicas, na medida em que ela desconstrói o conceito e os preconceitos do significante “criança”, sob os pontos de vista sociológico, histórico e psicanalítico.

O título do livro *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia*, bastante convidativo à leitura, nos é apresentado através de dois belíssimos prefácios que apontam para a versão da autora enquanto sujeito barrado na posição de ensinante. Antonio Quinet extrai um subtítulo implícito, ao retomar a questão preliminar da autora ao se dispor a todo tratamento possível de crianças pelo discurso psicanalítico, propondo-se a não recuar frente ao desafio de tratar a criança como um sujeito dividido entre os significantes que o determinam e o gozo que o causa. Aponta para a necessidade de arrancar a criança da posição objetalizada e debilitada que o discurso dominante a coloca, um prefácio que está alinhado com Lacan ao indicar sua resposta à questão da criança “Que sou eu?”, que sugere um “Deixa-te ser” e não um “Tu és uma criança”.

Pablo Peusner, por sua vez, refere-se às dificuldades no cotidiano de um trabalho analítico com crianças na Argentina, cuja política institucional é restritiva a esse tipo de atendimento. Sinaliza o quanto uma obstância clínica pode permitir à autora pensar sobre sua resistência ao dar lugar ao infantil na lógica da fantasia do sujeito, independentemente de sua idade. Assinala que, ao habitar o que Lacan chamou de “a fronteira móvel da conquista psicanalítica”, surge uma possibilidade de rever a posição da analista e redobrar sua aposta pelo desejo do psicanalista na clínica com crianças. De acordo com Peusner, foi essa fronteira móvel que permitiu à autora inserir na psicanálise o que antes estava fora, e convocar os analistas a revisarem suas posições.

Na introdução, Ana Laura parte para a construção do caso clínico com questões que perduraram por vários anos e que lhe permitiram ver o quanto sua própria fantasia de infância ofereceu uma resistência ao desejo do psicanalista. Relata-nos que, em 1996, analista ainda iniciante, recebe Zeti, um menino de sete anos que chega acompanhado de sua mãe com um sintoma de encoprese. A responsável solicita à analista um psicodiagnóstico para ser entregue à escola. Queixa-se de que Zeti vive sujo de cocô e que a reclamação da escola a incomoda. Muito angustiada não só pela acusação de falta de cuidado por parte da escola, mas também pela imputação proferida pelo filho, conta para a analista que o pai de Zeti é um sujeito um tanto quanto ausente. Isto faz com que ela pense sobre a transmissão da lei na constituição do sujeito e também sobre o lugar que o analista ocupa.

Assim, no aquecimento dessa partida, já se pode antever as dificuldades que nos oferece, enquanto analistas, uma clínica que nos obriga forçosamente a discriminar a ordem imaginária do ambiente familiar – onde se pode falar de maternagem e da presença do pai – da ordem simbólica onde o desejo do Outro e o Nome-do-Pai encontram-se articulados na estrutura. Em que pese, ainda, o fato de que o ato analítico – via operação de transferência – deve visar o ponto de correspondência que prende o sujeito a essa estrutura. Caso contrário, caberia perguntar se não se estaria visando a criança e, neste caso, que lugar estaria ocupando o analista? (p. 27).

Ao dar início ao tratamento de Zeti, percebe que há um pedido explícito de análise na fala da criança: “Alguma coisa está me incomodando/muitas dificuldades”. Em seus desenhos, uma exposição do sintoma (janelas e portas abertas e fechadas; a perna errada ou curta) e, ao desenhar um anão e uma gigante, uma antecipação da posição subjetiva diante do Outro.

A partir de desenhos e jogos de força, sua sujeira vai virando tinta, desenhos de explosões e palavrões. O efeito mais evidente da entrada em análise se dá com a remissão do sintoma de prender/fazer cocô. A emergência do sujeito do inconsciente vai se revelando através de atos falhos, chistes e deslocamentos, fazendo surgir duas questões cruciais a respeito da posição de Zeti quanto ao homem na linguagem familiar e também frente ao enigma do desejo da mãe. O que é um pai? O que quer uma mulher?

Ante a demanda de Zeti por um pai, a analista convoca juntamente com a criança o pai da realidade. Mas será que é possível fazer o pai da realidade funcionar na estrutura, ela se pergunta. Um pai, enquanto operador estrutural, só é alcançado a partir de um lugar vazio e sem comunicação. O pai de Zeti não pôde responder naquele momento. O menino passa a frequentar o consultório vestido de goleiro e a fazer defesas de bolas que ele propõe que sejam lançadas pela analista, o que a deixa um pouco desconcertada. Em uma dessas jogadas, Zeti se atira ao chão e grita: “Essa bosta não vai mais sair daqui!” Ao que a analista pontua: “Bosta?!” Ele retruca e diz: “Eu disse bola”. A analista então sublinha: “Essa bosta não vai mais sair daqui...” e corta a sessão. A partir daí, Zeti não sai mais da posição colérica, pois este foi o exato momento em que teve lugar uma “bola fora”. Uma interpretação fora do lugar, selvagem. Zeti toma o corte como uma ferida narcísica. Recusa-se a voltar à análise, o que deixa a analista diante de um real incompreensível.

Contudo Ana Laura pôde retomar anos depois o tratamento de Zeti, que retorna. E, dessa vez, ela o retoma com uma escuta analítica advertida. Através de algumas reflexões, foi possível analisar os impasses, as resistências na condução da análise de Zeti, e dar um tratamento teórico para o caso, com ênfase em três pontos: a sobreposição da criança ao sujeito; a posição da analista quando inadvertidamente solicita a presença do pai para sustentá-la em seu trabalho analítico; a bola como objeto *a*.

As questões cruciais que surgem na clínica com crianças são apresentadas em cinco densos capítulos, com temas bem articula-

dos, e um desfecho que responde aos pressupostos levantados no início do livro e que diz respeito à legitimidade e à especificidade da clínica psicanalítica com crianças.

No primeiro capítulo, sustentando-se em Ariès, ela discorre sobre a construção do conceito “criança” a partir da visão histórico-socio-econômica da Idade Média, em que o sujeito era visto como um adulto em miniatura. Este ponto de vista começou a se transformar apenas a partir da concepção moderna de infância no mundo ocidental. A autora traz outras referências da ideia contemporânea de criança no que se refere ao infantil transistórico, para dar relevo às contribuições de Freud. Aponta, ainda, para as dificuldades dos profissionais com essa clínica e para os riscos ao tentar reduzir esta experiência a uma “pedagogização do sexo”; dá ênfase à construção de uma fantasia de infância na psicanálise, em detrimento do conceito de “infantil”; e salienta o fato de que um analista deve se manter advertido perante o discurso contemporâneo relativo à infância.

No capítulo dois, que versa sobre o tratamento psicanalítico com crianças e suas direções, Ana Laura apresenta alguns psicanalistas que se dispuseram a atender tais sujeitos a partir do estofo freudiano. Dentre eles, temos Anna Freud e Melanie Klein, com controvérsias a respeito da pedagogia e da psicanálise; Winnicott, que apresentou contribuições sobre o brincar, a realidade e a fantasia; Françoise Dolto e Maud Mannoni, que abarcaram a questão da criança na estrutura familiar; Jacques Lacan, que trouxe elaborações precisas em *Nota sobre a criança*; e Rosine e Robert Lefort, que defenderam a unidade da psicanálise.

Ao percorrer a história das experiências dos psicanalistas que se propuseram a trabalhar com crianças, a autora nos esclarece como se deu essa divisão da psicanálise com adultos e da psicanálise com crianças, bem como seus desdobramentos clínicos e teóricos. Ainda nesse capítulo, traz o debate atual no Campo Lacaniano sobre a questão do tempo da fantasia e do fim de análise. Para tanto, o sujeito precisa ter construído suficientemente a fan-

tasia que o anima. Apoia-se em Soler, Sauret, Miller e outros para desenvolver este tema.

O trabalho com crianças remete à relação do sujeito com a realidade, com seu corpo, seu desenvolvimento e seus pais. Ana Laura ressalta que, em psicanálise, é preciso refletir sobre o conceito de fantasia e seus desdobramentos, no que concerne às relações de objeto. Há um leque de questões a respeito da relação entre o que é “fixado pela estrutura”, como aquilo que pode ou não “ser evitado”, e o que pode ser decidido no que se refere ao gozo – que, em última instância, diz respeito ao sintoma neurótico e à fantasia que o sustenta (p. 137).

No terceiro capítulo, a autora trata da constituição do sujeito para a psicanálise, na qual a linguagem ganha proeminência por ser fundante da dimensão humana. Nesse tópico, percorre o ensino de Lacan através de seus seminários até a construção do conceito de objeto *a*. Traz as contribuições de Saussure e Lévi-Strauss, e da leitura de Lacan sobre a obra de Freud, dando relevo à formação do eu – da insuficiência à antecipação via esquema ótico. Ilustra, através do esquema L, os problemas levantados pelo eu e o outro, pela língua, e fala na relação com o semelhante atravessado pelo Outro do simbólico. Propõe, em seguida, três categorias de falta de objeto (frustração, castração e privação) a partir da tríade imaginária mãe/criança/falo e, na sequência das formalizações teóricas, apresenta a metáfora do Nome-do-Pai, que esclarece como o pai se torna o portador da lei. Trabalha, ainda, a construção do grafo do desejo com as duas determinações que compõem a teoria do sujeito na psicanálise, formalizadas a um só tempo até alcançar a inovação topológica estrutural.

No capítulo quatro, desdobra a questão do tempo na clínica com crianças, embasada no diagnóstico estrutural, na exploração da estrutura e na decisão do sujeito, resgatando o alerta de Colette Soler ao afirmar que a alienação é o destino e que a separação requer do sujeito o querer separar-se da cadeia significativa.

Finaliza com o quinto capítulo, aprofundando a reflexão sobre o lugar do infantil na construção da fantasia e ressaltando

que a clínica psicanalítica permite ao sujeito construir sua fantasia fundamental a partir da rememoração, da reestruturação e da ressubjetivação, possibilitadas pelo deslocamento significante. A ética da psicanálise diz respeito ao sujeito do inconsciente, seja ele criança, adolescente ou adulto. O que separa, portanto, as duas categorias – criança e adulto – é a ética com a qual cada um usufrui de seu gozo.

Ao concluir, Ana Laura Prates retoma a questão da direção do tratamento psicanalítico, da fantasia de infância ao infantil da fantasia, relembrando que a clínica psicanalítica, ao operar sobre a fantasia, revela a política de tratamento sustentada pelo desejo do analista. É no plano político que se diferencia o analista do mestre, cuja posição pode ser ocupada indevidamente pelo analista desavisado quando ressuscita seus sentimentos e se embaraça com a fantasia de infância que povoa seu imaginário.

[...] os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo: o do morto; e que, ao ressuscitá-lo, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz.

Eis por que o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática.

[...] é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.

[...] sua ação sobre o paciente lhe escapa (Lacan, 1958/1998, p. 595-596).

Retornemos, então, às questões iniciais. Como dirigir um tratamento analítico de um sujeito-criança? É uma prática clínica reduzida quanto à direção de tratamento? O que impede o analista de receber uma criança e escutá-la sem preconceito? Ao lidar com esse sujeito como uma criança, Ana Laura Prates confessa ter se deixado levar por suas fantasias de infância, o que a fez pensar na direção do tratamento psicanalítico com crianças, na sua

validade e também nas diferenças entre conceitos como sujeito e criança, infância e infantil, tempos cronológico e lógico.

Alicerçada nesse estudo, adverte-nos de que o ato analítico deve sempre visar o infantil, a outra cena do inconsciente, uma vez que todo sujeito neurótico, tomado em análise, posiciona-se nesse lugar. A definição lacaniana no que se refere à criança é correlata à realização do objeto *a* na fantasia do sujeito adulto. Destarte, não há especificidade na orientação clínica com crianças, pois todo sujeito neurótico está entrelaçado com o objeto da fantasia sobre o qual o analista opera.

Apresentada de uma forma original, esta pesquisa nos possibilita um exame acerca dos impasses e resistências na condução do tratamento psicanalítico com crianças, e assinala uma direção possível diante da idade cronológica do sujeito, seja ela qual for. Cito a autora:

Para além de um questionamento sobre a criança, portanto, temos que nos perguntar de que sujeito se trata na psicanálise e, ainda, qual a relação existente entre esse sujeito e o infantil, já que poderíamos dizer que a psicanálise sempre trata de neurose infantil. Se a neurose é sempre infantil é porque, a despeito das teorias sobre a maturação e a cognição, há algo fundamental que não se desenvolve (p. 36).

Ao ser colocada por Zeti para atirar a bola (ou bosta?!), a analista “pisou na bola”, mas não a ponto de não poder reverter o jogo em um segundo tempo, em função de um resto de traço transferencial. Suas indagações, suspensas por ocasião da ruptura, efeito de um *furor sanandis* da analista, puderam ser retomadas em um *a posteriori*, o que possibilitou apresentar esse interessante caso de modo fluido, claro, transparente, fazendo valer seu ensino em prol do enriquecimento dos trabalhos de analistas na clínica com crianças.

Referência bilbiográfica

LACAN, Jacques. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Bela Malvina Szajdenfis

Psicanalista, licenciada em Psicologia e Letras, Mestre em Psicologia da Educação (FGV-RJ) e em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA-RJ), membro da IF/EPFCL, do Fórum do Campo Lacaniano-RJ e de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ.
E-mail: bmal.trp@terra.com.br

Instruções aos autores

Objetivo da revista

A revista *Folhetim* é uma publicação semestral do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. Tem por objetivo divulgar conferências, palestras, artigos, pesquisas, casos clínicos e resenhas dos membros e/ou participantes dos Fóruns da IF-EPFCL.

Instruções aos autores

Serão aceitos apenas artigos inéditos que estejam dentro das normas de publicação abaixo discriminadas e que obedeçam à seguinte formatação:

Apresentação gráfica

1. **Formato:** o artigo deve ser digitado na cor preta, no formato A4 (21 cm x 29,7 cm), posição vertical. Todo o artigo deve ser digitado em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento justificado, espaçamento 1,5 cm entre linhas, parágrafo de 1,25 cm. As exceções são as citações com mais de 3 linhas, as referências bibliográficas, as notas de fim e as legendas das ilustrações, cujas normas estão dispostas abaixo.
2. **Margens:** esquerda – 3 cm; superior – 3 cm; direita – 2 cm; inferior – 2 cm.
3. **Espaçamento:** as partes pré-textual e textual devem ser digitadas em espaço de 1,5 entre linhas, porém devem ser digitadas em espaço simples as citações de mais de 3 linhas, as notas de fim e as referências.
4. **Paginação:** todas as folhas devem ser contadas sequencialmente, numeradas com algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior.
5. **Notas de rodapé:** as notas devem ser digitadas em fonte Times New Roman, tamanho 10, alinhamento justificado, espaçamento simples entre linhas, dentro das margens.
6. **Ilustrações, tabelas, gráficos, grafos, matemas, figuras, quadros:** em quaisquer desses casos, sua identificação deve aparecer na parte inferior, constando os seguintes itens: nome do autor, título designativo e/ou da legenda explicativa de forma breve e clara (em negrito), ano e número de página da obra consultada.
Exemplo: LACAN, Jacques. **Superfície mínima do cross-cap**. 1962–63/2005, p. 149.

7. Palavras em destaque: o recurso itálico é utilizado apenas para destacar palavras estrangeiras e neologismos. Recursos como negrito ou sublinhado não devem ser utilizados ao longo do texto.

8. Citações: é de total responsabilidade do(s) autor(es) a apresentação correta e fidedigna das citações em seu texto. Estas fontes devem estar contidas obrigatoriamente nas referências bibliográficas ao final do texto. Os títulos das obras citadas ao longo do texto devem vir entre aspas.

Citações indiretas: ideia e/ou conceito de um autor citados de forma indireta.

Exemplo: Todo desejo é marcado pela falta, isto é, apenas onde há falta pode emergir o desejo. Então, à medida que a mãe interpreta o choro do bebê, permite que se insira um furo, uma falta de significante (Lacan, 1966/1998).

Citações diretas de até 3 linhas, devem estar entre aspas duplas e conter entre parênteses o nome do autor, a data da publicação e o número de páginas.

Exemplo: “A chave que lhes forneço lhes permitirá ver o verdadeiro sentido a ser dado, na pluma dele, à expressão ‘perda de objeto’” (Lacan, 1962–63/2005, p. 52).

Citações diretas com mais de 3 linhas devem estar sem aspas, com recuo de 4 cm, espaçamento simples, tamanho 10.

Exemplo: O registro do significante institui-se pelo fato de um significante representar um sujeito para outro significante. Essa é a estrutura, sonho, lapso e chiste, de todas as formações do inconsciente. E é também a que explica a divisão originária do sujeito. Produzindo-se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui fala, mas ao preço de cristalizá-lo. O que ali havia de pronto para falar..., o que lá havia desaparece, por não ser mais que um significante (Lacan, 1966/1998, p. 854).

Estrutura do texto

9. Folha de rosto: deve conter o título do trabalho em caixa alta, negrito, centralizado, fonte Times New Roman, tamanho 12 (máximo de 10 palavras), alinhamento entralizado, em português e inglês, acrescido do resumo (máximo de 200 palavras) em português, inglês, francês e espanhol. Também deve conter as palavras-chave (máximo de 5 palavras) em português, inglês, francês e espanhol.

10. Folha de identificação: deve conter os dados de identificação do(s) autor(es), como: nome completo, titulação, endereço postal, telefone, e-mail, Fórum ao qual pertence e uma breve descrição do currículo (máximo de 3 linhas). Este item deve ser digitado em fonte Times New Roman, tamanho 12, alinhamento justificado, espaçamento 1,5 cm entre linhas.

11. **Referências:** devem ser apresentadas ao final do texto em ordem alfabética, sob as normas da ABNT. No caso de mais de uma obra do mesmo autor, organizá-las por ordem cronológica. As referências bibliográficas devem ser digitadas em espaço simples entre linhas, com espaçamento automático antes e depois de cada referência, sem parágrafo.

Observação: Nos textos citados de Freud e Lacan, a data da publicação original deve constar logo depois do nome do autor, entre parênteses.

Exemplos:

Livros

SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. *Título do livro*: subtítulo. Local de publicação: Editora, ano de publicação.

Capítulo de livros

SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. Título do capítulo: subtítulo. In: SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. *Título do livro*. Local de publicação: Editora, ano de publicação. Páginas inicial e final.

Periódicos

SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. Título do artigo: subtítulo. *Título do periódico*, Local de publicação, Instituição, número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final do artigo, mês e ano de publicação.

Teses e dissertações

SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. *Título*. Local: Programa de Pós-Graduação/Universidade, ano de publicação. Dissertação (Mestrado em x) ou Tese (Doutorado em x).

Documento eletrônico

SOBRENOME do autor, Prenomes sem Abreviatura. *Título*. Edição. Local: ano, número de páginas ou volume (série) (se houver). Disponível em: <<http://www....>>. Acesso em: dia mês (abreviados) ano.

Processo de avaliação dos artigos

Os artigos enviados para a revista *Folhetim* devem obedecer às normas de publicação estipuladas pelo Editor e pela Comissão Executiva, explicitadas nas **Instruções aos autores**, e devem ser originais, destinados apenas à publicação nesta revista. Os artigos que falharem em cumprir estas recomendações serão devolvidos.

A Comissão Editorial receberá cada artigo e distribuirá para dois pareceristas que avaliarão se o mesmo obedece às recomendações editoriais e às normas de publicação

da revista. Em caso de discordância entre os dois pareceristas, será solicitada a avaliação de um terceiro. A autoria do artigo será mantida em sigilo à medida que os pareceristas receberem os textos. Ao fim desse processo, o artigo pode ser classificado como: aceito, aceito mediante modificação ou recusado.

Os artigos aceitos mediante modificação serão enviados ao(s) autor(es) com as recomendações dos pareceristas e devem ser ressubmetidos no prazo estipulado, podendo o artigo ser aceito ou recusado. Cabe ao Editor e à Comissão Executiva a decisão final sobre a publicação, e a estes fica reservado o direito de fazer modificações de formatação que se mostrem necessárias.

Direitos autorais

Os direitos autorais de todos os artigos publicados pertencem à revista *Folhetim*. A reprodução total ou parcial destes artigos em outras publicações deve conter as referências da *Folhetim* consultada.

